

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES**

ANA LUIZA SCHUCHTER

***Ações callejeras, Mujeres Creando, Resistências feministas na arte da vida: práticas
artísticas, alianças, multidões e histórias.***

Niterói
2017

ANA LUIZA SCHUCHTER

Ações callejeras, Mujeres Creando, Resistências feministas na arte da vida: práticas artísticas, alianças, multidões e histórias.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito à titulação de Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes.

Campo de confluência: Estudos Críticos das Artes.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Marina Cavalcanti Tedesco

Niterói
2017

ANA LUIZA SCHUCHTER

Ações callejeras, Mujeres Creando, Resistências feministas na arte da vida: práticas artísticas, alianças, multidões e histórias.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito à titulação de Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes.

Campo de confluência: Estudos Críticos das Artes.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Marina Cavalcanti Tedesco – UFF
(Orientadora)

Prof^a Dr^a Tania Cristina Rivera – UFF

Prof^a Dr^a Angela Aparecida Donini – UNIRIO

Niterói
2017

RESUMO

Essa pesquisa mira, desde as bordas, a um fazer-escrita que não reivindica a posição de crítica de arte, mas utiliza-se dela como dispositivo enquanto vai *se dobrando* em si mesmo e *tentando* (re)enxergar as marcas deixadas por essas dobras. Dobra e se debruça sobre as ações *callejeras*, friccionando *histórias* desde as práticas artísticas com *Mujeres Creando*, as *encontras - Resistências feministas na arte da vida* e a convocação do *Caminhando* de Lygia Clark; admitindo que as *histórias* atravessam os corpos e as subjetividades, e estes atravessam o processo da escrita. O ato de dobrar-se busca (des)entender, visualizar e (des)compreender as marcas consentidas, ao passo que admite as potências de re(des)fazer e (des)construir memórias a partir também das marcas não consentidas, as que fomos habituados a desenxergar. Nesse processual refazimento/desfazimento de memórias, ao se deparar com as *histórias* que foram caladas e encobertas de muitas camadas, empreende escrita-dispositivo de reviramento dos escombros e das ruínas dos entornos, procurando formas de *habitar* distinto. As potências dos encontros, desencontros, alianças, rompimentos, consenso e dissenso são adicionadas todas ao processo, de forma que coabitam em uma trajetória que cria estratégias de construir ou desconstruir uma escrita desde as bordas do que vivemos e do contexto sócio-político-cultural onde estamos inseridos. O esforço empreendido aqui é o do desejo de recontar e ouvir *histórias* desde perspectivas e vozes outras, considerando que as vozes que sempre falam não precisam desses ouvidos de agora. O corpo mesmo já é multidão que somos.

PALAVRAS-CHAVE: Ações *callejeras*; *Mujeres Creando*; *Resistências feministas na arte da vida*; a escrita nas bordas.

Sumário

Como contar <i>histórias</i> que somos	6
Primeira borda	16
Escritas estratégicas para <i>escorrer</i> de espaços.....	24
Segunda borda	40
¡ <i>Mujeres</i> abrindo brechas!	40
Terceira borda.....	64
Escrita desde os afetos e desafetos.....	83
“Tecer à margem”	88
E.....S.....C.....O.....R.....R.....O.....	
.....	99
Referencial Bibliográfico	101

Como contar *histórias* que somos

Eu me pergunto aqui e pergunto a você por que não contamos as *histórias* (no diminutivo e plural) desde as perspectivas do que a nós aconteceu e do que aconteceu ao nosso redor. Montamos, remontamos, vivemos e desmontamos *histórias* a todo tempo. A cada dia muitas *histórias* diferentes são contadas, vividas, revividas, observadas e apagadas. Desabituaados estamos que é costume repetirmos a História (com maiúscula) desde uma perspectiva externa que possa ser legitimadora e acabamos por deixar nossas impressões, afetos e desafetos de lado nas narrativas.

Dessa forma ajudamos a perpetuar uma lógica onde um lado da História é sempre tomado como a parte legítima, ou de credibilidade, e as ditas “menores”, as *histórias* que somos, tornam-se desimportantes. Tão desimportantes que ficamos desimportantes também e nos desimportamos de nós e desenxergamos nosso entorno mantendo o foco nesse outro lugar que carrega essa importância tal que na grande maioria das vezes nem partilhamos ou alcançamos. Pensando nisso percebo que somente no esforço de contar *histórias* que me fazem e me atravessam posso construir a escrita desse texto de dissertação que me aperta tanto e me esmaga, pois por vezes me deparei com uma distancia abissal entre nós.

**“Somos muitas as que sobrevivem
e nossas *histórias*¹ precisam
ser contadas” Cíntia Guedes²**

Persisto no exercício de rodear a própria ideia de construir uma dissertação contando aqui sobre as bordas por onde percorri nesses vinte e quatro meses mestranda. As *histórias* das bordas dos encontros que vivi, dos textos que li, dos que escrevi com caneta, dos que digitei e dos que somente cogitei; de tudo que vi nesses meses, das aulas que frequentei pelo PPGCA (Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes), na borda do que foi o estágio docente para a formação desta que vos escreve e nas bordas onde eu-corpo pude transitar e me friccionar. A todas essas eu sobreponho as páginas desse trabalho que foi de corpo inteiro e a isso adiciono ainda as palavras aqui marcadas que certamente me fizeram chegar a esse espaço tempo que foi o agora.

¹ *Grifo nosso.*

² (GUEDES, 2015, p.17).

Introduzo esse texto, portanto, e me dirijo a você e suas *histórias*. Convido-te a misturá-las a estas aqui recontadas. Essa pesquisa é feita desde as potências dos encontros/desencontros, alianças/rompimentos e a partir da prática do desvio dos olhares para as múltiplas *histórias* que nos compõem e nos constituem ao longo de nossas perambulações pela vida. Falo em nós porque esse texto não me diz sozinha, me diz do que foi, do que fui e do que serei em conjunto com uma multidão de corpos que bailam comigo em diversos momentos. Escrevo das vozes que ouço ao redor, do que consigo alcançar. O texto fala por si através de muitos interlocutores que convido a esta imersão comigo. Dos parceiros das ruas, dos amigos, dos amores, dos afetos que construí. Dos desafetos, das parcerias rompidas e dos amores que descontinuí.

Todos esses encontros, com o amor, com a amizade, mas também com a monstruosidade vieram, de uma hora pra outra, junto às inúmeras transformações que possibilitaram a aproximação com minha própria história de vida, não uma historiazinha íntima de minha suposta interioridade, mas sim a escrita de meu percurso de subjetivação na coletividade. Muito difícil a decisão, muito sutil a linha entre ficar na invisibilidade e continuar lutando em uma batalha de solo infértil onde estão os zumbis. Não é nesse lugar que é possível tecer as aproximações com a experiência real de cada um, exercício necessário para imprimir vida a qualquer processo (DONINI, 2010, p. 18)

Escavar as *histórias* de vida que me constituem não quer dizer, em absoluto, expor pessoalidades e interioridades, mas como des-desenha Ângela no fragmento acima, procuro trazer para compor o processo de escrita meu percurso, minhas construções e desconstruções, na subjetivação mesma que se dá por via das coletividades que posso respirar nos percursos em multidão. Escavo para trazer à tona *histórias* reais outrora desautorizadas e mortificadas. Depois de tantos “nãos” eu abraço o exercício de desmortificar e imprimir vida nesse processo que aqui se dá.

Convoco aqui os embaraços que desembaracei e os fios penteados que embolei. Considerando, de saída, essas potências todas como de igual importância, no dissenso e no consenso construindo ou destruindo. Não posso ter ideia do que se tornará esse texto de dissertação a partir desse momento em que o introduzo, mas acredito na potência de nossas camadas de vida atravessadas pelas múltiplas *histórias* que busco contar enquanto me fricciono de corpo e alma com ele que produzo nas andanças e nas conversas com as multidões. Nas bordas desses acontecimentos essa pesquisa não pretende alcançar de fato uma resposta, mesmo que pensar isso não seja exatamente o usual na academia. Admito que busco me apaixonar e desapaixonar em muitas proporções muitas vezes e exercitar os olhares para todas as direções possíveis.

Não pretendo defender teorias, mas convocar a experimentação da possibilidade de se confundir e se contaminar com essas *histórias* que se misturam aqui. É apostando na potência da confusão (sem com isso fazer uma ode a ela, mas admitindo sua existência e importância) que podemos desconfiar dos caminhos dados e nos instigarmos a passar por outros. Quem sabe pode existir aí uma possibilidade de promover deslocamentos (mesmo que momentâneos) de nossos locais de origem e conforto? É ouvindo e lendo múltiplas *histórias* que podemos ver de frente a potência de se confundir; e é nos dissensos que pode residir a possibilidade de experimentar o contato com outras perspectivas, fazendo-nos multidão para logo desfazermos-nos novamente. Tampouco pretendo respostas rápidas e desconfio sempre que elas nos levam a lugares muito comuns e já pisados.

Busco não partir da mentira da “igualdade” que não há nem houve, nunca. Se existe um pressuposto para leitura desse texto diria que é justamente desconfiar dessas falácias e naturalizações. Não somos iguais, somos muitos, pluralificados e espalhados. Constituídos de múltiplas potências nos distinguimos na construção de nossos afetos e nos caminhos que tomamos ao longo da vida. Lugares comuns como a ideia de igualdade não nos levam a pensar enquanto seres distintos socialmente que somos, mas a convergir na maior parte das vezes para postulados teóricos redutores e lugares vazios nos espaços/tempos. Vazios de significados e de corpos em realidade, pois sabemos que essa busca por nos entender e reduzir a indivíduos “iguais” não passa de algo arquitetado para minar as muitas camadas heterogêneas existentes, uniformizar-nos e mascarar ainda a estrutura de violência que bombardeia determinados corpos e existências infinitamente mais que a outros.

Gosto de ler e reler quando Paul B. Preciado escreve *Nós dizemos revolução* (2013) onde esse “nós” não é preenchido de categorizações e identidades que se reivindicam fixas em tempo, espaço e pares. “Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão” (2013, s/p.). Percorro esse trecho no consenso e no dissenso, afetuosamente. Discordo do termo revolução nesse contexto, porque me parece uma tendência a regressar a um lugar já pisado e me traz uma sensação de retorno a uma velha lógica. Nesse caso prefiro o termo *experimentação* usado como possibilidades outras ao que chamamos representação, que sabemos, está, na maior parte das vezes, ligada a uma lógica de produção, ou de produzir os sujeitos mesmos que serão contemplados por essa representação, criando extensos espaços “fora” e locais destinados aos ditos “irrepresentáveis” ou, como descreve Carolina Maria de Jesus, o *Quarto de despejo* (1960) da sociedade. Mas esse já é outro assunto, de outro espaço e tempo, não é essa História com maiúscula que quero evocar aqui.

Vibro quando leio Maria Galindo escrevendo sobre escrever e consigo ver sentido nessa construção textual na qual me empenho há tantos meses e que já passou por todo tipo de reformulação e mutação. Abandonei inúmeros conceitos, autores e postulados teóricos durante o processo, para dar prioridade ao que gritava mais alto. Esse texto é mais que necessário, é da qualidade das urgências. Escrevo para tentar modificar o espaço branco, pálido e chapado dessa tela e também o espaço que existe entre nós. Escrevo porque posso me imaginar tocando outro mundo daqui da borda com as pontas de todos os dedos. Escrevo porque escorro e jorro, porque estou viva e continuo escrevendo porque ainda estou aqui. Modifico meu tempo enquanto penso na próxima frase ou mudo o modo como sinto meus espaços/tempos porque escrever me desestabiliza, assim como ler meus interlocutores, que convido a essa polifonia textual, me desestabiliza e me energiza.

Escribo por necesidad, la necesidad de formular en palabras lo que veo y siento [...] Escribo por el placer que me da construir mundos y realidades paralelas y por el placer que me produce la fuerza de las palabras en la posibilidad de construir desde las palabras un piso de tierra, de piedra, de cristal donde bailar, ser felices y construir esperanzas y rebeldías que preparan rebeliones capaces de poner en juego los sentidos de todo lo aprendido (GALINDO, 2015, p.5)³.

E, como Maria, penso que o ato de escrever pode desfazer os sentidos cristalizados que fomos programados a aprender e a partir dessa ação de desfazimento que possamos refazer desde nossas vivências e perspectivas criando novas bases onde podemos bailar e gritar rebeldia. Escrever é tomada de palavra, mas escrever e, principalmente, ser lido, é um privilégio de poucos, especialmente por que a linguagem está formada em um território classista, branco e elitista. Como me disse Maria quando me entregou esse livro, *Espejito Mágico* (2015), quando eu me encontrava morando na *Virgen de los Deseos*⁴ em janeiro desse ano, bailando meu cotidiano com *Mujeres Creando*, “ele é proibido para intelectuais”, e penso que ele é uma borda, um dispositivo para acessar a potência escrita. Livro dispositivo de produção de palavras, *histórias* e revisão de urgências; gritamos por que temos exigências e elas não são negociáveis.

“Eles dizem identidade”, retomando Preciado, e aglomeram-se e são aglomerados em espaços de fácil cooptação, espaços fixos e localizáveis onde ficam vulneráveis e concentrados na mira de todos os tiros. Reivindicar para si verdades identitárias faz com que a

³ Escrevo por necessidade, a necessidade de formular em palavras o que vejo e sinto [...] Escrevo pelo prazer que me dá construir mundos e realidades paralelas e pelo prazer que produz em mim a força das palavras, na possibilidade de construir desde as palavras um piso de terra, de pedra, de cristal onde bailar, ser felizes e construir esperanças e rebeldias que preparam rebeliões capazes de colocar em jogo os sentidos de tudo que foi aprendido (tradução nossa).

⁴ Calle 20 de octubre, 2060, casa de *Mujeres Creando* em La Paz.

prévia exclusão seja mascarada e dê lugar a uma busca por inserção em determinados espaços isolados onde as trocas acontecem internamente sem possíveis diálogos, atravessamentos e fricções com o entorno. Às identidades fixas se opõem as multidões, convocadas desde uma noção de desprogramação e desestabilização com potencial para *escorrer* desses espaços ditos igualitários. Andemos de mãos dadas em todas as direções fazendo e desfazendo alianças que são proibidas de saída. Alianças monstruosas, insólitas, porosas e arenosas que não se estabilizam em lugar nenhum, mas podem brotar/migrar de/para qualquer lugar.

Es un rompecabezas geográfico, identitario y político donde la intencion pasa por la búsqueda de recoger pensamientos y prácticas producidas em diferentes latitudes, contextos, puntos geográficos y referencias. Por eso, es también una invitación a respirar por todos los poros de la piel sin esquematismo alguno (GALINDO, 1995, p.5)⁵.

“Respirar por todos os poros da pele” e com o corpo em jogo no processo mesmo da desprogramação identitária em potencial-multidão percebendo-se conjuntos de moléculas. É o corpo já a multidão que somos; esse corpo que respira por todos os poros e jorra em todas as direções, temperaturas e superfícies. Residem nas partes mínimas que nos constituem como todo, as potências das multidões que somos, assim como nas múltiplas *histórias* que vivemos e vivenciamos cotidianamente residem às *histórias* que nos constituem. Nesse jogo de peças menores formando o todo desembocamos na potência quebra-cabeças da qual fala Maria Galindo no fragmento acima. Por quebra-cabeças saliento que nem sempre há de se seguir a máxima e montá-lo, mas que às vezes os pedaços ou os cacos são potenciais estilhaços de vetores em todas as direções que nem sempre querem tornar a ser figura montada. Nessa potência de caco reside a qualidade de se espalhar e contaminar.

Esses cacos também podem rasgar os balões onde somos colocados e rasgar superfícies estáticas como as das identidades fixas e noções de pertencimento. E, por fim, respirar por todos os poros da pele, descentralizar as fontes energéticas e principalmente, e disso que se trata aqui nesse texto, a tal questão que tanto procuro insistentemente: descentralizar as estratégias.

No nos importa la identidad como sentido de pertenencia, ni de obediencia. Cualquier identidad puede ser engullida y absorbida por la normatización, el disciplinamiento y la lógica del sistema, cualquier disidencia puede ser reabsorbida, reconducida, reacondicionada y consumida [...].

Todos estos lugares de identidad han sido tomados en cuenta, cubiculados, classificados y ordenados y hasta perversamente constituidos para hacer turno y fila em su proceso de incorporación y aniquilamiento. Por eso la

⁵ [...] quebra-cabeças geográfico, identitário e político onde a intenção passa pela busca de recorrer a pensamentos e práticas produzidas em diferentes latitudes, contextos, pontos geográficos e referencias. Por isso, é também um convite a respirar por todos os poros da pele sem qualquer esquematismo (tradução nossa).

identidad vivida, vista, sentida o pretendida como bloque, como unidad social, como lugar de contestación social inequívoco, como pertenencia rígida e ineludible no es sino um engranaje más de las tantas formas de dominación porque vista así es también una forma de reedición de los mandatos de agrupamento entre idênticos [...].

No hay identidad que me haya ofrecido refugio ni acogida, porque no hay identidad que me haya considerado em última instancia pura e digna de pertenencia. Por eso assumo dichosamente la perspectiva desde afuera.

Huyo fuera, al afuera, a la intempérie, a la calle, a la vulnerabilidade completa. Me ubico por fuera de los mandatos y los códigos de convivencia e de obediencia.

Yo opto por incomodar em todos los espacios. Trascender la afirmación de identidad y reconocerme, impura, imperfecta, desarraigada, desvinculada, contradictoria y compleja.

Puedo reconocerme – no perteneciente – y romper la mudez y el silencio hablando una lengua inédita (GALINDO, 1995, p.37 a 39).⁶

A discussão sobre identidade passa por uma linha bem tênue na medida em que não é muito difícil que seja confundida ou até mesmo usada para justificar o injustificável: racismo, sexismo, LGBTIQfobia, etc. e, portanto, deve ser tomada a partir de perspectivas variadas e muito interlocutores. Galindo, nessas páginas que fazem parte da primeira edição revista *Mujer Pública!* (1995), produzida por *Mujeres Creando*, mas pensada, elaborada e escrita por muitas mãos e pontos de vista, fala de sua perspectiva de identidade fixa e pertencimento e da facilidade de cooptação que existe quando ocupamos esses lugares de obviedade, onde somos facilmente localizáveis.

Nessa edição aparecem termos como “corro para fora”, que remete a uma gama de estratégias das quais se valem *Mujeres Creando* na prática diária de suas ações. Na perspectiva da coletiva parecem importar as identidades na medida em que puderem ser espaços usados para criar desordem social e desmoraonamento de privilégios. Refutando a autoafirmação pautada no egocentrismo que busca reiterar uma posição vitimista e rotineira

⁶ Não nos importa a identidade como sentido de pertencimento nem de obediência. Qualquer identidade pode ser engolida e absorvida pela normatização, o disciplinamento e a lógica do sistema, qualquer dissidência pode ser reabsorvida, reconduzida, reacondicionada e consumida [...].

Todos estes lugares de identidade têm sido tomados em conta, cubiculados, classificados, ordenados e até perversamente constituídos para fazer turno e fila em seu processo de incorporação e aniquilamento. Por isso a identidade vivida, vista, sentida ou pretendida como um bloco, como unidade social, como lugar de contestação social inequívoco, como pertencimento rígido e inevitável não é senão uma engrenagem além das tantas formas de dominação porque vista assim é também uma forma de reedição dos mandatos de agrupamentos entre iguais [...].

Não há identidade que me tenha oferecido refúgio nem acolhida, porque não há identidade que eu tenha considerado em última instância pura e digna de pertencimento. Por isso assumo com alegria a perspectiva desde fora. Corro para fora, ao afora, à intempérie, para a rua, para a vulnerabilidade completa. Coloco-me por fora dos mandados e dos códigos de convivência e de obediência. Opto por incomodar em todos os espaços. Trascender a afirmação de identidade e reconhecer-me, impura, imperfeita, sem raízes, desvinculada, contraditória e completa. Posso reconhecer-me – não pertencente – e romper a mudez e o silêncio falando uma língua inédita (tradução nossa).

da diferença, fazendo a mesma interpretação da existência baseada na ideia de oposição. Eu sou eu porque não sou você, sou hetero porque não sou homossexual, sou homem porque não sou mulher e muitos etc. “Esse é o cativo da lógica da oposição, a qual reafirma aquilo que se opõe” (DONINI, 2010, p.9).

Tive acesso a essa edição de *Mujer Pública!* na biblioteca da *Virgen*, mas não é mais possível comprá-la, somente fotocopiar. O título: *Identities y Pertenencias*⁷ e no seu interior diversas interlocutoras construindo textos, escritas, poemas, imagens sobre esse tema. Leio inúmeras vezes a palavra dissidência, escrita em diversos textos e em diversos poemas até a exaustão. Na potência da dissidência reside, além da prática de pensar, a prática mesmo de pensar junto, de falar e de discordar e de seguir falando. No dissenso apresentamos perspectivas outras como forma de narrar nossas *histórias*. Pode residir na potência da não tentativa de convencimento do outro uma importante força de fricção de *histórias*, de narrativas e de interlocutores.

A percepção do lugar fixo de identidade e pertencimento como forma de cooptação perversa é um olhar da borda para um interior onde uma mesma língua é proferida e a palavra gira pelos mesmos interlocutores. A identidade enquanto “pertencimento rígido e inevitável” forma parte da engrenagem que atualiza a todo tempo os agrupamentos entre iguais. Tais agrupamentos promovem conversas que não tem potencial de deslocamento e desconstrução, produzem textos similares com palavras similares.

E pensando em espaços e em como modificá-los, como escorrer neles, deles e por eles, e lembrando também do *Caminhando* (1964), de Lygia Clark, não basta procurarmos um espaço heterogêneo. Os espaços são criados justamente para serem e reproduzirem uma lógica homogênea, onde a mesma língua é falada. Heterogêneos somos nós e nossas particularidades, e se andamos por caminhos distintos, se nos desviamos das pegadas produzidas por nós mesmos e pelos outros podemos modificar esse tal espaço em ato. Alargá-lo ou explodi-lo em milhões de partículas com potenciais outros de espaços-possíveis mesmo que breves.

Espacio heterogêneo que no expresa la suma de variedades, espacio heterogêneo que no es la suma de diversidades como em um supermercado, sino que expresa formas de relacionamento prohibidas e insólitas. Formas de hermanamiento y complicidad prohibidas, subversivas e insólitas (GALINDO, 1995, p.41)⁸.

⁷ Identidades e pertencimentos (tradução nossa).

⁸ Espaço heterogêneo que não expressa a soma de variedades, espaço heterogêneo que não é a soma de diversidades como em um supermercado, mas que expressa formas de relacionamento proibidas e insólitas. Formas de aliança e cumplicidade proibidas, subversivas e insólitas (tradução nossa).

No processo mesmo dessa construção textual polifônica, estarão sob os holofotes as possibilidades que criamos em potência, e não, como bem conta Andre Lepecki, a coreografia do pesado corpo do poder. Em *Coreopolítica e coreopólicia* (2012), Lepecki conversa com seus interlocutores sobre as ações em espaços públicos que por mais potentes que possam ser não conseguem chamar tanto a atenção da sociedade civil e dos dispositivos de comunicação quanto à truculência e repressão por parte do “aparato de segurança”.

Na lógica da produção/representação o que será difundido enquanto espetáculo é, portanto, o que se produz dessas ações. Produz-se imageticamente e taticamente o que será e poderá ser representado. Todo o restante, o processo, outros discursos, outras *histórias*, outros interlocutores fica no campo do invisível e indizível. Esse chamar atenção não é relacionado à estética ou ética, mas ao que se pode dizer, se deve dizer, quais vozes podem ser difundidas e quais têm que ser caladas.

“A polícia é [...] o agente que garante a reprodução e a permanência de modos predeterminados de circulação individual e coletiva.” (LEPECKI, 2012, p.54). Nesse caso, acredito que seja um dos agentes e ademais, por polícia, quero pensar as estruturas todas de policiamento e vigília às quais estamos submetidos, não somente a polícia instituição, mas o ato mesmo de policiar. Essas estruturas que nos empurram a trilhar os mesmos caminhos, produzir a partir dos mesmos moldes e a vigiarmos uns aos outros criando, sustentando e perpetuando espaços de silenciamento de discursos, de apagamento de interlocutores e suas *histórias*.

Esse texto busca transitar nas bordas. Nas bordas de todas escritas automáticas que pratico, na borda dos textos que imagino escrever e na borda do que um texto acadêmico pode/deve ser. Pensar em como posso escrever uma dissertação me enlouquece porque a academia trabalha para produzir o que vai representar e ser representado por ela. Mas e todo o resto não é texto, não são interlocutores? E as *histórias* que nos constituem? Em um exercício de deixar fluir texto-corpo, texto-trânsito, texto-borda eu tento girar os holofotes para as pequenas *histórias*.

Contando múltiplas *histórias* que me fazem e ajudam a construir parte do meu entorno, trato de situar também a minha fala e localização social, principalmente o que diz respeito às minhas vivências enquanto mulher cisgênera branca, de classe baixa, lésbica, nascida no interior de Minas Gerais, filha de mãe solteira, assalariada e guerreira; e de pai negligente, racista, LGBTIQfóbico e preconceituoso.

Carrego em meus documentos a marca de um sobrenome do qual ele sente muito orgulho, mas me causa asco; a marca de uma família que (raríssimas exceções) nunca me

acolheu como parte daquele convívio, pelo contrário, sempre me repeliu para bem longe. Trago a marca desse sobrenome europeu do qual não me orgulho e não trago o sobrenome da família de minha mãe justamente porque ele, o pai, fez questão de ir me registrar e deixar os sobrenomes dela de fora, porque “não combinavam com o dele”. Sua negligência me fez forte e levo esse nome nos meus estudos, minhas escritas, nas minhas bordas, nos meus textos, nas minhas potências, nas multidões com as quais transito e nas ruas por onde existo. Vou marcar o nome dessa família que me é e sempre me foi alheia enquanto eu puder perambular por essa vida. Como uma forma de tomar a fala desde minha perspectiva e a partir desse nome que me foi dado buscar ressignificações, outras potências, usá-lo como um dispositivo para transformar a dor da negligência em multidões de lutas.

Hoje escrevo de minha casa, na Ladeira de Nossa Senhora, na Glória, mas ao que se refere esse texto pude passar por Sete Lagoas, Belo Horizonte, muito por Niterói, muito por La Paz, Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), São Paulo e passei muito por muitas ruas que eu percorro novamente aqui recontando os passos, olhando para os detalhes, mirando minhas marcas corporais, mirando as instituições por onde passei por dentro e por fora, as pessoas que conheci e tive a oportunidade de ouvir e as vezes em que não mais me calei.

A escrita ou sobre textos difíceis de calar

Essa dissertação ou esse texto de mestrado “*Ações callejeras, Mujeres Creando, Resistências feministas na arte da vida: práticas artísticas, alianças, multidões e histórias*” não quer saber de artistas nem objetos de arte, mas das potências do que podemos produzir em multidão. Quando na graduação (2010/2014), vivia em uma cidade considerada, pelos alarmantes índices de estupro, como uma das mais perigosas do estado do Rio de Janeiro. Em Rio das Ostras aprendi a desconfiar de políticas públicas promovidas por um Estado que não está disposto a falar das coisas na verdade, mas de maquiagem os fatos para se autopromover.

Passei a desconfiar de uma polícia que invade casa de estudante, faz terror, ameaça, espanca e rouba. A desconfiar de uma gestão que continua ainda hoje negando que a cidade é umas das piores do Estado para se existir mulher, não branco, lésbica, bissexual, trans*⁹, prostituta, pessoa pobre, homossexual e segue fazendo sua ampla propaganda para atrair

⁹ Aqui uso o asterisco (*) após o emprego da palavra trans* porque me refiro a pessoas trans*exuais, trans*gêneros e travestis. No movimento trans*feminista essa estratégia serve para evitar classificações que possam ser excludentes.

turistas e escondendo o que as esquinas e ruas mal iluminadas cheias de terrenos baldios guardam, bem como os casos de violência que não ganham visibilidade alguma.

Em Rildaz, como chamamos, fiz muitos amigos iluminados que estão comigo nesse espaço tempo chamado vida e lá comecei a partilhar de um comum com uma multidão de pessoas e suas particularidades, principalmente nas ruas. Comecei a aprender a correr quando perseguida, gritar e revidar quando agredida e a dizer não quando não me sentia confortável a fazer algo.

Comecei a olhar e vislumbrar outras relações que não as monogâmicas, entendi que não quero que o Estado se intrometa na forma como construo meus vínculos e que não faço questão de que ele seja testemunha de meus afetos, mas que se isso é importante para uma pessoa da população LGBTIQ, eu vou gritar para que esta tenha direito de poder escolher viver suas vontades e construir sua existência do modo que lhe cabe, afinal ou vamos todas ou não vamos nenhuma. Aprendi a construir tudo em um dia e desconstruir no outro e que verdade é uma questão de perspectiva e diz respeito ao espaço e tempo que cada corpo ocupa no mundo e como as estruturas sociais recebem esse corpo nesse mesmo mundo e, ainda, que para cada corpo existem muitas facetas de mundo e elas são distintas entre si.



Estêncil por *Muiteza*¹⁰, emissário da praia de Costazul. Fotografia por Gabriela Marquez. Rio das Ostras, 2013. Arquivo coletivo.

¹⁰ “Muiteza é simplesmente um alter ego que em dias explosivos corta papel e pinta parede” (Gabriela Marquez).

Primeira borda

*“Do fundo do céu
do alto do
chão¹¹”.*

Comecei a marcar essa cidade sem pedir seu consentimento assim como ela me marcava. O *stencil* me proporcionou olhar para os encontros e os afetos que construí ao invés de focar somente nas desgraças que aconteciam todos os dias a mim e aos meus. Falávamos de liberdade e de amor no meio de um lugar caótico que nos violentava na pele. Imaginávamos e criávamos desenhos e Gabi os materializava através das chapas de raios-X e estiletes. Com esses carimbos marcávamos Rio das Ostras com spray colorido enquanto ouvíamos Gal Costa gritando “objeto sim, objeto não”. Percorríamos pela madrugada, de fusquinha envenenado, todos os cantos da cidade que nos diziam para não visitar. Talvez aí tenha sido um dos muitos renascimentos de *Muiteza* e me alegro em ter feito parte de alguns desses momentos.

Marcávamos esses cantos, becos, muros, emissários como quem brinca de conversar com as ruas e conversar nas ruas. Nesses diálogos não pensávamos em arte, em objeto artístico, aquilo eram gritos, era transbordamento de afetos, era sair correndo se alguém viesse e se jogar na restinga se um carro dobrasse a esquina. Sobram as fotos, as capturas, os vestígios dos *stencils* e as marcas que permanecem. Gabi foi pra Oceania, Gabi é artista, expôs em algumas grandes galerias, mas essa história não tem foco aqui, o que aparece são fotos registros de uma época onde experimentamos em conjunto, pelas primeiras vezes na vida, transpor as barreiras do espaço dito público, aquele do qual tentam nos varrer.

A arte, neste sentido, interessa-me mais quando desiste do espaço artístico institucionalizado, correndo o risco de ser deslegitimada por ele, quando ocupa um espaço entre a arte e a pura vulgaridade. Inspiram-me as artistas que são acusadas de excesso, e nunca serão unanimidade (GUEDES, 2015, p.17).

Em simultâneo a todas essas *histórias* eu também me graduei em Produção Cultural pela UFF. Durante o curso me aproximei de leituras e grupos de estudos sobre práticas coletivas artísticas que tinham em suas realizações processos que a essa altura entendia como perspectivas políticas.

¹¹ Letra de Gilberto Gil escrita em 1969.



Estêncil feito por *Muiteza* na cidade de Rio das Ostras, RJ. Fotógrafa Gabriela Marquez. Rio das Ostras, 2014. Arquivo coletivo.

Interessava-me por tudo que pudesse me aproximar das problematizações da relação arte /vida e isso ia muito além dos textos que eu lia ou das aulas que pude participar. Digo isso porque certamente ter sido bolsista de iniciação científica pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) foi importante para minha formação, contudo, além disso, me constituem as ações com *Muiteza*, me constituem as vezes em que questioneei a instituição arte e a dificuldade que tinha e tenho de dialogar com minhas vivências a partir dela, me constituem as atividades das duas grandes greves que transcorreram durante a graduação, me constitui a forma como nós enquanto estudantes e produtores culturais nos articulávamos politicamente desde um polo da UFF localizado no interior e extremamente sucateado pelas expansões precarizadas que aconteceram e além.



Girassol *Muiteza*, a flor que brota da lata de lixo. Fotografia Gabriela Marquez. Rio das Ostras, 2013. Arquivo coletivo.

Inebriava-me ler *Zona Autônoma Temporária* (2011) e *Caos Terrorismo Poético e outros crimes exemplares* (2003) e tentar promover cópias múltiplas daquelas palavras em meu cotidiano. Fazia sentido sair de uma aula e pensar em como me introduzir diária e cotidianamente em uma lógica não fascista (FOUCAULT, 1984), procurando entender e me atentando a como me localizo no mundo, como o mundo me recebe e em quais lugares ele me permite transitar. E atenta a uma busca por, a todo instante, erradicar os preconceitos estruturais que lamentavelmente fizeram e fazem parte de minha criação e da lógica sociocultural onde me localizo.

Buscar entender que esses preconceitos não estão nesse “outro” distante que nos fazem crer, mas dentro de nós, atravessando e na grande maioria das vezes construindo nossas relações e afetos. O que, longe disso, apesar dessas constatações, eu vou admitir como natural como tentam nos fazer crer, pois como muito bem ressalta Paul B. Preciado, em *Manifesto Contrassexual* (2014) a naturalização é uma das mais sofisticadas formas de tecnologia, sendo pensada justamente para ser aceita como condição “natural”.

O esforço de pensar através da percepção do meu corpo e passar a dar mais atenção às múltiplas *histórias* que ele me conta e que eu conto com ele cotidianamente me fez aproximar de grupos e pessoas que se esforçam para pensar os trans*feminismos nos atravessamentos sociais. Pareceu-me ser uma das múltiplas possibilidades de tentar torcer as teorias com as quais tinha contato para o âmbito das práticas cotidianas para repensá-las nesses espaços-tempo.

Muitas vezes podia *com* os corpos das multidões e colocar em questão, em conjunto, questionando essas teorias e isso me parecia possibilitar vislumbrar em breves intervalos a dita relação arte/vida que tanto importava. Parece importar contar essas *histórias* aqui ao invés de repetir a que se propõe única de importância. Parece-me imprescindível repensar sobre as vezes que coletivamente pude entender coisas que sozinha não alcançava e pude duvidar de informações e teorias cristalizadas que são apresentadas a todo tempo como feitos únicos e inigualáveis.

O esforço da escrita me esmaga contra paredes que parece que não têm intenção de ceder, mas desconfio que seja necessário desviar e desconfiar de uma escrita em muito afinada com os dogmas acadêmicos, desconfiar da legitimação ao invés de implorar por ela. Escrevo de onde me dói, de onde tenho medo, de onde não tenho certezas, somente muitas forças em muitas direções e muitas urgências.

Passando adiante, alguns momentos foram potenciais disparadores nas leituras e nas perspectivas de vida e, ao contrário do que possam dizer, eles precisam aparecer aqui enquanto camadas que constituem a essa autora que vos escreve. Em uma tentativa de deslocamento tento me olhar de fora, mirar esse corpo através do qual existo no mundo. Não estamos falando de qualquer mundo, mas de um contexto latino-americano, colonizado e de uma academia que exige como rota obrigatória um aval de interlocutores americanos, homens cisgêneros, brancos e europeus em esmagadora maioria. Em outras direções busco outras vozes com quem dialogar, vozes que me dizem mais sobre meu entorno e que me dizem sobre como as feridas coloniais não cessaram de doer (MOMBAÇA, 2015).

Noite passada fiquei me perguntando se faria sentido performar a ideia que pensei para o Dia da Dor Colonial (12 de Outubro) durante essa conferência para qual estou indo participar em Veneza. De algum modo, essa experiência de retenção na fronteira me trouxe a resposta. Vou, sim, sublinhar com meu sangue as fronteiras da U.E. no mapa-mundi. E vou escrever no centro desse bloco a frase “The colonial wound still hurts (A ferida colonial ainda dói)”, porque meu corpo – esta ilha de carne sudaca se movendo pelo território europeu – é hospedeiro e testemunha dessa dor (MOMBAÇA, 2015, p.2).

Dói em minha pele, de forma distinta de qualquer outra e entendendo que como mulher cisgênera, branca, mestranda, atualmente moradora da Glória, um bairro da dita zona sul do Rio e que, por enquanto, gozo de oportunidades como foi essa de ir para a Bolívia para residir crítico-teórico-artisticamente, sou detentora de inúmeros privilégios e que não é do meu interesse negá-los ou maquiá-los, mas entender como eles atravessam minhas relações com o entorno.

Entender por via de meus privilégios e minhas camadas minoritárias onde em espaço tempo eu me localizo e escrever a partir desse lugar real. Acima um trecho de Monstrx Erratik (Jota Mombaça) acerca do racismo estrutural sofrido cotidianamente na Europa e de como podemos produzir a partir dessas punhaladas que nos ferem, tomando a palavra ao invés de abaixar as cabeças. É fato que as punhaladas são dolorosas e que não é sempre possível passar por elas olhando adiante, mas que esse exercício possa proporcionar revezamentos entre indivíduos, onde quando um cai outros estejam próximos para levantá-lo ou até mesmo caminhar/gritar por ele. E pensando juntos, por essa vida, em uma produção ligada ao corpo social e, nesse caso, em textos que falam do/no corpo e também através dele.

Vivenciamos um contexto, nesse recorte espaço tempo, onde por meio de múltiplas estruturas raciais, classicistas, (hetero/mono)sexuais e de poder a alguns corpos se permite viver e a outros se deixa morrer. Não vivemos em qualquer mundo, mas em lugares regidos por estruturas com potencial na maior parte das vezes perverso, onde poucos têm muito e muitos têm quase nada. Faz-se necessário o exercício da percepção para além de nosso cotidiano no intuito de visualizar, ouvir e compreender realidades outras que estão pendendo por um fio, onde a morte, a fome, a miséria, o abandono, a invisibilidade e a violência são latentes, contínuas e cotidianas.

Biopolítica em espaços-tempos

As relações sociais se dão em um ambiente que desfavorece a maior parte das pessoas, afetando, apunhalando e por vezes furtando-lhes a vida, mas isso ocorre de forma distinta para cada um. Precisamos desconfiar de qualquer resposta simplificadora em relação a essas

estruturas e precisamos buscar compreender todas as redes que funcionam a partir delas, redes que caminham para um monte de direções. E de maneira imprescindível deixar de tomar tais conceitos como universais, sendo assim, a dita *biopolítica*¹² cunhada por Foucault não é a mesma de hoje, pois é atualizada a todo o momento e se distingue nos espaços onde se dá. Ela não explica e não alcança a magnitude das relações construídas em um território colonizado como a América Latina e aqui, nessa pesquisa, em específico Brasil e Bolívia. O exercício que se faz necessário é o de promover torções a fim de que esse conceito possa ser modificado até que possamos entender as múltiplas formas como ele se apresenta em nosso espaço-tempo, especificamente.

Foucault chamou de *biopolítica* o conjunto de tecnologias que têm como objetivo a produção e o controle da vida, portanto, pensar essa “lógica pré-definida” é pensar em quais modelos de vida são produzidos como matrizes para que sejam repetidos pelos indivíduos com o mínimo de variação possível. A utilização da palavra “produzir” visa explicar como tais estruturas rígidas procuram direcionar de forma coercitiva os comportamentos dos indivíduos ao longo de suas existências, de forma a criar um entorno social potencialmente homogêneo.

Uma leitura de Donna Haraway via Paul Beatriz Preciado, permite inferir que “a *biotecnologia*¹³ está ancorada, trabalha simultaneamente, sobre os corpos e sobre as estruturas sociais que controlam e regulam a variabilidade cultural” (2014, p. 158). A palavra tecnologia atrelada ao prefixo bio¹⁴, nessa pesquisa, será utilizada como um dos dispositivos para pensarmos a relação entre corpos e tecnologias, ou a maneira como a tecnologia é incorporada em nossos cotidianos de modo potente, eficaz, e, na maior parte do tempo, imperceptível.

Uma das tecnologias de produção de comportamentos subsumida na *biopolítica* é a *sexopolítica*, que define através de discursos médicos, científicos, religiosos e biológicos (entre outros) como devem funcionar os sistemas sexo, gênero e sexualidade. Angela Donini analisa a *sexopolítica* ou *tecnossexualidade* a partir da noção de *biopolítica*:

Nessa sociedade do sexo, promovida e produzida na era do *biopoder*¹⁵, podemos notar que há uma proliferação dos discursos a respeito do sexo, uma ocupação incessante de análises sociais, políticas, legislativas a respeito de sua normatividade e de sua prática no conjunto das questões da vida cotidiana. Processos que operam mecanismos de controle e censura cada vez mais sofisticados, no contexto da produção *biopolítica* (DONINI, 2014, p. 310).

¹² História da Sexualidade I (1984).

¹³ Uma das muitas facetas da *biopolítica*. Grifo nosso.

¹⁴ Termo de composição que exprime a ideia de vida.

¹⁵ Uma outra faceta da *biopolítica*.

Ressaltamos com veemência nesse texto a questão *sexopolítica* devido à sua fortíssima ligação com as forças controladoras de autonomias e de afetos. Além disso, em contextos colonizados como é o caso de Brasil e Bolívia, onde somos tão assolados pela misoginia, machismo e violência sexual (bem como infinitas outras opressões latentes), ela desempenha papel muito forte no que diz respeito ao modo como é criado o ambiente de diferença ou como somos moldados a partir de uma noção de diferença. Partindo dessa ideia o outro *não sou eu* porque ele não age como eu e não constrói sua vida a partir das verdades que tomo como minhas, logo esse outro é distante e alheio. Numa sociedade construída nessas bases de distanciamento e a partir da lógica da diferença pouco se conserva do que chamamos empatia.

A partir disso, pouco ou nada estamos dispostos a ouvir do que é ser *esse outro* porque ele é visto de forma muito distanciada do que construímos sobre o que somos, pois está aparentemente muito distante de nossas “verdades”. Criamos ainda a noção de que se somos algo é porque não somos esse outro e a partir disso nos distanciamos com base em uma dita diferença que ajudamos a construir e acabamos por nos aglomerarmos em prol de criar ambientes de cópias sociais.

Aqui não se trata de forma absoluta de falar em igualdade, muito pelo contrário. Como já foi dito, o discurso dessa dita igualdade sustenta esse mesmo discurso desse outro distante e distinto de nós. Não somos iguais nem pessoalmente, nem socialmente, nem politicamente. A *biopolítica* costura ambientes híbridos de iguais ou de pessoas que repetem determinados comportamentos, e conversam na mesma língua. Possibilita que sejam criados nichos onde somente são admitidos indivíduos que repetem/seguem/se adequam a determinados padrões. São muitos e muitos nichos que só se formam porque distinguem o dentro do fora e operam na lógica de admissão e exclusão/repulsão.

Então tomamos aqui como um fio inicial a *biopolítica* cunhada por Foucault, mas deixando claro que pretendemos pensar além dela e a partir de suas mutações, principalmente porque esse conceito foi pensado para outro tipo de sociedade, outros corpos, enfim, outros espaços/tempos. Pensamos *a partir de* e atualizamos esse conceito para que passe a caber em nossas análises, fazendo as devidas torções e os deslocamentos necessários com o mesmo.

Uma das mais potentes tecnologias da *sexopolítica* é o conjunto que mantém o imperativo de produção de corpos heterossexuais, a definição dos órgãos reprodutores como órgãos sexuais, criando assim o que é chamado de “diferença sexual” e a divisão binária em masculino/feminino que acaba por produzir uma relação sociocultural assimétrica entre esses gêneros.

Além disso, esse binarismo no sistema sexo/gênero visa produzir também outro elemento em relação a ele: relações de afeto construídas a partir de uma lógica heterocentrada entre indivíduos. Nessa lógica produz-se uma matriz sistêmica sexo/gênero/sexualidade, onde os resultados esperados são rígidos como resultados de expressões matemáticas. Um indivíduo interpelado ao sexo feminino, portanto, deve repetir e construir sua experiência de viver com base nas ferramentas que estão socialmente em conformidade com o gênero ao qual lhe dizem que corresponde “naturalmente”. Além disso, sua sexualidade deve estar necessariamente direcionada a um indivíduo interpelado ao e em conformidade com o sexo “oposto” (masculino, portanto), produzindo assim indivíduos heterossexuais (o mesmo ocorre na relação inversa). A ideia de “diferença sexual” repousa sob um contrato social criado para ser seguido compulsoriamente e não um lugar fixo e estável como sugere a *biopolítica*.

A *biopolítica* visa naturalizar esses discursos potentes que sustentam, entre outras tecnologias, a *sexopolítica* e seu império da “diferença sexual”, a mesma diferença que falamos parágrafos acima, que promove o distanciamento dos indivíduos. Contudo existem, além de vertentes teóricas, as potências vitais que se contrapõem de amplas maneiras aos discursos médicos, biológicos, religiosos e deterministas. Potências vitais e camadas de vida que reivindicam suas existências negadas e apagadas incessantemente, trazendo-as para zonas visíveis e buscando a tomada da palavra para proferir o indizível.

O corpo não é um dado passivo sobre o qual atua o *biopoder*, mas mais exatamente a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A *sexopolítica* não é apenas um lugar de poder, mas, sobretudo o espaço de uma criação onde se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, trans*¹⁶sexuais, intersexuais, trans*gêneros, chicanas [...] As minorias sexuais se convertem em multidões. (PRECIADO, 2011, p. 14).

É partindo de Preciado e do que chamamos aqui de *sexopolítica* que nos propomos a pensar estratégias a partir das multidões. Ao contrário de juntar em nichos as pessoas que se afinam em práticas e estilos de vida em prol de criar espaços ilusórios de igualdade, espalharmos e nos pulverizarmos em multidões heterogêneas com autonomia e força para romper e escorrer de espaços delimitadores.

Retomando uma expressão de Deleuze & Guattari, *desterritorializar* em prol de uma desprogramação desses mesmos espaços numa caminhada por bordas inlocalizáveis e resistindo ao processo de buscar a noção de normalidade.

Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade das relações de poder, uma diversidade das potências de

¹⁶ Grifo nosso.

vida. Estas diferenças não são “representáveis”, uma vez que são “monstruosas” e põem em questão, por isso mesmo, não apenas os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saber científico dos “normais”. Neste sentido as políticas das multidões [...] se opõem tanto às instituições políticas tradicionais que se apresentam como soberanas e universalmente representativas, como às epistemologias *sexopolíticas* heterocentradas que dominam ainda a produção da ciência (PRECIADO, 2010, p. 20).

No exercício de tentar não ver o *outro* como alguém que nos é alheio, fugindo dessa construção a partir da diferença sexual (para exemplificar pela via da *sexopolítica*, como o fez Preciado), consideramos a possibilidade de enxergar milhares de diferenças, enxergar como somos diversos e como qualquer rotulagem tende a ser leviana, violenta e simplificadora. Principalmente aumentamos nosso campo de visão e o ajustamos para poder vislumbrar mais do que somente uma parte desses nichos criados pra que a gente caiba ou não neles. Aumentamos para que consigamos ver o tamanho das redes sistêmicas de opressão que criam espaços esmagadores e potenciais inibidores da nossa heterogeneidade.

Como multidões heterogêneas somos inlocalizáveis, impossíveis de organizar. Quando nos movimentamos tendo em mente esse potencial podemos minar as chances de estarmos sempre em disputa, brigando por territórios que somente visam nossa inação e paralização. Se estivermos localizados e guardados em zonas específicas somos facilmente cooptáveis, manobráveis e jogamos o jogo dos que jogam para dissipar nossas potências vitais. Na contramão disso espalhar e pulverizar *caminhando*¹⁷ em, desde, por e através, como multidões escorrendo de qualquer espaço que nos queiram fazer caber. *Mais que finos*¹⁸, escorrendo pelas frestas.

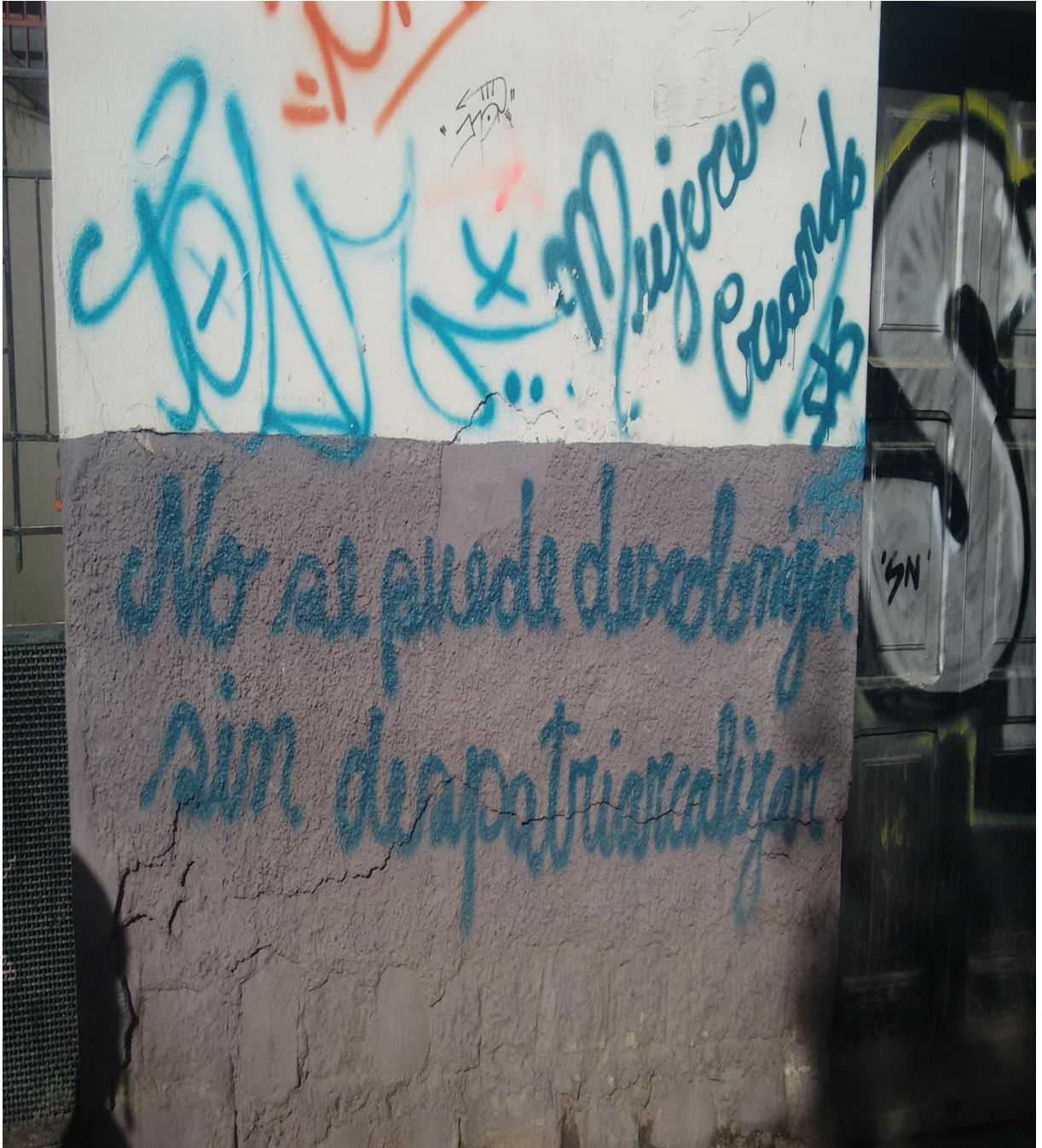
Escritas estratégicas para *escorrer* de espaços

Nota para não esquecer: tentar e não deixar nunca mais de tentar nomear o indizível ou ainda GRITAR “nomes e *histórias*”¹⁹ repetidas vezes para tentar existir um pouco mais, para esquecer o esquecimento” (PANAMBY, 2017, p.121). Dar nome às coisas em sua realidade, dar nome à realidade dos fatos, nomear as ações e seus feitores, nomear e não deixar mais passar. Contar, ouvir e recontar nossas *histórias*; *histórias* de corpos que plasmam durante suas danças nas ruas.

¹⁷ Nessa pesquisa quando pensamos o ato de caminhar e flexionamos esse verbo para *caminhando* estamos sempre pensando naquela convocação que nos faz Lygia em 1964. Portanto, sempre estará em itálico como estratégia para nos lembrarmos dessa ideia de movimento/desprogramação e nos apropriarmos dela.

¹⁸ Estrategicamente, também em itálico fazendo menção ao *infrafino* de Duchamp para incorporação do conceito mesmo em nossos dispositivos de pensar texto polifônico.

¹⁹ Grifo nosso.



Registro-pixo-*Mujeres Creando* em La Paz. Fotografia Ana Luiza Schuchter, JAN/2017.

Espalhar os vírus e colocar as maldições e desgraças para fora. Potencializar a cura pela fala e pela transmissão de *histórias*. Mesmo que comecemos coléricas, mas não nos lamentaremos mais solitárias presas dentro de nós, que doa, mas que doa voando por aí na forma de palavra, que jorre suor, sangue e lágrimas, mas que não cesse de jorrar. Vamos repartir a dor, as feridas e as marcas não admitidas. Nomear o inominável e lembrar o que nos ordenam esquecer. Dar o nome real às coisas, contar e recontar nossas *histórias* e biografar nossas escritas.

O mestrado me fez passar por muitas dificuldades, contradições e momentos em que quis desistir devido a uma pressão de produzir que, sinceramente, não faz mais do que travancar os processos de escrita. Mas muitas coisas aconteceram durante os meses em que estou mestrando. Sem dúvidas, grande parte de minha percepção hoje, que eu espero que nem se compare com a percepção que está em construção constante, se deu por meio dos dois períodos (final de 2015, até agosto de 2016) em que Suzana e eu construímos juntas duas disciplinas para o estágio docente realizado com a turma de graduação em Artes no IACS (Instituto de Artes e Comunicação Social – UFF). Pensar uma disciplina em dupla, por mais que estivéssemos muito bem orientadas por Nina, era um desafio, até porque eu não tinha nenhuma experiência com sala de aula e Suzana sim, mas não havia sido muito boa, segundo ela.

Acontece que conhecer aquelas mais de trinta pessoas e encontrá-las todas as semanas deixou de causar muito pânico, receio de não saber como fazer, medo de falar em público e acabou por proporcionar a criação de um espaço em que construíamos e desconstruíamos juntos. Lidar com essa multidão que dizia “não queremos ler esse autor” e que criticava os conceitos, que pedia para realizarmos determinada aula ao ar livre, que nos questionava em nossas escolhas, pedia pra alterar as ementas, os cronogramas, que contava suas *histórias* em perspectiva com os textos e discussões que escolhíamos e que se abriam e me abriam os olhos me foi fazendo entender que aquilo era algo muito maior do que “sala de aula”. Era algo que importava muito e superava as expectativas de um estágio em questão de importância e potência. Alegro-me de ter podido compartilhar de outras *histórias* e ouvir tantas vozes e aprender com tantos interlocutores.

Aqui eu faço cortes profundos provocados pelos acontecimentos que se revelaram muito fascinantes, lembrando que fascínio não tem a ver com o belo necessariamente. Havia tardes em que saía totalmente desmornada desses encontros, o corpo nu demais em carne viva, dilacerado pela fricção de experiências às vezes muito dolorosas, mas a potência que se seguia nos próximos encontros era própria desses deslocamentos de zonas.



Foto com a turma de artes/UFF, tirada em frente ao IACS durante o estágio docente, FEV/16.

Podemos nos propor deslocamentos, mas as coisas nem sempre são assim, às vezes deslocamentos são mudanças de lugares muito cômodos, onde temos abruptamente retirado o chão de debaixo dos pés. A queda é inevitável, necessária e provoca feridas e fraturas expostas que doem muito até cicatrizar. O corpo fica marcado desses deslocamentos que colaboram para uma abertura de olhos para realidades outras e eu os celebro como ritos de passagem necessários.

*Processos escavatórios
para habitar as ruínas do corpo
ou
Resistências feministas
na arte
da vida*

Dia 28 de maio de 2014 – talvez um dos mais potentes contatos com o que agora entendo como *processos escavatórios*. Escrever sobre isso me causa o mesmo pânico que eu senti durante meses, mas é necessário que essas feridas também apareçam porque ajudam a contar parte das *histórias*. Dentro de uma atividade de um grupo de estudos, uma performance é realizada em um espaço externo da UFF em Rio das Ostras.

Xereka Satânica acabou por ter as imagens veiculadas em inúmeros meios de comunicação no Brasil e no mundo e foi amplamente usada como instrumento político para viabilizar práticas e interesses dentro das altas cúpulas acadêmico-administrativas no campus do interior e em Niterói. A cidade ficou inteira abalada e até hoje eu me pergunto, dentre outras muitas coisas, se a questão era a palavra xereca ou o fato de ser satânica. Em todos os lugares da cidade esse foi o assunto durante meses, a UFF tratou rapidamente de instaurar uma ouvidoria e uma sindicância com a mascarada intenção de “apurar os fatos”.

Fui intimada e intimidada por essa sindicância, numa pequena sala, três contra um, sem testemunhas ao meu favor e com perguntas duvidosas e embaraçadoras. *Corpo e risco*. Esse era o tema do seminário que eu ajudei a construir com mais quatro pessoas, três alunas e um professor. *Corpo e risco* foi o tema do trabalho que eu apresentei. *Corpo e risco* me pareceu um ótimo tema já que era disso que se tratava minha vivência e de muitas pessoas naquela cidade. *Corpo e risco* foi o tema sugerido ao grupo de performance *Coletivo Coiote*. *Corpo e risco* foi o que eles fizeram. Com uma potência inigualável, algo que eu nunca mais senti daquela forma. Medo, pânico, falta de ar, êxtase.

A faculdade ficou dividida e muitas discussões aconteceram. Em nome da moral e dos bons costumes eu e uma amiga (pessoas onde mais respingaram as retaliações constantes) fomos condenadas a uma fogueira em brasa viva de moralismos religiosos, higienistas, discursos sobre saúde, assepsia e outros muitos. Um detalhe: tampouco éramos as *performers*.

Posterior ao interrogatório promovido pela UFF através da sindicância, minha mãe recebeu em sua casa, em Sete Lagoas, interior de Minas Gerais, uma intimação para eu depor na Polícia Federal de Macaé. Eu residia em Rio das Ostras há quatro anos, tinha luz, água, aluguel em meu nome e trabalhava em uma cafeteria conhecida na cidade, mas o endereço que eles enviaram a tal intimação foi justamente meu endereço de matrícula na graduação: a sindicância da UFF queria criminalização e levou o caso às instâncias federais.

Queriam criminalizar alguém, procuravam um culpado, uma pessoa para servir de exemplo. Insistiam para que eu passasse informações sobre o paradeiro de uma das *performers* (informações essas que eu não tinha e mesmo se tivesse...). Curiosamente, buscavam criminalizar alguém que, por livre e espontânea vontade e lucidez, se submeteu a um

procedimento de modificação corporal com agulha e linha, executado por uma pessoa profissional (*body piercing*).

“O lugar não tinha assepsia”

“isso é mutilação”

“isso é ritual satânico”

“isso é feio, é de mal gosto”

“isso não é arte”

“isso é crime”

“universidade não é lugar disso”

“ela é uma puta, quer aparecer”

“vocês são uns drogados fazedores de orgias”

“vocês têm que ser presos”

“isso é um atentado à moral e aos bons costumes”

“isso é uma afronta à família tradicional”

“vocês têm que ser expulsos da universidade”

“vocês merecem ser estupradas porque são umas vadias oferecidas”

“eu vou descobrir onde você mora e te fazer uma visita”...

Dentre muitos outros discursos eram proferidos nas ruas, outros eu recebia *inbox* em meu *facebook* diariamente. Outros eu recebia pessoalmente de cara limpa no meu local de trabalho por pessoas que se auto-definiam “pessoas de bem”.

**Corpo e risco,
corpo-limite.**

Fui interrogada por dois homens na Polícia Federal em Macaé que insistiam em me fazer confessar um crime que não cometi e que ninguém cometeu. Queriam endereços e telefones de pessoas que eu tampouco conhecia, queriam, aqueles homens e também a sindicância da UFF, que eu entrasse em contradição, eu tive medo. Tive medo desde que o primeiro pastor veio no meu trabalho me fazer afrontas pelo que ele nomeou “práticas de satanismo”.

Tive medo da quantidade de pessoas que ia tirar satisfação comigo por causa da performance diariamente. Tinha medo de ficar sozinha na minha própria casa e do caminho de volta do trabalho. *Corpo e risco*, era disso que se tratava, sempre foi disso que se tratou.

Parece-me tão impactante ainda, mesmo dois anos e meio depois, relatar essas memórias, essas marcas, que me faz palpitar o coração e me faz suar frio.

Posso dizer que terminei 2014 em ruínas mesmo e eu ficava me perguntando o que faria com aqueles cacos, aqueles restos, aquelas marcas. Durante muito tempo eu não conseguia sequer olhar pra elas e achava que se pudesse ignorá-las uma hora elas iam deixar de existir. Mas as marcas insistem e a latência delas se conserva e persiste. Eu entreguei minha casa e dei adeus a Rio das Ostras (adeus que durou muito tempo e ainda dura), eu vendi todas as minhas coisas, fiquei só com as roupas dentro das malas e cai no mundo. Quando eu voltei, fui direto pro Rio, não tinha mais casa, havia perdido minhas referências de lugar seguro. Um amigo me abrigou, ele morava com seu namorado em um lugar que já era bastante apertado para dois. Recebeu-me com amor, mas o espaço era muito reduzido e eu sentia que causava certo mal estar no relacionamento dos dois, muitas brigas, muitos gritos e eu me encolhia em um colchonete dobrado ao meio que ocupava os cinquenta centímetros do espaço entre a cama deles e a parede pouco antes de chegar à única porta de entrada e saída. Ao passo que as aulas do mestrado se iniciavam, eu procurava casa todos os dias, não tinha grana pra pagar ônibus, não conhecia nada do Rio e isso dificultava as andanças. Procurava sem sucesso e ligava para todas as imobiliárias da cidade, alugar uma casa no Rio não é para qualquer pessoa, mas para um nicho muito específico de pessoas.

Depois de ouvir trinta vezes ao dia “só com fiador dono de imóvel dentro da cidade ou seguro fiança da Porto Seguros” perambulava e fazia hora na rua pra não voltar pra casa dele. Eu me senti mal a todo tempo e não sabia como revirar minhas ruínas. Depois de quatro meses eu consegui uma *kitnet* e fui dividir aquele espaço minúsculo com uma amiga, espaço que amávamos porque era para onde podíamos voltar sem preocupação. As coisas começaram a melhorar um pouco. A sensação de não ter um lugar pra onde voltar era desesperadora, mas mesmo que algumas pessoas tenham me virado as costas, muitas mãos me ajudaram a levantar. O fantasma da criminalização ainda me rondava de forma assustadora.

Em 2015 fui ao que posteriormente chamaríamos de *encontra*, na Casa de Rui Barbosa, em Botafogo, e ali eu pude ouvir pela primeira vez as falas que iriam mudar o rumo de muitas coisas e que fizeram com que eu conseguisse voltar a olhar para aquele monte de ruínas que esse processo tinha produzido. Entendi que precisava deixar de desenxergá-las e passei também a ficar mais atenta ao que elas me diziam.

Resistências feministas na arte da vida era o nome da *encontra*. Já havia tido o prazer de conhecer Sara/Elton Panamby em Rio das Ostras fazendo uma fala impactante e uma performance incrivelmente potente (em um simpósio realizado um ano depois de *Xereka*

Satânica para o qual não fui convidada e ao que entendo foi o início de um grande rompimento com meu então orientador de monografia e desse grupo de estudos que deu origem a essa performance). Nasceu um grande enorme afeto pelo seu trabalho de corpo, sua constituição de fala e pelo indivíduo maravilhoso que passei a conhecer e reconhecer.

Junto com Sara/Elton, nesse evento eu pude (re)conhecer outras pessoas e então constituir outros afetos por atravessamentos com suas *histórias*. Pude ouvir pela primeira vez Indianara Siqueira (“e se não queira também”, como a própria gosta de pontuar), pessoa de peito e pau, puta travesti ativista imprescindível na cena carioca e além; Camila Bastos Bacellar, Angela Donini e Cíntia Guedes. As memórias começaram a se reativar naquela *encontra*, no porão da Casa de Rui Barbosa. Memórias borbulhando em um porão que não nos cabia e não coube, de fato. Ali estavam muitas pessoas com quem eu construiria muitos afetos dali por diante.

Essa *encontra* volta acontecer meses depois no auditório do Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica (CMAHO) e lá eu volto a abraçar os corpos que dançam a dissidência comigo e que entendem na própria pele, em diferentes níveis como é sempre necessário ressaltar, o que é contemplar as ruínas de minhas/suas/nossas memórias. Iniciamos um tempo depois as oficinas e durante quatro meses todas as sextas-feiras, por quatro horas, escavávamos e revirávamos juntas, múltiplas e complexas as nossas biografias, nossas marcas, nossas memórias mortas, nossas multidões. Em um espaço onde não parecia necessário que alguém liderasse, onde os corpos coordenavam em conjunto, onde colocávamos os corpos em jogo.

Eu desacelerava o tempo depois de uma semana corrida, contava e recontava minhas moléculas, percebia de novo minha respiração, chorava, pensava, ouvia, rolava no chão, corria de olhos fechados e colocava o corpo em queda livre à mercê do cuidado de outro corpo. Multidões corriam, deitavam e se arrastavam por cada pedaço daquela sala. Ali eu expunha as marcas que eu não admiti que me fizessem, mas que eu também não podia mais fingir que não existiam.

Marcas sobrepostas.

Eu também fui parar com meu corpo na prática circense, no tecido acrobático, a convite de uma amiga muito querida. Não havia tido ainda uma experiência corporal tão impressionante. A sensação era que o corpo, antes pesado e adormecido, havia tomado à cena que lhe é de direito. Os alongamentos eram pesados e eu sentia tudo doer enquanto tentava me esticar e prolongar meus movimentos através de cada centímetro pelo qual eu existo em forma, peso, volume e tamanho nesse mundo. O tecido tinha uma aparência leve e macia, mas



Coleção de registros de marcas admitidas, corpo-tecido carimbado com tinta roxo-esverdeada. Modificação química da fotografia com água sanitária. Fotógrafa por Ana Luiza Schuchter (JULHO/2016).

cada giro e torção e a cada nova passada em busca de subir mais por ele eu sentia o peso do meu corpo quando projetado no ar. Os giros me mantinham segura, mas precediam as quedas, importantes movimentos realizados no tecido acrobático. Eu subia pra cair. Eu subia para conseguir me jogar.

Pendurada no tecido com minhas pernas enroladas nele eu me jogava de modo que minha posição final era a posição inicial, porém de ponta cabeça. Eu me deslocava de uma posição vertical de cabeça erguida e terminava presa apenas pelos meus pés flexionados, suspensa no ar de cabeça para baixo. A primeira vez eu tive medo, não me joguei de vez, mas dividi minha queda em dois. O medo me cobrou marcando meu corpo, eu admiti ter medo, eu admiti ter marcas, elas me lembraram por muito tempo que em determinados momentos não há como não colocar o corpo em jogo, o corpo em risco. O corpo está a todo tempo em riscos que não mensuramos, é importante treinar o corpo a andar nessa borda, admitir marcas também pode ser processual para entender as marcas que não admitimos.

O tecido me carimbava todos os dias e quando escrevo isso eu me lembro dos carimbos que ajudei a produzir em tempos de *Muiteza*. No tecido eu imprimia meu suor, minhas dores físicas e ele me respondia me marcando com seu potencial carimbo de tinta roxo-esverdeada. O caminhar e o vivenciar Rio das Ostras me marcava de medo e terror e eu devolvia-lhe marcas de pixo moldadas com estilete, “fê cega e faca amolada²⁰”. O corpo-processo, o texto-corpo, o corpo marcado e a cidade-corpo marcada de pixo. Colocar o corpo no processo me permitiu ver meu corpo todo marcado que é, algo que eu procurei desenxergar durante muito tempo.

Enquanto eu escavo minhas *marcas*, o *objeto* insiste.

A semana se dividia em muitas e em uma das divisões foi possível o incrível reencontro com Tânia, uma pessoa que marcou profundamente os últimos dois anos. Minha última disciplina do mestrado seria com ela e meus então colegas que haviam ingressado em 2016, um ano depois de meu ingresso no PPGCA. *Objeto intenso*, nome que me chamou profunda atenção.

Confesso que depois de *O lugar do gesto na arte contemporânea* (primeiro semestre de 2015 no auditório do CMAHO) muita coisa passou a fazer sentido e a não fazer também, potências de igual importância. Mas o *Objeto intenso* me chamava ao seu encontro ao mesmo tempo em que me escapava entre os dedos ou por uma fresta na janela. Acenava para mim e

²⁰ Letra de Milton Nascimento escrita em 1976.

me apontava o caminho mais longo ou o caminho contrário ou qualquer outro caminho. Eu estava ali objetivamente e obstinada a procurar esse tal objeto, estava a todo tempo tentando capturá-lo e essa era a armadilha perfeita.

Enquanto eu o perseguia constantemente ele sempre sabia minha exata localização. Fui capturada em corpo, em queda livre do tecido, em armadilhas conceituais enquanto lecionava ou enquanto reativava minhas memórias nas *encontras*. Fui capturada todos os dias. Meu corpo passou a se entender enquanto objeto perseguido e a ser capturado; contudo passei a me jogar, ao mesmo tempo, de dentro dessas armadilhas.

Eu entrava nos tecidos a fim de fazer as figuras e montar as quedas, girava, fazia torções e a todo tempo caía e escapava das armadilhas que o objeto me fazia ou que eu-corpo construíamos. E nesse momento o que era dentro e o que era fora se misturavam em um jogo onde não se podia alcançar nada, tudo estava sempre em perda. Quando eu pensava que meu corpo estava o mais dentro possível de um lugar, com uma torção ele escapulia para fora. Eu vibrava a cada fuga e a cada volta. Em algum momento dessa borda, oscilando ora dentro ora fora eu me atravessei com *Além do princípio de prazer* (2010) precisamente onde Freud descreve a experiência de observação da brincadeira de uma criança com um *carretel* e admiti a feliz coincidência.

Recorro aqui a esse atravessamento e remeto à experiência prenehe de admitir marcas no meu corpo por meio da prática da acrobacia aérea como uma estratégia possível de tomar a frente, de maneira ativa, do corpo que é meu, do corpo com o qual me sou e de nosso relacionamento com o entorno. Jogar esse corpo no ar confiando na boa realização das torções e dos giros é coloca-lo em perda e à mercê dos hematomas e queimaduras, para então celebrar sua volta.

O menino tinha um *carretel*²¹ de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta [...] O que ele fazia era segurar o *carretel* pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que ele desaparecia por entre as cortinas [...] Puxava então o *carretel* para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava seu reaparecimento (FREUD, 2010, p.5).

As aulas de terça-feira de manhã no IACS2 sempre se encerravam com uma proposta para o próximo encontro e uma delas foi justamente que cada um tentasse vislumbrar o que seria esse *carretel* para si, naquele momento. Pensei sobre isso por duas semanas e tudo que me vinha me escapava na mesma proporção. Não poderia simplesmente eleger um *carretel*.

²¹ Grifo nosso.

Seria muita precisão que um objeto qualquer fosse o que eu lanço seguidas vezes e celebro a volta. Escrevi isso e pensei que, por mais claro que seja não é de mecanicidade que estamos falando, não é no automático ou na repetição que reside, mas no risco. O que lançado produz risco e por que celebrar a volta para então lançar-se com risco de novo? Onde reside a diferença dessas voltas?

Tendo em vista algo que se repete, mas nunca de forma igual, eu pensei em tudo praticamente. Nosso cotidiano inspira repetição, mas nessa repetição nem sempre reside similaridade. Os dias e noites se repetem e não são iguais, as semanas também e tampouco são similares. Borda, torção, marca, giro. Reside a diferença onde reside um corte que muda o sentido, o rumo, a direção, o tamanho e a velocidade das nossas voltas.

Em algum momento minha percepção parou na borda do meu corpo, no limite onde sou eu fluida e sou eu gente de carne, osso, coração, volume e peso. Em algum momento durante uma queda eu me percebi eu mesma, eu corpo, me jogando com precisão como a um *carretel* e puxando de volta para celebrar meu reaparecimento nunca similar ao meu sumiço. E fui procurar as diferenças desses retornos e tentar saber se são palpáveis e me embolei nas *fitas de möbius*. Podemos apalpar as diferenças dos retornos?

Eu percebi com muito custo, porque não é automático se perceber corpo, leva tempo fazê-lo. A cada vez que a gente escorrega em uma borda e cai para fora ou para dentro, essa queda provoca alguma fissura nos espaços/tempos. Aprendi que energia não some, mas sempre se transforma em outro tipo de energia e vai se transformando e sendo transformada. Foi mágico quando no ensino médio descobri que energia pode ser luminosidade, barulho, amassado em alguma superfície de um material qualquer.

Lembrava-me das brincadeiras de filha única quando chutava bola na parede e o barulho que a bola fazia era, além de motivo de reclamação numa casa onde só tinha adultos, parte da energia que eu transferi para a bola através do impulso realizado com meu pé, quase sempre o direito. E fui e continuo nesse exercício de decompor as coisas, penso nesse texto mesmo, de saída, como um exercício de decomposição de um monte de coisas que eu gostaria de desentender ao menos um pouco.

Infra-fino

“El calor de un asiento que se acaba de dejar”²².

²² O calor de um assento que se acaba de deixar (DUCHAMP, 1980, tradução nossa).



Coleção de registros de marcas admitidas, corpo-tecido carimbado com tinta roxo-esverdeada. Modificada manualmente com palito de madeira, água sanitária e fricção do corpo-ponta do palito no corpo face da fotografia impressa. Fotografia e modificação por Ana Luiza Schuchter (JULHO/2016).

Penso na energia dos exercícios pesados do circo e lembro-me das marcas que eu admito que meu corpo receba quando me fricciono no tecido. As marcas de energia que se transferem para minhas pernas como que por um carimbo. Essas marcas são a substância energética que plasma desse contato. São as bordas que eu registro com fotos e é algo além do meu corpo e além do corpo do tecido. O corpo-marca ou marca-corpo, não importa muito, é o além, é a borda, o entre. O que não está nem dentro que possa ser posto para fora, nem fora que possa ser trazido para dentro; é o que permanece no espaço entre, no espaço do que plasma ou algo parecido com isso, mas nunca igual.

“El sabor del humo que queda en la boca al fumar”²³.

O *infra-mince/infra-fino* de Duchamp pode ser o que é *mais que o fino*. São descrições mais finas que teorias e que não buscam capturar, mas perceber brevemente o que escapa de dois corpos, o que rodeia e o que bordeia. O que plasma é fluido e escapa pelos dedos. Só se permite mensurar durante breves intervalos e depois já não há, se esvai, escorre de algum lugar.

“El sonido del roce de los pantalones al caminar”²⁴.

O que se pode capturar e colocar dentro de qualquer lugar já é menos fino que o *infra-mince/infra-fino*. A captura nesse sentido pode ser interpretada como uma foto que tiramos de dentro de um carro em alta velocidade, pela janela, de algo que nos chamou a atenção. Melhor seria olhar pra esse objeto o quanto fosse possível, porque o impulso de pegar uma câmera e sacar uma foto é bastante largo para fazer com que aquele algo caiba naqueles poucos centímetros da fotografia.

“Las puertas del metro, cuando alguien pasa en el último momento”²⁵.

Capturar uma foto do rastro de um objeto que fugiu e nada mais. A foto, nesse sentido, é uma janela por onde se pode ver o último momento do objeto que foge de ser capturado. Do que escapa facilmente por uma brecha ou uma rachadura porque é fino demais para ser contido. Fino demais para estar dentro ou mesmo fora, para estar encerrado em um lugar

²³ O sabor do fumo que fica na boca ao fumar (DUCHAMP, 1980, tradução nossa).

²⁴ O som do roçar das calças ao caminhar (DUCHAMP, 1980, tradução nossa).

²⁵ As portas do metrô, quando alguém passa no último momento (DUCHAMP, 1980, tradução nossa).

determinado. Vive nos espaços entre, nas bordas dos ditos espaços e não se permite capturar. Esse texto se pretende *mais que fino*; escrita para escorrer de espaços.



Foto tirada de dentro da van em movimento a caminho do Chacaltaya, tentativa de captura imagética do pixo de *Mujeres Creando* dentro de uma fração/segundo. Fotografia por Ana Luiza Schuchter. (JAN/2017).



Foto tirada de dentro da van em movimento a caminho do Chacaltaya, primeira tentativa de captura. Fotografia por Ana Luiza Schuchter. (JAN/2017).

“El aliento vital sobre superficies pulidas, vidrio, espejo, piano”²⁶.

²⁶ O hálito vital sobre superfícies polidas, vidro, espelho, piano (DUCHAMP, 1980, tradução nossa).



Foto original marcas-registros, giros e torções no tecido acrobático, JUNHO, 2016.

Segunda borda

¡Mujeres abrindo brechas!

*Sua puta louca*²⁷

Locas, agitadoras, rebeldes, desobedientes, subversivas, brujas, callejeras, grafiteras, anarquistas, feministas. Lesbianas y heterosexuales; casadas y solteras; estudiantes y oficinistas; indias, chotas, cholas, birlochas y señoritas; viejas y jovenes; blancas y morenas, somos un tejido de solidaridades; de identidades, de compromisos, somos mujeres, *MUJERES CREANDO* (ÁLVAREZ, 2009, p.1).²⁸

Mujeres Creando, coletiva feminista de preceitos anarquistas, que parte do pressuposto de dialogar socialmente de forma descentralizada e heterogênea, considerando que seu discurso se propaga através de várias vozes, dispositivos e estratégias. As integrantes, cada qual com seus atributos e criatividade, empreendem suas práticas utilizando uma ampla gama de suportes (performances, rádio, instalações, manifestações, passeatas, publicações, pixações, etc.) e instrumentos de comunicação, visando contemplar de forma equivalente demandas pessoais e coletivas, trabalho manual e intelectual.

A coletiva busca realizar suas ações equilibrando prática e teoria, valorizando ambas como instrumentos fundamentais de luta, mas não possui uma postura acadêmica, suas produções não visam reconhecimento teórico institucional. Escrever é uma forma política de tomada da palavra, apropriar-se da teoria é se valer da força conceitual e argumentativa enquanto produção e prática coletiva. “Nos pueden robar los términos y las categorías, pero no nos pueden robar las prácticas políticas’ me dijo una amiga feminista” (GALINDO, 2013, p.19)²⁹.

E é pensando na particularidade das camadas de vida dentro das estruturas de opressão que busco aqui estratégias para vislumbrar maneiras de olhar desde a borda desses espaços delineados e esmagadores pra onde nos empurram. E em termos de estratégia acredito que somente experimentamos algum tipo de utopia breve e executável quando bailamos múltiplos e juntos nas ruas. *Mujeres Creando* é uma grande potência de pensar e agir na mesma

²⁷ “Sua puta louca” foram as palavras mais direcionadas para nós no dia em que eu pude construir junto com *Mujeres Creando*, em La Paz, um ato contra o feminicídio em frente ao prédio da Vice-Presidência, Rua Mercado, região central da cidade.

²⁸ Loucas, agitadoras, rebeldes, desobedientes, subversivas, bruxas, *callejeras*²⁸, grafiteiras, anarquistas, feministas. Lésbicas e heterossexuais; casadas e solteiras; estudantes e trabalhadoras formais; índias, *chotas*²⁸, *cholas*²⁸, *birlochas*²⁸ e senhoritas, velhas e jovens; brancas e negras somos um tecido de solidariedade; de identidades, de compromissos, somos mulheres, *MUJERES CREANDO* (tradução nossa).

²⁹ “Podem nos roubar os termos e as categorias, mas não podem nos roubar as práticas políticas’ disse-me uma amiga feminista” (tradução nossa).

proporção. É a reivindicação exata e gritada do lugar das ruas dizendo que esse não é lugar somente de passagem, mas lugar de escândalo, barulho e multidões. Lugar de fazer política concreta e, como diz Galindo, política incorreta.

Enquanto prática ideológica trata-se a coletiva de um movimento, em todos os sentidos da palavra, movimento porque a engrenagem não para na *Virgen de los Deseos*, de onde elas se organizam e desorganizam com as ações *callejeras*. Porque é um movimento de saída de um espaço e tomada de amplos espaços públicos. A *Virgen* se autosustenta por diversos meios e é base para o prolongamento das raízes *Mujeres Creando*. Crescer e se movimentar a partir do que é diverso, do que é diferente, é um esforço muito distinto das agendas de grupos feministas que tive contato. Não se trata de um grupo de amigas que falam a mesma língua e reivindicam as mesmas identidades, trata-se de uma multidão que se comunica de diversas formas buscando maneiras de entendimento e desentendimento entre si e com o entorno.

Em 2014, fui à minha primeira Bienal de Artes de São Paulo, o que me abriu os olhos para muitas direções e posso dizer que não somente pelo evento em si, mas pela latência que percebi/senti ali. Foi quando conheci a potência *Mujeres Creando* e quando me deparei também com a potência *Espacio para abortar* (2014). E digo isso dessa forma porque entendo que as criações dão origens a outros espaços e conduzem a outros afetos e espalham o vírus em/para outros lugares. Senti na pele o risco de perder o domínio sobre as coisas, ouvia as narrativas e ao mesmo tempo olhava em todas as direções e tentava captar/ouvir aquela multidão de vozes. Eu fui atravessada e não conseguia sair daquele círculo vermelho.

Dispositivo de re-subjetivação que produz, coletivamente, outras consciências e outros corpos capazes de tratar o aborto voluntário como um fato comum em nossas vidas reprodutivas. Valem-se, para tanto, dos corpos de mulheres que decidiram abortar como plataformas políticas de enunciação que deliberadamente se auto anunciam (CBB, 2015, p. 72).

Mujeres Creando construiu um dispositivo-estratégia política de re-subjetivação em forma de obra de arte, em um espaço institucional da arte, como uma estratégia para trazer o indizível, o criminalizado e o desautorizado para um espaço de ampla passagem de indivíduos, ampla visibilidade. Proporcionou des-invisibilizar uma multidão de corpos e histórias por meio dessa estratégia, dessa política que se propõe concreta. Por meio de convocações reuniu centenas de pessoas para o que chamaram passeata-performance, no início da Bienal.



Fotografia da instalação *Espacio para abortar*, realizada pela coletiva *Mujeres Creando*. Fotógrafa: Ana Luiza Soares Dias. São Paulo, 2014. Arquivo pessoal.

No dia e hora marcados para a passeata-performance nos encontramos com uma estrutura enorme de ferro, que de certa forma reproduzia duas pernas abertas e um útero. Acima do espaço que representava simbolicamente o útero, que era um círculo envolto por um tecido vermelho, erguia-se uma enorme vulva com os dizeres: “Nem boca fechada nem útero aberto”. As *Mujeres Creando* pediram que carregássemos *para fora*³⁰ do espaço expositivo da bienal a escultura, que tinha 12 metros de altura e 7 de largura, e assim começamos uma marcha silenciosa com a escultura pelo espaço público. A proposta era que essa marcha se detivesse em alguns pontos escolhidos por nós e que então as mulheres que tivessem feito aborto ocupassem o centro da escultura, o útero, e lá de dentro narrassem à experiência de interromper voluntariamente a gravidez. Enquanto essa pessoa estivesse falando sobre sua experiência de aborto as demais ficariam a sua volta, somente escutando. Logo que uma acabava, outra podia entrar. Maria Galindo e Esther Argollo, as duas integrantes da coletiva que estavam propondo a ação, se colocariam ao lado desse útero para gravar e captar a voz de quem estivesse narrando seu aborto. A fala, e isso é extremamente significativo, deveria ser em primeira pessoa (CBB, 2015, p. 77).

³⁰ Grifo nosso.



Espacio para abortar, passeata-performance realizada em colaboração com *Mujeres Creando*, São Paulo, 2014, autoria Mídia Ninja sob licença Creative Commons.

A proposta da coletiva evoca em mim a estratégia mesma pela qual escrevo esse texto. Elas expõem no espaço da Bienal, uma instituição legitimadora das artes, uma das mais importantes do mundo, mas escorrem dele. É como um líquido vermelho, uma enxurrada, um jorro que não se pode conter com paredes. No momento em que é despejado no pavilhão Ciccillo Matarazzo inicia seu processo de jorrar por ele e para fora dele; de escorrer passando pelas frestas, portas, janelas e roletas. Escorre, portanto, pelo parque Ibirapuera junto com centenas de indivíduos que carregam sua estrutura, a rígida; escorre e espalha seu vírus por toda aquela extensão e ali permanece reverberando e contaminando por fricção todos os que entram em contato com seu jorro. Cada qual, então, leva consigo um pouco desse vírus e acaba por contaminar suas futuras produções, seus futuros textos e sua potência de pensar. Penso que nisso reside o que CBB aponta como dispositivo de re-subjetivação.

Nomear não passa perto de ser o ideal, a palavra não alcança a experiência, mas nosso exercício de falar e escrever traz à tona regiões e *histórias* invisibilizadas. Não podia dizer objeto, não podia dizer instalação, somente não podia não dizer nada, mas também não podia dizê-lo muito rapidamente e pensando pensei em potência e afeto. Do afeto que senti por aqueles relatos, por aquelas pessoas, do afeto que senti por mim, indivíduo com útero, pois

estou certa de não querer vivenciar a maternidade. E do afeto de outros indivíduos que ouvindo poderiam sentir por aquelas *histórias* verdadeiras de carne viva.



Fotografia da instalação *Espacio para abortar*, realizada pela coletiva *Mujeres Creando*. A autora dessa dissertação no interior de um dos “úteros”. Fotógrafa: Ana Luiza Soares Dias. São Paulo, 2014. Arquivo pessoal.

Senti pesar e desespero por me imaginar em uma situação de gravidez e estar nesse lugar abjeto perversamente articulado, ser lançada nesse *quarto de despejo*. Essa passeata-instalação é arte? Acho que essa categorização, apesar de complexa, não alcança e tampouco sinto que seja esse debate necessário aqui. “É arte ou não é?” parece um lugar já deveras pisoteado que não avança dizendo nada mais que o já dito, sem acessar nada do campo do indizível. O que pode alcançar então? Se existem textos difíceis de calar, os textos que sucederam essa ação são desses que vão ecoar por uma infinidade de tempos e espaços.

A substância que plasma entre os corpos durante a passeata-performance e também durante as visitas à instalação é algo que tem potencial para desestabilizar e proporciona sensação de risco, um risco compartilhado através de luta, empatia e afetos. Ação que inscreve na pele as *histórias* caladas e silenciadas pelos moralismos religiosos e as políticas

perversas que nos expropriam do controle de nossos corpos, planejamentos familiares e nossas vidas como um todo.

Prenhe de palavras audíveis na *Virgen de los deseos*

Um papel que me desafia a pensar e escrever. Durante esses mais de vinte meses muita coisa me fez pensar. Os pensamentos escorrem aos montes todo o tempo, talvez eu tenha pensado muito mais que escrito ou qualquer outra coisa. De tanto pensar hoje me coloco em frente a esse computador novamente, como é rotina nos últimos meses. Faz frio em La Paz e eu sinto meus dedos congelarem.

Ontem eu voltei à *Virgen*, lugar que se fez casa novembro e dezembro e metade de janeiro, fui tomar uma cerveja à noite e respirar de novo aquela atmosfera onde passei dias felizes e dias de puro abismo. Posso dizer que as primeiras semanas foram muito intensas, mas como eu posso refleti-las agora? Penso e observo mais que falo, falo menos do que queria, mas ouço tudo que meus ouvidos alcançam e vejo e olho em volta e dou mil voltas mesmo em torno de mim e me confronto. Talvez tenha sido mesmo de muito confronto mais que consenso.

Hoje estou em um apartamento perto da *Virgen*, emprestado por uma amiga querida que conheci aqui em La Paz, aliada também de *Mujeres Creando*, rodeada dos livros produzidos pela coletiva, suas escritas; escritas feitas pela via das alianças. Eu leio vocês de perto porque pude conhecê-las de perto. Talvez seja parecido com uma janela embaçada da qual eu tentava ver o outro lado anteriormente e viver com vocês tenha me proporcionado passar um pano nela de dentro pra fora.

Agora se faz mais nítido, mas nem por isso óbvio. O certo é que viver com vocês, comer junto, rir junto, construir intervenções, política concreta, perambular pelas ladeiras de La Paz, cozinhar, dormir, viajar, beber cerveja e *té con té* até não conseguir mais subir as escadas de volta pro meu quarto, foi o que pude fazer para me aproximar de um cotidiano tal que pôde se misturar.

Perceber o receio de Julieta ao me passar a função de trancar a casa, alguém que ela, até então, desconhecia. Tomar vinho com vocês ao redor de uma fogueira e entender do que se trata a tal palavra *coletiva*, ou fazer as coisas coletivamente. Nada tem a ver com uma ideia *hippie* de naturalista, *good vibes* ou sagrado feminino. A palavra coletividade nesse sentido tem mais a ver com um profundo respeito às diferenças existem entre nós e que constituem nossos entornos.



Vista de minha cadeira preferida, restaurante/bar da *Virgen de los Deseos*. Fotógrafa Ana Luiza Schuchter.
JAN/2017.

É sobre ouvir Yolanda Mamani em seu programa de rádio voltado para trabalhadoras domésticas³¹ e depois conversar com ela enquanto fumamos um cigarro e entender a importância fundamental dessa abertura e criação, de interlocução da mesma enquanto mulher, enquanto *cholita* e trabalhadora doméstica com as demais trabalhadoras domésticas da cidade. É entender que essa abertura produz uma fissura, uma desprogramação do espaço de sua lógica usual, produzindo uma nova possibilidade de interlocução e proporciona que ela e outras entendam que aquele espaço é um espaço de transformação e que transforma para além dele. Gosto da ideia da *Radio Deseo* como dispositivo pelo potencial que tem de se espalhar e entrar nas casas, nos ambientes de trabalho, nas vans e ônibus, nos comércios... Escorrendo das bocas, pelos microfones e auto falantes...

Certa vez enquanto conversávamos durante uma viagem que fizemos à Guaqui³², em volta de uma fogueira, Yola (minha protetora, como passou a ser) me contava que tinha conhecido um radialista famoso em La Paz e que ele havia criticado as músicas que ela escolhia para a programação com certo ar de superioridade, ao passo que ela retrucava firme dizendo “o programa é meu, eu gosto da música e vou tocar sim”. Tomada de lugar cria possibilidade de escolha e agência.

Não há como não chamar a atenção para a questão da heterogeneidade porque esta grita e se faz muito presente. Não se trata *Mujeres Creando* de um movimento de amigas. Óbvio que muitas se conhecem há muitos anos e possuem laços visíveis de amizade, afeto e confiança, mas enquanto movimento a força motora é o compromisso com a luta e a seriedade irrestritas. A máquina é grande e gira sem parar. Sem parar dia após dia, cada qual com sua função cumprindo os combinados prévios. Ninguém se mantém ali somente na amizade, mas no trabalho sério e em tratar as coisas pelos seus nomes verdadeiros sem maquiagem.

Eu me desafiei a vir para cá assim como esse papel branco me desafia a escorrer as palavras para ele. Estou prenhe de palavras e isso é tão real quanto pode e deve ser. Estou tão prenhe que não caibo na sala dessa casa e nos meus casacos de frio mais. Em breve eu retornarei ao Rio de Janeiro onde tudo continua a acontecer e eu abraço meus processos a ponto de amassá-los todos até ficarem *infrafinos* e caberem nos meus bolsos, mochilas e malas.

Eu os levo comigo e essa é uma ocupação profundamente importante do espaço do meu corpo e da minha mente. Eu os levo para passear e mostro às pessoas que passam do meu

³¹ *Trabajadoras del Hogar*.

³² Cidade próxima de La Paz as margens do Lago Titicaca para a qual viajamos numa data próxima ao fim de ano Emilliana, Julieta, Yolanda e eu para nos encontrarmos com outras aliadas da coletiva e fazer bruxarias de virada de ano.



Registro pixo-censurado *Mujeres Creando*, centro de La Paz. Fotógrafa Amanda Neves. JAN/2017.

lado ou a alguém que senta no mesmo banco de praça que eu. É a minha forma de ocupar o ambiente todo. Esse texto mesmo anda comigo nas conversas de bares e nos pontos de ônibus para que não chegue à categoria de postulado teórico de correntes feministas, mas que ocupe as bocas e os corpos.

Escrevo desde *Mujeres Creando* inspirada pelo potencial de desprogramação contido em *Caminhando* e desde as ações e suspensões onde eu consigo ver acontecerem intervalos de utopias possíveis. A convocação é a peça fundamental de escrita desse texto. Da convocação vem a torção e o desviar-se de espaços esmagadores em potencial, prática que eu acredito possibilitar uma mudança espaço temporal significativa na vida mesmo. E a vida muda a forma como a gente luta.

Escrevo um texto desde o afeto que eu pude construir a partir dos encontros que se deram e a partir dessa convocação que provoca um remexer comum em pessoas e corpos distintos. E como dizemos na rua em momentos de risco “ou vamos todas ou não vamos nenhuma” entre ir e ficar, nos aglomeramos monstruosas em multidões de corpos dissidentes. Esse texto se dobra e sobrepõe sobre ele mesmo e sobre outros textos que ficaram por tempos calados em minha boca.

Nessas dobras ficam as marcas nos papéis, as marcas em minhas mãos e nas paredes de minha casa. Escrevo para percorrer essas e outras marcas corporais como quem tenta visualizar e ouvir as muitas *histórias* transcorridas até aqui. E *caminhando* registro as marcas no entorno, as marcas nas ruas, nos becos, nas paredes. Embarço-me nessas utopias possíveis e temporárias e revisito suas latências.



Pixo de *Mujeres Creando* censurado em La Paz: *No soy originaria, soy original* (2006).

Na *borda* fui buscar o texto e não mais voltei

Observando continuamente essa imagem persisto pensando os espaços, sobretudo o espaço desse texto que escrevo. Trata-se de uma sucessão de camadas textuais que eu sobreponho num exercício de que elas se comuniquem e se contaminem. Sobreposição não é apagar de camadas, mas o exercício de pensar essa camada textual aqui como sendo a superfície mais recente de uma série de outras que se acumulam, algumas vezes convergindo e em outras divergindo.

Esse pensar textual é uma proposta de construção simultânea a partir da observação repetida das imagens que eu adiciono a esse espaço que construo batendo tecla por tecla em frente a esse notebook. Cada imagem é pensada para se sobrepor às palavras marcadas nessa



Registro pixo Mujeres Creando no bairro Sopocachi. Fotógrafa Ana Luiza Schuchter, JAN/2017.

tela branca. Na intenção de que elas se confundam e que texto também seja imagético e que imagem também possa produzir significações textuais.

Na borda dessas sobreposições eu cavo dos meus arquivos as escritas automáticas e fotografias que cliquei desde as beiras corporais pelas quais transitei durante esse processo, fazendo misturar a prática de registrar com a potência de pesquisar e escrever um texto corpo-teórico-crítico que dê conta de pulverizar esse vírus no espaço que existe entre ele e você que o lê. Como texto convocação vou *caminhando* até você escorrendo através dos poros dessa tela que nos separa ou, se me encontro material, dessas folhas que você segura.

Eu peso porque estou prene de palavras soltas nas quais faltam letras que já derreteram ou mesmo *caminharam* em outras direções se desencontrando. Não há como não falar do oco que me preenche e de como o aqui já não me cabe. O oco de dentro que não mais me abriga, no qual não mais habito porque, *mais que fino*, eu já escorri dessas páginas. O que você ainda vê são as marcas que aqui produzi, os sulcos que fiz. Essa escrita de criar estratégias tenta produzir texto dispositivo para escorrer de espaços.

A arte, a arte, a arte, a arte, a arte sem arte ou Indianara Siqueira e se não queira

Escrevo e escorro daqui de Laz Paz, desse sofá com cara de século passado do segundo andar da *Virgen de los Deseos*, para as lembranças que guardo da campanha de Indianara Siqueira à puta vereadora pela cidade do Rio de Janeiro no ano passado. E faço isso ao mesmo tempo em que me lembro de um diálogo que aconteceu hoje mais cedo com Maria, onde ela me dizia “a arte, a arte, a arte... A arte... Sem arte (*a institucional*³³) é mais potente”.

Estou sentada nesse sofá há algumas horas pensando sobre essa arte sem arte e entendendo que é uma linguagem e um dispositivo como outro qualquer. Talvez mais financeiramente constituído ou com valor demais agregado, mas ainda um dispositivo e, por esses motivos, com grande potencial disseminador.

Arte sem arte, penso que é olhar a prática em si, a ação sem instituir um espaço para ela caber dentro. Olhar pra algo sem querer colocar esse algo dentro de algum lugar e etiquetar e colocar um preço e anunciar no Facebook e vender por aí plotado em imã de geladeira e *ecobag*. É da arte de Carol de Jesus eu penso, é a arte que vem *caminhando* em diversas direções da qual esquivamos quando passa rápido demais ou aquela que corremos atrás porque passou numa velocidade alcançável. É da arte de viver.

³³ Grifo nosso.

A campanha de Indianara não tinha verba pra produzir material de divulgação. Entre mil desculpas porque a burocracia é elevada a dez mil quando se trata de uma puta travesti, vamos dizer logo a verdade. E como esse texto é sobre convocação e estratégia não podia deixar de revisitar essa que foi o *corpo-panfleto*, tão importante política concreta realizada por nós apoiadores da campanha. Utilizávamos nossos próprios corpos como panfletos ambulantes com as cores da bandeira trans* e os números da puta, travesti, candidata a vereadora 50169. Política concreta, no concreto e percorrendo os becos do centro da cidade, Lapa e além. E repito as palavras de Cíntia Guedes no dia do lançamento da candidatura de Indianara, no *Gafieira Elite*: “eu não acredito em política representativa, mas a Indianara acredita e eu acredito nela”.

**Não voltamos ao “recato do lar”
enquanto os povos indígenas
estiverem sendo expulsos de suas terras
e assassinados pelo capitalismo e agronegócio.
Enquanto mulheres forem estupradas todos os dias
e as mortes de mais de cinco mil por ano não pararem,
não voltaremos ao recato do lar.
Enquanto a morte de mais de 140 trans*gestigêneres³⁴ não parar,
não voltaremos ao recato do lar.
Enquanto a morte LGBTIQ por crimes de ódio não parar
não voltaremos ao recato do lar.
Enquanto prostitutas não tiverem seus direitos reconhecidos
não voltaremos ao recato do lar.
Enquanto as políticas públicas para pessoas com HIV/AIDS não
voltarem à pauta do dia.
Enquanto o Cistema³⁵ Único de Saúde não for de fato inclusivo
e o genocídio da população negra não for estancado
nós não voltaremos ao recato do lar.
Enquanto a democracia não for estabelecida,
não voltaremos ao recato do lar**

³⁴ O uso da palavra trans*vestigêneres é uma estratégia similiar ao uso do asterisco na palavra trans*. Trata-se de uma estratégia dos movimentos trans*feministas no intuito de evitar classificações excludentes. Quando essa palavra é utilizada nesse texto significa que estou me referindo a trans*exuais, trans*gêneros e travestis.

³⁵ Palavra torcida de sua grafia usual para indicar que além de se tratar de um sistema é um Cistema, pois apenas lê como sujeitos as pessoas cisgêneras, negligenciando e invisibilizando a existência das pessoas trans*.

Essas exigências não são negociáveis³⁶
(INDIANARA SIQUEIRA, 2016, s/p).

Os corpos carregando pelas ruas as marcas que admitimos e carregados também de lutas que acreditamos que sejam extremamente urgentes. Hoje eu escrevo com muito pesar pela notícia de fechamento da Casa Nem e estou aqui somente de corpo porque o coração está todo no Rio de Janeiro. A Rua Moraes e Vale que assistiu a tanta política concreta e a tantas ações diretas tão importantes, nos próximos meses se despede da casa que abriu portas para trans*vestigêneres em sua maioria em situação de vulnerabilidade social^{37*}.

Eu choro daqui porque sei que muitas pessoas estão chorando de lá. A casa do projeto Prepara Nem que pensa e age na inserção de trans*vestigêneres nos cursos superiores através do ENEM. A casa onde participei das melhores rodas de conversa, onde eu comecei a aprender a ouvir mais que falar e a reconhecer meus privilégios e identificar e sufocar meus preconceitos, tarefa na qual busco me jogar diária e continuamente.

Casa Nem é como um pedacinho de utopia realizada nas brechas. Daquela utopia mais gostosa, mais palpável e cheia de cores. Abriga a garra de quem vê a violência e a morte nuas e cruas a todo tempo e a simpatia de quem trava as lutas com criatividade, força, gargalhadas e muita potência. E lá suamos, dançamos MC Carol, rebolamos muito a raba, mas também nos articulamos, sonhamos em conjunto e acreditamos em pequenas utopias, pequenas vitórias e muitas *histórias*.

No meu primeiro contato com o Prepara Nem eu participei de uma aula numa terça quente na Casa 24, outro lugar de encontros, dissensos, afetos, amores, suor, choro e luta. Na 24, junto com Sara/Elton, Filipe, Dora e tantas outras pessoas queridas, enquanto preparávamos um rango pós aula, escutei de uma aluna do prepara, trans*vestigênera ativista, que passar no ENEM e entrar para a faculdade era um motivo para ir às aulas, mas não era o único porque o mais forte era saber que ao menos na terça-feira, uma vez por semana, “aquele estômago veria janta”. E digo isso porque mesmo que eu fale tudo que eu pude presenciar do Prepara e da Casa Nem se trata de bem mais que isso, bem mais luta, bem mais pequenas vitórias, as raízes estão espalhadas.

³⁶Cartilha-Manifesto de campanha de Indianara Siqueira, Rio de Janeiro, 2016.

³⁷Felizmente, ao revisar esse texto, percebo que ganhamos uma pequena batalha de proporções imensas. Aconteceu uma campanha, um financiamento coletivo virtual, que proporcionou/proporciona que a Casa continuasse/continue com suas atividades. Estamos em maio e a Casa Nem (re!)existe. A luta muda os espaços/tempos da vida na coletividade. Casa Nem vive, Casa Nem viva!

As raízes estão espalhadas e nos encontraremos nas ruas e continuaremos construindo afetos e lutando e rachando todo tipo de preconceito e violência que tivermos notícia. A Casa Nem se desloca um pouquinho com cada um de nós, mas continua bailando e se espalhando. Como o *Caminhando* de Lygia, vamos aos atos, as ações efetivas e às políticas concretas e a partir da torção e de cada ato nosso o espaço se modifica e se amplia. Não está a Nem na parte de fora ou de dentro, mas nas bordas inlocalizáveis, nas ações *callejeras*.

Quando iniciei nesse mestrado tinha uma preocupação angustiante com a definição do objeto, a questão, a bibliografia, o que poderia ou não fazer desse texto. Por muito tempo eu admiti a mentira de que *Mujeres Creando* era meu objeto. Hoje admito ser o objeto uma latência, *é mais que fino* e escorre por frestas de qualquer lugar que eu tente colocá-lo.

O objeto insiste e insistiu tanto para que eu admitisse o risco de não estar dentro do chamado texto acadêmico, de abraçar esse risco e fazer dele meu afago maior que eu abandonei mesmo. Trata-se de estratégia e de ação *callejera*, política concreta nas ruas de concreto e de não admitir e não aceitar os lugares que nos são empurrados goela abaixo. Trata-se de múltiplas estratégias para escorrer desses lugares para as beiras, para as bordas e para os espaços entre. Modificá-los mil vezes por dia se for preciso e tangenciá-los outras mil, mas de não espremer pra caber em lugar nenhum, em identidade fixa alguma.

Trata-se da estratégia que pude acompanhar me friccionando ao corpo que *é Mujeres Creando*, da vocação da necessidade e obstinação de buscar alianças além da movimenta. De se espalhar como vírus, de contaminar por fricção para que cada corpo leve consigo as marcas que plasmam das alianças e do contatos. Espalhando o vírus não ficamos localizados em sítio algum, mas perambulando. Não dentro, nem fora, mas nos arredores.

Refutando com todas as forças o lugar destinado ao feminismo por meio da institucionalização que reduz, banaliza e simplifica uma série de lutas sob a repetitiva retórica de “igualdade de gênero”, *Mujeres Creando* constrói política concreta e principalmente política incorreta. Uma estratégia é não se deixar absorver pelas agendas internacionais e uniformizadoras que desmobilizam ações importantes, principalmente por meio dos financiamentos feitos a coletivos que se dispõe a alianças com o Estado ou com as ONGs.

Dentro dessa retórica falaciosa e desonesta de igualdade é que se uniformizam os discursos e se reduzem os interlocutores, principalmente porque almejando igualdade invisibilizamos as diferenças, o que tolhe o potencial subversivo do feminismo enquanto desobediência às normas cristalizadas e não-submissão às estruturas de opressão, exploração e invisibilização.



Foto registro área externa da *Virgen de Los Deseos*, casa de *Mujeres Creando*, Fotógrafa Ana Luiza Schuchter. JAN/2017.

Mujeres Creando não se coloca apenas fora dessa agenda, mas jorra deliberadamente para os espaços das ruas. As ações *callejeras* são, enquanto estratégia, o que de fato interessa nesse texto. Então passo por cada uma das *histórias* onde o dissenso se faz presente para construir esse texto que é de colagens, de quebra-cabeças e não tem a linearidade que talvez seja esperada. Passo pelas *histórias* que acredito que tenham potencial para espalhar esse vírus que é desobediência e política concreta/incorreta.

Vírus que pude notar se espalhando em diversos momentos, os quais relato aqui na esperança de que sua latência permaneça e seu grau de contaminação cresça exponencialmente. Alimentando o fogo da utopia seja no Beco da Moraes e Vale, seja na *Virgen de los Deseos* tomando cerveja quente e forte, seja nas *encontras* que permanecem incendiando as nossas ações, aumentando nossas redes e principalmente modificando nossos espaços de diálogo e discussão para muito além das linhas de pensamento que permanecem no interior do feminismo. Que com rebeldia as rachaduras venham à tona e possamos escorrer desses espaços de clausura e inação.

Dia 22 de novembro: ação concreta ou sua puta louca

Estava em La Paz há duas noites quando Julieta me convidou a uma intervenção que iriam realizar na manhã seguinte; não me disse em que lugar seria, apenas que era importante que eu fosse com elas visto que pretendíamos construir alianças e diálogos nesse tempo que eu passaria morando na *Virgen*. Acordei as oito e fiquei me revirando até às oito e meia sem conseguir dormir mais. Tomei um banho e quando sai do banheiro em direção ao corredor Julia me avisa, eufórica, que a intervenção seria em frente ao prédio da Vice-Presidência, na Rua Mercado, segunda rua paralela desde a 16 de Julho (uma principal que serve de localização para me nortear quando vou ao mercado de rua comprar pães e frutas ou quando vou à rua Sagarnaga, que tanto me traz boas lembranças). Passa-me toda a direção e tática pensada por elas para a ação e me convida a acompanhá-las, gesto que senti como um caloroso “boas vindas”.

Em um cortejo fizemos um trecho de um quilômetro e meio, eu ainda sufocada pela altitude, pois havia chegado dois dias antes do Brasil, mas bradando entre os muitos carros acumulados no trânsito intenso de La Paz logo pela manhã, nas principais ruas do centro da cidade “¿A cuantas mujeres más nos tienen que matar?”³⁸. Revezávamos cartazes com dizeres “Transformando el dolor del feminicidio en lucha por justicia”³⁹, numa ação que é de luta

³⁸ “Quantas mulheres mais nos têm que matar?” (tradução nossa).

³⁹ “Transformando a dor do feminicídio em luta por justiça” (tradução nossa).

acirrada contra a violência doméstica no contexto da Bolívia e além. O espaço da rua é tomado por mais de dez mulheres vestidas de noivas sangrentas (além de muitas outras de nós) bradando impactantes frases de efeito; o sangue que corre por aquelas ruas escorre de dentro das casas que contém nelas e de dentro dos corpos que as percorrem.

Nesse dia eu vi a rua gritar e as pessoas gritarem nas ruas. La Paz é cidade de grandes atos e é interessante ver como se movimentam os grupos em prol de jogar as coisas pra fora e vomitar nas vias públicas as mazelas as quais são submetidos diariamente. Todos os dias havia uma manifestação na região central, da Catedral de São Francisco ou na Plaza Murillo e os transeuntes vão aderindo, as pessoas vão descendo das vans e se agrupando à multidão, aumentando o corpo dela. Na nossa passagem também houve muitos agrupamentos.

O vírus se espalhava enquanto nos friccionávamos com a multidão que havia ali e os brados se multiplicavam em volume e corpo. O supetão é uma das táticas, que considero de extrema importância, inclusive. Quando dobramos finalmente para a Rua Mercado me deparei com o enorme e imponente prédio da Vice-Presidência, cercado de policiais por todos os lados. Chovia e subíamos a rua em coro forte e assertivo. O enfrentamento era de potência de sobra, de quem topa batalhar por pequenas vitórias todo dia, de quem baila e grita até de manhã pra cansar o corpo pesado do poder.

Começa a chover e continuamos a subir, houve alertas por parte de muitos policiais, mas o que houve para além foi uma chuva vermelha na parte lateral de todo prédio imponente, marcado agora de um sangue que escorreu dos espaços trancados, que não pretende mais ficar pregado nas paredes de dentro das casas até ser lavado compulsoriamente pelas pessoas à quem ele pertenceu.

A violência que escorre entre os dedos, passa por debaixo das portas e toma as ruas, mancha as ruas, marca as ruas e grita. Violência que a todo custo tentam encerrar no âmbito dito privado e que nos violenta todos os dias quando miramos nossas paredes de casa sujas de sangue. E nós marcamos com esse sangue pra dizer que estamos aqui dividindo essa violência e escancarando-a.

Fazer política no micro ou performance *escândalo*

Política concreta ou, como afirma Galindo, política incorreta. Uma luta que sai de dentro de casa para gritar nas bordas de todos os espaços políticos sem permitir que sejam cooptados. Que escorre como sangue mesmo que marca de espaços que de tão encarceradores escondem atrocidades.



22 de novembro, lateral do prédio da Vice-Presidência do estado plurinacional de Bolívia. La Paz, Rua Mercado. Foto por Ana Luiza Schuchter, 2016.

Espaços para os quais somos empurrados todo o tempo, espaços que definem dentro e fora. Nas bordas, depois de jorrar e escorrer, deixamos de admitir caber nesses espaços que nos marcam sem nosso consentimento e escandalizamos toda a violência existente neles.

De modo a agitar as consciências de maneira criativa, construímos uma espécie de convocação a partir de uma série de pequenos atos que subvertem um cotidiano de uma cidade grande, populosa, no horário de pico no meio da região central. Transgressão simbólica e cultural com distúrbios domésticos.

La base de la sociedad, lamento darles la noticia, no es la familia. [...] En la sociedad patriarcal, lo que se ha hecho es cerrar la vida privada con un candado bien grande de 'intocable'. Se califica lo privado como un hecho personal, que no es político y que al no ser político no puede entrar en discusión pública alguna. Si un diputado es padre irresponsable, eso es una cuestión privada y no puede ser cuestionado por eso. [...] El feminismo denuncia que el mundo privado y, por lo tanto todo lo que pasa dentro de la casa es producto de relaciones de poder (GALINDO, 2015, p. 9)⁴⁰.

⁴⁰ A base da sociedade, lamento dar a vocês a notícia, não é a família. [...] Na sociedade patriarcal, o que se tem feito é fechar a vida privada com um cadeado bem grande de 'intocável'. Qualifica-se o privado como algo pessoal que não é político e que ao não ser político não pode entrar em discussão política alguma. Se um deputado é pai irresponsável isso é uma questão privada e ele não pode ser questionado por isso. [...] O

rodeavam. A reprovação e a aliança vêm na mesma medida por parte das pessoas que ali se acumulam. Consenso e dissenso, forças de iguais potências. As alianças são de saída, proibidas.

Mulheres ocupando as ruas aos gritos e cores são taxadas de loucas, pois não estão nos espaços que são destinados a elas, o espaço da casa, do casamento, da maternidade e por aí vai. Escorrer desses espaços por frestas ou brechas prevê rechaço, é categorizado como loucura e antinorma.

Existem tanto pessoas que se agregam ao movimento e acabam por criar relações de afetos com a casa e com as *Mujeres* e outras que repelem e agridem ao máximo e em qualquer que seja a oportunidade. A intervenção tinha um propósito definido: levar propostas para Álvaro Garcia Linera. Tinha voz e reivindicava ouvidos. Haviam escrito propostas de modificação da lei 348, uma lei que visa garantir uma vida livre de violência.

A política concreta ou política no concreto, política na rua existe em resposta ao crescimento do feminicídio no país, em contraponto com a macropolítica que há. É uma maneira de trazer para o espaço público as questões que assolam, nesse caso, principalmente às mulheres (esse termo não denota de nenhum essencialismo, moralismo religioso ou discurso biológico nessa pesquisa; acredito na potência e na propriedade individual de compreender e autodenominar o que se passa em seu sistema sexo, gênero e sexualidade).

As reações de adesão existiram e foram potentes e emocionantes, mas também existiram as violências verbais inúmeras, proferidas como se aquela reivindicação fosse descabida e fora de lugar. Política concreta ou política incorreta, porque, tão atolados estamos na política representativa, os meios que temos de fazer reivindicações são considerados ilegítimos. Na dobra, portanto, do que consideram política feita de forma incorreta acionamos as ruas como espaço fundamental de luta e comunicação no âmbito social.

Principalmente o discurso da loucura foi usado para recriminar a ação. Nos vídeos tinha chuva, polícia, armas, cassetetes, tinta cor sangue, brados, frases de efeito e xingamentos vindos dos mais diversos lados. Vejo que somos fortes, potentes, somos mortas, somos xingadas, por poucos aplaudidas, somos assistidas pelos olhares de repreensão dos policiais, dos cidadãos, das cidadãs, somos chamadas “putas loucas” ou simplesmente “loucas”, mas bradaremos enquanto vivas e não esqueceremos as que foram abatidas; bradaremos ainda mais alto por nós.

“Suas putas loucas” foi a frase que mais ouvi durante o período que ali estávamos em ato e modificando aquele espaço dito público. O espaço aberto é espaço fechado, o

institucional quer dar conta de tudo sem deixar brechas. O fora é disfarçado de dentro, na medida em que esse fora é espaço de interlocução onde poucas vozes são ouvidas.

As propostas escritas a Garcia Linera não foram recebidas por ele, pois as portas, ouvidos e olhos estavam hermeticamente fechados. As portas do prédio público da Vice Presidência foram fechadas assim que apontamos na esquina e é como se com gestos nos dissessem claramente “nesse espaço vocês não podem entrar, com esses corpos vocês não têm permissão de transitar aqui dentro”.

Ocupamos as escadarias do prédio, como quem ocupa a borda e não arreda dali. Não queremos entrar, mas dizer e nos fazer presentes em corpo. Tampouco queremos voltar para nossas casas, queremos estar nas ruas como quem ocupa um lugar que é de direito. Fazemos as alianças que são proibidas, corpo-rua, corpo-limite e seguimos refutando lugares que não mais nos cabem e que tampouco queremos.



22 de novembro, lateral do prédio da vice-presidencia do estado plurinacional de Bolívia. La Paz, Rua Mercado.
Foto por Ana Luiza Schuchter, 2016.



Ação *callejera* na Rua Mercado, região central. Fotografia Ana Luiza Schuchter (NOV/16).

Terceira borda

**“Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa contra a mola que resiste**

**Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade, decechado
Entre os dentes segura a primavera⁴²”**

Vivemos um abarrotamento de imagens, de palavras, de vivos e mortos. De objetos, enunciados, referências, discursos, modelos e instituições. Coexistimos com noções de presentes, futuros e de passados. Passado no sentido amplo, naquela definição assustadora de que o agora já é passado, e isso aqui também. Não é uma via que se movimenta linearmente, mas uma profusão de redes que se ligam, religam e desligam de e para vários pontos e que se entrecruzam criando e desfazendo tramas simultaneamente. Mas nada disso desaparece, só recombina vez ou outra e se encontra em algum outro ponto novamente.

Tijolos, concreto, cimento, reboco, tinta sobre reboco, tinta spray sobre camada de tinta, tinta adicionada com uso de rolo sobre tinta em spray. Tudo coexistindo nessa composição. Os conjuntos, os aglomerados só são pela soma de seus elementos se sobrepondo. Uma sequência de passados e camadas mais recentes cobrindo outras anteriores.

Por sobrepor não me refiro ao apagar de camadas e sim ao exercício de pensar essa camada textual como sendo a superfície mais recente de uma série de outras que se acumulam algumas vezes convergindo e em outras divergindo. Essa terceira borda textual é uma proposta de construção simultânea à observação e ao ato de pensá-la como algo que se sobre põe às camadas anteriores, sem a menor pretensão de suprimir as latências ali existentes, ou tampouco conservá-las a todo custo baseado em qualquer idealismo romantizado, mas dobrando-se sobre si mesma.

Em termos práticos eu preciso sentar nessa cadeira, nesse sofá, nesse chão, nessa cama, nessa mesa, nesse teto, nessa estante, em cima desse guarda-roupa ou debaixo de qualquer desses lugares, onde quer que seja para finalizar esse texto de dissertação. Hoje eu andei uns dez quilômetros em minha casa de quinze metros quadrados. Levanto dessa cadeira de cinco em cinco minutos, assim como levanto, sento e deito de/em todas as superfícies que

⁴² *Primavera dos dentes*. Letra de João Apolinário/João Ricardo, Secos e Molhados, 1973.

posso alcançar ou não. Em alguns momentos eu ouço vozes e tento minimamente organizá-las. Vozes que existem em corpo físico, absolutamente não falo aqui de qualquer transcendência, mas antes dos golpes que tomamos e dos que revidamos. Em tempo, é de vida mesmo e da força de inventar maneiras de existir que eu escrevo aqui. “E no centro da própria engrenagem, inventa contra a mola que resiste”.

Enquanto sento no chão para ouvir o que me diz Carolina de Jesus, Sara/Elton Panamby, Angela Donini, Cíntia Guedes, CBB, Tania Rivera, minha orientadora querida Nina, minha amiga Dora com quem falo em silêncio e também com tocar de mãos, minha querida Lais Lara, minha companheira de sempre e pra sempre além, enquanto eu falo a mim também e ouço uma voz que vem de lá onde não mais estou, enquanto eu ouço o barulho de minha vizinhança, tão próxima à minha casa de teto baixo, eu escorro pelas paredes e conto também com elas como dispositivos e superfícies porque as telas brancas já não me bastam e não me cabem.

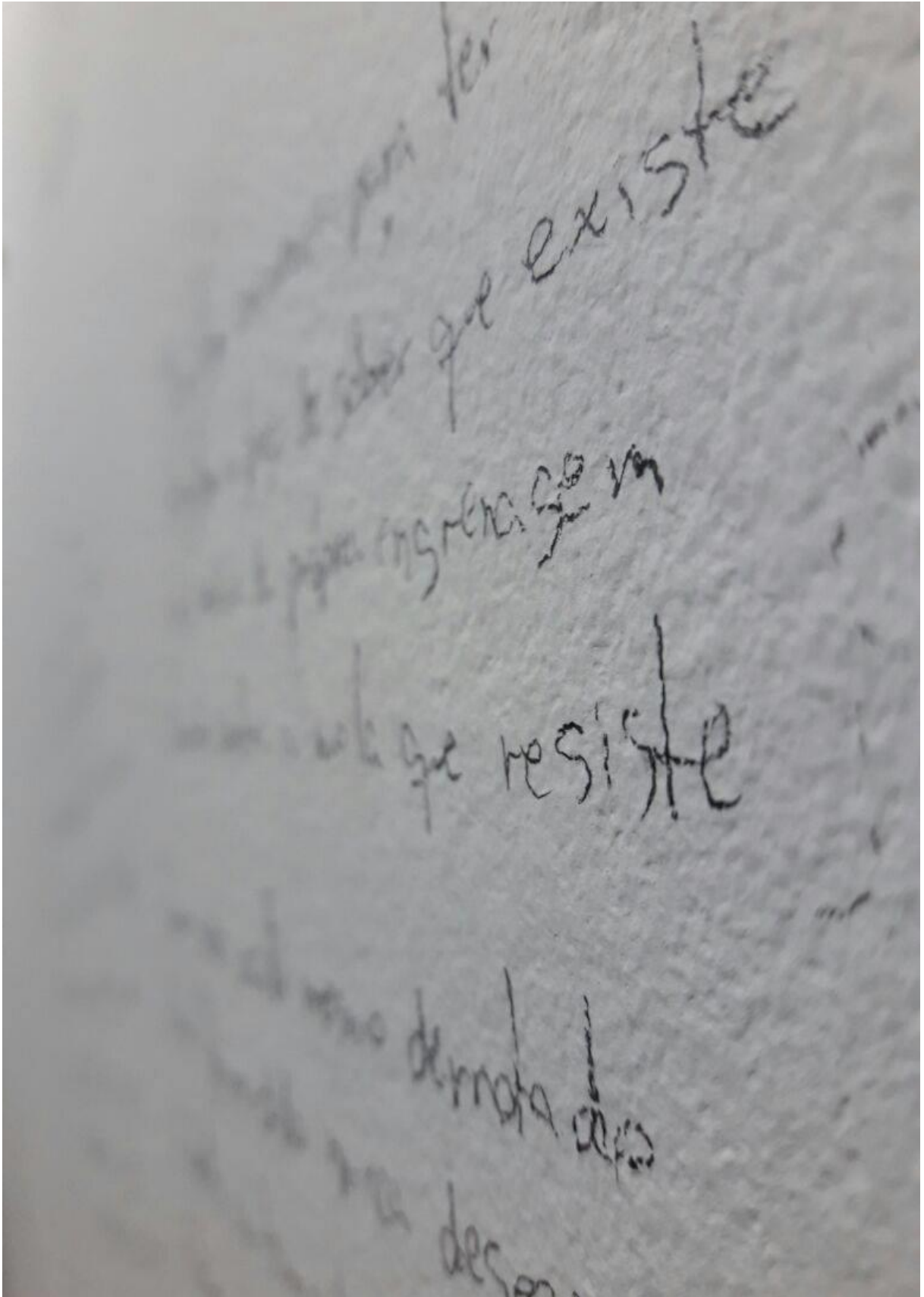
Penso que com a defesa desse trabalho-texto preciso ainda, e na mesma medida, aprender ao passo que desaprendo uma série de “certezas” que podem ter escapulado por aqui. Não é de dor e ansiedade que se trata, mas de fluxo e jorro de consonâncias e dissonâncias. Na verdade, é uma incrível experiência ser lida/ouvida por pessoas que você admira e que, por generosidade e cuidado conseguem potencializar a partir das diferenças que existem entre suas pesquisas, seus interesses e as urgências que aqui escrevo. Escrever não é algo que faço sozinha, mas faço em multidão. “Não mexe comigo que eu não ando só, eu não ando só, eu não ando só⁴³”.

“Quando não couber mais o jeito é vazar” (Panamby, 2017, p.154)

E vazo, mas não fujo e estou presente porque hoje eu já me estampeei nas paredes da minha casa e nos muros pelos quais passei no caminho de vinda, pra tentar existir um pouco mais fora dessa tela e, de repente, não ser tão breve. Escrevo esse texto que não é mais eu, mas que diz *algos* sobre esse eu que construo enquanto subjetividade dentro de experiências coletivas ou não. Enquanto eu me ponho a ouvir essas *histórias* eu caminho pelos percursos entrelaçados e atravessados pelas coletividades “para farejar por coisas esquecidas” (Panamby, 2017, p.164).

Em termos complexos os textos e as imagens mentais se sobrepõem e atropelam meus pensamentos vezes ao dia; eu os sigo e eu os farejo através dos rastros que deixam desses

⁴³ *Carta de amor*. Letra de Maria Bethânia, 2012.



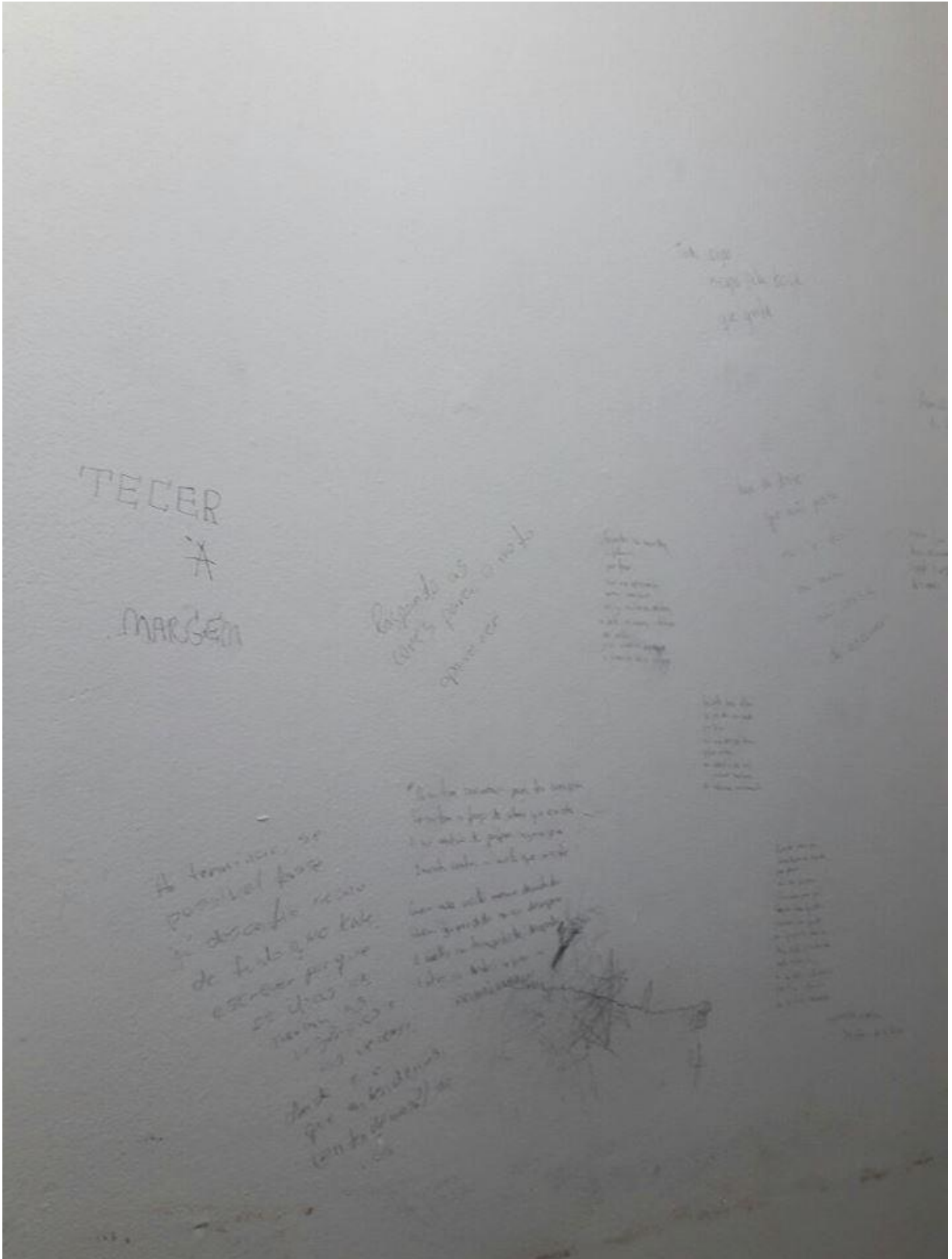
Escrita-fragmento que escorre para minhas paredes. Fotografia por Bruna Torreão, PARTE 1, MAIO/2017.

atropelamentos. Fragmentos de palavras organizadas ou não aparecem aos montes como lampejos. Por vezes recorro aos papéis que levo nas bolsas ou nos bolsos para escorrer esses acúmulos de pequenos textos e descrições de imagens que insistem em vir à mente. O que posso fazer se não tenho a opção de deixá-los de lado para pensar um texto outro, dissertativo, acadêmico, linear que se assim fosse já estaria pronto? Se não é das urgências que falo não há o que dizer quem dirá o que escrever.

Deixo aqui a latência desses textos e imagens que compõe também, e principalmente, essa camada textual. Sofro de não conseguir dizer com letras organizadas aquilo que preciso de fato. Enfrentar o cotidiano atual é bastante cansativo, casa-trabalho-casa-dissertação-dormir-pouco, mas entendo que é quase ritualístico. Eu continuo de ouvidos atentos. Quando me bate inspiração como agora eu sigo escrevendo intuitiva e afetosamente. Posso dizer que até consigo escrever para você de olhos bem abertos; atenta à direção e fluxo dos desejos. “Sempre vai importar dizer algo, escrever algo se este algo vem de um desejo de sair da invisibilidade (PANAMBY, 2017, p.131)”.

A escrita, por mais que eu queira e me esforce para tal, não vai poder dimensionar esse sentimento de tentar quebrar um invólucro tendo de posse pouca força. O que me faz conseguir chegar até aqui e de repente prosseguir daqui para algum outro lugar depois de qualquer abismo é seguir muito atenta, olhando em todas as direções, lendo e ouvindo o que dizem e escrevem as pessoas com as quais eu me alio por afinidades e diferenças de luta e vida. Certamente a luta muda algo da vida, mas objetivamente é a vida que muda nossa luta ao longo dos dias, onde precisamos dentro do intervalo de um estalo abrir espaços e tempos de ação. Hoje eu escrevo para escorrer de um espaço institucional onde tanto construí e desisti de coisas e as vi se tornarem também ruínas, mas que agora me esmaga na plenitude da última curva. Eu preciso sair, preciso romper. “Aperta a boca, quebra a casca de onde escorre o segredo do silêncio antes escondido agora exposto em jorro (PANAMBY, 2017, p.155).”

Estou há dias um pouco sem forças, mas com foco nas urgências. Eu tenho urgência em fechar esse ciclo que tanto me trouxe grandes afetos e importantes desafetos e rompimentos. Proporcionou-me olhar atento e ouvido crítico para entender que discursos de dentro para dentro não me convencem, porque não é de convencimento que penso que deve se tratar. Como falar de arte entre artistas/pesquisadores para artistas/pesquisadores em espaços instituídos e legitimados das artes e pra quê? De estável nada se constrói quando em luta porque estamos lidando com um terreno poroso, arenoso e movediço e não há como negar ou maquiar isso. Há como, mas não é o que convém aqui. Se há estabilidade talvez estejamos pressionando pouco então que pressionemos mais.



Escrita-fragmento que escorre para minhas paredes. Fotografia por Bruna Torreão, PARTE 1 e meio, MAIO/2017.

A terminar, se
 possível fosse,
 já desconfio mesmo
 de tudo q'ho tentei
 escrever por que
 os dias me
 mostram as
 urgências e
 as necessi-
 dades e o
 que entendemos,
 (entendemos?) de
 nós.

Inventa
 Quem não
 Quem y
 É enolto
 Entre

Escrita-fragmento que escorre para minhas paredes. Fotografia por Bruna Torreão, PARTE 1 e três quartos, MAIO/2017.

Nesse não buscar mais decifrar, mas admitir as potências da confusão, da paralização e da aceleração, admitir que em certos momentos eu não vou conseguir escrever, vou ficar horas e dias e semanas olhando para o texto sem conseguir apertar sua mão e levá-lo para um passeio nas ruas estreitas e escuras da ladeira onde resido. Hoje meu motor foi um texto seu novamente, Sara, ontem foi Cíntia, anteontem foi Preciado, Maria, Sônia e Carolina de Jesus.....Vocês se repetem em meus diálogos e eu construo e destruo em multidão dialogando com vocês; e eu sigo assim movimentando-me junto *com* esse texto que também é corpo e que também me diz na direção mesma do desejo de olhar para minhas e para nossas urgências. *Não vamos negociar.*

Era urgente trazer essa qualificação de Sarinha aqui porque eu falava sobre sua defesa de doutoramento que foi no mês passado e foi momento potencializador de grandes reviravoltas e grandes estacionadas também. Assisti ao lado de Dora, assisti ao que não posso nomear. Talvez eu comece por suspensão e já pare por ai. É do indizível que se trata, é de algo que carrega a potência de comunicar algo sobre si/nós talvez em silêncio. As pessoas, casa cheia como de costume, se aglomeraram no quintal; o céu aberto demais que desagua logo após, lavando tudo de fora pra dentro. Com um gesto vindo *de outro lugar*, mais longe que a Casa 24, como se não pertencesse mais aquele lugar e talvez a nenhum lugar, Sara/Elton não faz performance como esperavam muitas pessoas, eu inclusa. Voltamos ao primeiro grau de simplicidade, hoje, grávida, ela dá um banho de rosas em sua mãe e recebe outro banho também de rosas.

Não é de um retorno a uma essência ou uma ode à ancestralidade que, penso eu, se trata, mas algo da existência mesmo. Não tem nada a ver com transcender, é da qualidade de um estado de experiência que mergulha no estado mesmo de sobrevivência. Ali estávamos todos existindo em composição, cada qual com suas multidões e *histórias* que se entrelaçam. Muitas carinhas são conhecidas das *encontras* e sempre celebramos essas *reencontras* com afeto. Outros são rostinhos conhecidos da rua, da Casa Nem, da academia, dos atos, do Espaço Capacete, do CMAHO e além. “Quem tem a força de saber que existe”.

Ali estamos em silêncio observando e atravessando de *histórias* aquela nova história que Sara nos conta com o pretexto de um “ataque de dotorada”, como acabou chamando. Ali sem dizer, ouvimos as *histórias* que contamos em conjunto num ambiente de celebrar as *histórias* uns dos outros como aliados, heterogêneos, corpos que somos e que seremos. Se nós somos iguais? Só no respeito e na admiração que cultivamos, o restante a gente cria em possibilidades na/pela/em prol das diferenças que somos.

Desviando e *Caminhando* (1964) – Lygia Clark

Aponta Lygia *caminhando* para algo além da performance ou talvez essa seja uma leitura muito rápida. Quem sabe se olharmos para o que tange algo mais complexo do sistema arte/vida? Talvez se olharmos para nós? Algo que possa ser dispositivo de comunicar ao outro, que só se dá em comunicação com o outro, algo sobre si mesmo? Desprogramação da obra de arte atravessando a noção de sua objetividade com cortes afiados e torções firmes. Trajetória interior no exterior de mim e da *fita de möbius*. A *fita* performa esse nós sentado nas bordas que não são portas de entrada nem de saída, mas algo abissal. É pra acabar com o juízo da oposição dentro/fora e, sem juízo algum, ser trampolim de escape desse espaço que se dá aqui e qualquer outro que seja.

No processo da convocação, como prefiro nomear aqui, *Caminhando*, em si mesmo e em todo o percorrer que pode se dar pelas bordas de *möbius*, é o ato de se (re)fazer. (Re)fazer é tempo. A cada segundo é tempos e espaços o próprio ato, ambos oscilando como o dentro, o fora, o além. É o tempo nas bordas e os espaços nas bordas. Fazer algo é refazer esse algo a todo tempo e é refazer também a si mesmo e ao entorno onde estamos. Possibilidade de levantamento radical das zonas fronteiriças e questões que envolvem o dispositivo arte como um todo possivelmente fragmentado. A *fita-dispositivo möbius* pode devorar sem pensar à ideia de oposição só pra poder cuspir em micropartículas que se movimentam para todos os lados como estilhaços.

Na leitura de Suely Rolnik⁴⁴, Lygia Clark engendra formas do que chama desprogramação, o que aqui entendemos como parte de um conjunto de estratégias para se colocar em lugar ativo frente aos direcionamentos compulsórios que são injetados nas existências dos corpos (usamos o termo *biopolítica*, mas tendo em vista que este já está dobrado muitas vezes sobre si mesmo e torcido até caber nesse pequeno parênteses) com foco

⁴⁴ Em *Descolonizar o museu* - ciclo de conferências realizadas no MACBA em 2015. Suely Rolnik/Paul B. Preciado iniciam suas falas com a proposta de transversalizar as discussões sobre questões de classe, as das ditas minorias sexuais, as questões raciais e as desequevalências existentes entre os gêneros. Preciado propõe não segmentar os assuntos e sim interseccionar fazendo análises que levem em conta todos eles, visto que socialmente eles estão misturados e qualquer análise feita separadamente pode e vai incorrer em um distanciamento grande do social. Ao que Suely é convidada a falar da presença da colonização em nós mesmos (e não sempre no outro distante), na própria construção das subjetividades, dos desejos e dos pensamentos. Mas mais do que falar da forte presença da colonização nos corpos colonizados, aqui falamos do contexto latino-americano, mas pensar os dispositivos que criamos e podemos colocar para funcionar mesmo que em brevíssimos intervalos de espaço tempo. Falar das particularidades desse corpo colonizado, explorado e submetido (sabendo que a uns corpos é atribuída mais exploração, racialização e submissão que a outros) e das potências únicas de corpos que respondem a atrocidades e violências enquanto bailam por sobrevivência no escorrer dos dias. (*Link* do vídeo disponível no referencial bibliográfico).

no contexto latino-americano colonizado. Escolhas que, por mais que passíveis de violência real e palpável, as pessoas podem tomar para desviar de caminhos que são traçados violentamente para si desde o momento em que passam a existir.

Com uma superfície de papel em formato de fita, Lygia reproduz a forma da *fita de möbius* unindo as duas pontas com cola, contudo sem esquecer-se de promover uma torção em uma das pontas da superfície antes de uni-las. Para além da usual união das duas pontas, a torção faz toda a diferença para a constituição dessa superfície distinta da bilateral. Uma superfície que não tem direito, avesso, antes e depois, acima e embaixo, pois se passamos o dedo por ela ora estamos do lado de fora, ora estamos do lado de dentro, sem, contudo deixar de estar e de não estar em nenhuma das perspectivas.

[..] *fita möbiana*⁴⁵: superfície unilátera, sem distinção entre dentro e fora e, portanto, sem projeção. Misteriosa figura, que mostra (mostra, não: *realiza*) o eu como não mais que o trajeto que desliza pela banda, movimento que passa dentro e fora, subvertendo sua distinção [...] (RIVERA, 2008, s/p.).

Lygia executa nessa superfície um corte longitudinal e se dá conta que se persiste *caminhando* nela e evitando passar pelos mesmos lugares, a superfície vai mudando de forma progressivamente. Enquanto promove o corte, desse ato mesmo, surge uma nova fita. Do tempo mesmo onde é realizado o ato surge um novo espaço. Não é como se em um espaço, por um intervalo de tempo se realizasse um ato, vai além: o próprio ato é tempo e produz uma mudança, produz um novo espaço.

Não falamos aqui em obra de arte, mas em estratégia. O que Lygia promove não é um ato em determinado espaço e tempo que o abrigam ou precedem, mas apresenta, ou melhor, *realiza*, por meio de uma torção, outra maneira de ver e sentir o tempo, o que pode resultar em uma radical mudança na forma e no espaço.

Ao que Lygia Clark indicava como única premissa é que quando escolhesse a um ponto qualquer da *fita* e começasse a cortar longitudinalmente, antes que o corte se encontrasse com o ponto inicial a pessoa da ação desviasse e continuasse cortando através da superfície até que não restasse mais espaço para fazer mais cortes.

Do *caminhando* de Lygia duas ações são importantes estratégias que podem ser aplicadas em amplos aspectos e momentos da vida mesmo: a torção e o desvio pela borda; sem esquecer-se de pensar nosso tempo como possibilidade de criação e modificação dos espaços e nossos espaços com sendo amplas perspectivas: dentro, fora, direita, esquerda,

⁴⁵ Grifo nosso.

transversal, em cima, embaixo, x, y, z, entre, na borda e além. Pensar as aberturas possíveis dos espaços enquanto chave para produção de ações.

O mundo está formatado de modo tal que conhecemos, mas o que passa despercebido *às vezes*, o que desenxergamos é que vidas é que são formatadas. Antes de tudo é necessário salientar que não estamos falando de qualquer vida e tampouco de formatações homogêneas. Para cada vida e cada corpo há tipos específicos de formatação e nisso pecamos quase sempre ao pensar o tão repetido e glorificado *devir*, este exaltado como fórmula ou o caminho para sair dos labirintos teóricos aos quais estamos à mercê. Amplas leituras das obras filosóficas levam a esse mesmo caminho que, não posso deixar de assinalar que é múltiplo sim, mas que não vale e não alcança a grande maioria dos corpos e das vidas mesmo nem tampouco é alcançado por elas.

O *devir* está para as multidões a muitos milhões de quilômetros de distância, está localizado em um tempo/espaço onde as pessoas já tem minimamente o suficiente para sobreviver e trilharam caminhos que proporcionaram muitos acesos dentro da linguagem, da cultura e do social. Arrisco que quem chega a ouvir falar de *devir* deve dispor de condições básicas de estar, permanecer e existir.

Devir é pra quem não está à beira da morte todos os dias lutando pelo direito de existir. Para essas pessoas a vida é o risco eminente, então não há possibilidade de deslocamento para uma condição hipotética futura que não seja a necessidade de continuar sobrevivendo aqui e agora. *Devir* também é poder (poder devir?) e de poder a gente já cansa de falar/ouvir/sentir na pele o tempo todo.

Não como um estado de ideias, mas ser num estado de existência latente. Não são apenas pesos metafísicos que levantamos [...], mas penas concretas e uma carcaça em movimentos aberrantes. Mas não queremos mais falar em devir (PANAMBY, 2017, p.183).

Nas contramãos das amplas formatações da vida (re!)existe e persiste toda a agitação vital. A agitação vital, ou a movimentação de cada parte das multidões mais distintas o quanto for possível, cada qual em uma direção em uma velocidade e em uma potência singular. O intuito dessa agitação? Ela não se organiza para enfileirar-se ou bater continência, *ela se “organiza” para desorganizar*,⁴⁶ como em Chico Science, na possibilidade de se desestabilizar e desprogramar.

E penso novamente nas experimentações que Preciado propõe na contramão das reivindicações de identidades fixas, procurando desviar daquela posição que localiza as

⁴⁶ *Da lama ao caos*. Letra de Chico Science, escrita em 1994.

opressões sempre em “um outro” (distante e descolado) e quase nunca também *em nós* mesmos, borrando e muito a possibilidade de compreensão da estrutura social. É pensando sobre esse mesmo descolamento da opressão de si e localização desta sempre no outro, que não conseguimos dialogar, em prol de uma reparação, sobre racismo, sobre LGBTIQfobia, misoginia porque ao que parece não nos empenhamos de forma obstinada de modo que tomemos parte no todo que é esse outro que também vive dentro e colado em nós. É fácil apontar a violência do outro, difícil é entender-se como peça fundamental da submissão de outrem; difícil é abrir mão dos privilégios que arredondam as arestas dos lugares por onde entramos e saímos (porque somos admitidos ali) para então tomar parte e viver *no* incomodo que o outro *suporta* na condição de habitar esses mesmos lugares. Esse *habitar* que é condicionado e situado no revés de qualquer dos arredondamentos. Esse incômodo sustentado, não pela inserção, mas pelas prévias exclusões articuladas e engendradas. É como pensar em *habitar* distinto.

“Não é porque eu não li Deleuze o suficiente” (Cíntia Guedes)

Certa ocasião em um seminário no Rio de Janeiro no CMAHO, a fala de uma pessoa muito querida ecoou por todos os dias daquele evento internacional, “não questionando sua genialidade, mas não podemos esquecer que Hélio Oiticica era um artista branco” relembramos um óbvio, Cíntia Guedes.

O auditório cheio ficou como que estarecido e ouviram-se muitos murmúrios sobre a fala dela. E eu me pergunto, enquanto pessoa branca que sou e lida como branca socialmente, onde dói ouvir que Hélio era branco? Ao passo que me pergunto, convido também você ao questionamento: onde dói? Mesmo com essa cordialidade e paciência de explicar um óbvio (o contexto racista e a construção toda dessa cultura que é feita do sangue e suor dos subalternizados) mais uma vez e utilizando-se de uma linguagem didática, foi como se Cíntia, cirurgicamente, fizesse cortes profundos na atmosfera daquela sala e daqueles corpos. Uma suspensão no respirar. Sobrava uma enorme quantidade de ar que queria entrar pelas narinas sufocando-as, mas encontrava barreiras nuns corpos que não correspondiam a esse desejo. Era como se os pulmões desistissem do que sabem, desistissem de respirar ou se aquilo que fazemos distraídos e constantemente, de repente entrasse em modo tal de consciência onde não fosse mais possível que acontecesse da *mesma forma*, era como se esgotássemos aquela cena, aqueles atores e aquelas palavras e precisássemos chafurdar na lama a procura de outras.

O impacto se conservou em latência por semanas, mantendo sua condição de sufocamento. Ecoava essa fala e as posteriores tentativas de deslegitimação da mesma durante

esse seminário, mas *era tarde demais para usar aquelas palavras antigas*, mesmo que alguns não tenham percebido que iriam precisar correr atrás de outras ou refazer as combinações das letras, sons e silêncios para prosseguir. Uma verdade social inquestionável principalmente se vamos falar em possibilidades de trânsito, (como foi o caso dessa *uma das* análises da vida e obra de Hélio Oiticica), onde reside o espanto? Quais corpos podem transitar livremente e têm livre acesso aos espaços e quais corpos são impedidos de tais trânsitos? O impedimento é sempre carregado de especificidades, não reside na coincidência.

O impedimento é real e cruel. E como não falar de trânsito impedido quando encontro uma amiga para tomar uma cerveja no centro do Rio e ela me relata que foi parada três vezes pela polícia naquele dia? Como não entender que as regras de transitar não são justas e equivalentes quando passamos quase pelos mesmos lugares e eu não fui parada pela polícia nenhuma vez? A quais corpos esse racismo/classismo mal disfarçado de “vigilância” é imposto à base de atropelo e truculência?

No prosseguimento do seminário criticava-se o termo lugar de fala e eu mesma tenho amplas críticas a ele quando este se endurece em uma identidade fixa indissolúvel. Entendo certas identidades que estão mais na mira que outras e são indissociáveis, explico: quando eu, enquanto mulher lésbica estou na rua com uma companheira, socialmente não consigo me descolar dos olhares intimidadores, assediadores e do risco real e latente de sofrer violência de diversas naturezas (como em muitas ocasiões) o que não faz com que minha sexualidade se dê de maneira indissolúvel.

Não é de comparação que quero falar ou dar a entender. O racismo não é comparável, LGBTIQfobia não é comparável e a misoginia tampouco. O lugar de fala é que não desestabiliza se parte do pressuposto da comparação e do preterimento da vivência de outro corpo. Não desestabiliza se reduz a pessoa a uma identidade fixa entendida como algo que tende a orbitar em torno de si, mediando suas relações sociais na totalidade.

A fala tem lugar, eu falo de onde vim e é só a partir desse lugar que posso falar. Falo dos inúmeros trânsitos que me constituem e também dos que eu sou impedida de fazer. Não me coloco fixa, mas busco me mover e transitar por diversos lugares e pensares. Cada coisa que tenho oportunidade de ver e ouvir me muda um pouco mais e como poderia ser diferente? E eu ouço a fala de Cíntia Guedes e isso ecoa em mim. Ela, mulher negra, doutoranda em um seminário sobre um artista branco aclamado e aplaudido, vem me lembrar de um óbvio social: minhas condições de trânsito enquanto pessoa branca são bem maiores, na imensa maioria das vezes, que a da maioria das pessoas não brancas.

Enquanto eu reflito ouço com pesar a fala de um professor doutor etc. propondo o que chamou “fala sem lugar” e penso: quem pode transitar a ponto de se descolar do seu corpo para propor uma fala sem lugar? Penso que somente um corpo para o qual os lugares não dizem não, para o qual não há impedimentos, existe essa condição de não lugar. Quando uma característica de um corpo é apontada com violência nos lugares onde ela transita existe possibilidade de fala ou mesmo existência/corpo sem lugar? Essa parte é sobre rompimentos.

Vamos todos ou não vamos ninguém

Não deviremos enquanto todos não puderem vir. E revisito um livro de Maria Galindo e Sônia Sánchez, *Ninguna mujer nace para puta* (2000). Persisto pensando sobre essa perspectiva, onde a abertura fala justamente sobre promover um enfrentamento com o jogo das identidades e suas armadilhas e enclausuramentos.

Na contramão de pensar a identidade fixa, pensar experimentações que apontam para muitas direções enquanto instrumento de luta com possibilidade de torção e modificação dos espaços por meio do ato mesmo (que dialoga com a ideia que podemos sentir por via da convocação *Caminhando* de Lygia Clark).

A ideia de identidade fixa e pertencimento indissolúvel produz o contrário da desestabilização ao passo que cria espaços onde os indivíduos são facilmente localizáveis e cooptados. Identidade facilita a proliferação de zonas homogêneas onde muitas pessoas se identificam com as mesmas características e falta o relacional que a rua proporciona. Ordena e segmenta em pequenos universos onde a mesma língua é falada e entendida todos os dias.

E reside aí, o que penso ser um grande perigo, pessoas dentro de espaços reservados a elas com outras pessoas que reivindicam identidades semelhantes e que cabem dentro desses espaços. A revanche da anulação, quando você está dentro porque outros estão fora e vice e versa. Quando o fora só existe porque alguém denominou o dentro seguimos nos valendo da oposição para dizer nossa existência, que continua cerceada, comandada e por muitas vezes impedida.

Ninguna mujer nace para puta, esse título me seduziu desde a primeira vez que topei com ele. Uma escrita a muitas mãos, corpos e existências; linhas múltiplas e transversais que atravessam e ligam pessoas distintas a situações que são comuns a muitas delas. Isso que senti desde meu primeiro contato com *Mujeres Creando*, que dentro de uma multidão de corpos existem pontos-chave que nos são comuns e que no dissenso é que se constrói, é que se sai do lugar, é que se mexe.

E de tanto não tomar distância mais tentei misturar na diferença mesmo, porque não se trata aqui da mentira da igualdade que não existe nem existirá, mas se trata de tentar dialogar a partir de perspectivas distintas e perceber possíveis pontos em comum. Desordenando, não permanecendo em espaços rígidos que nos violentam e se passamos por eles por algum motivo, que seja trazendo confusão, distorção e desvios; que seja então tentando *habitar* nas ruínas que somos e onde existimos. Abrindo mão de falar baixo ou não falar podemos gritar e fazer política da forma que seja lida e recebida como incorreta, como incoerente e promovendo fissuras nas ditas lógicas. Esses instantes que são únicos quando cessamos de deixa-los escapar.

Ouvi durante um conflito, em um também seminário, que “ser educada é privilégio” e acrescento: dos grandes. A educação faz uma fissura separatista gigantesca que permite que uns falem ao passo que exige que tantos se calem. Falar baixo e pausadamente é coisa pra poucos e é necessário que sigamos muito atentos a isso.

E sigamos atentos também às alianças entre diferentes que desestabilizam as linhas retas das normas que nos espremem porque são de saída, proibidas. Como espremer esses espaços que nos espremem? Um espaço onde podem ocorrer mudanças não parte de omissões e oposições, mas de alianças ditas impossíveis. Desacatar as ordens e normas que nos separam socialmente e identitariamente e ainda acabam por cooptar nossas lutas e enfraquecê-las através do incentivo de uma oposição que corta com faca amolada nossas possibilidades de alianças e nos mantém alheios aos outros indivíduos.

Cria também a oposição quando no outro não se pode ver a si mesmo e quando em si não se reconhece os privilégios que fazem parte da opressão direcionada a muitos; se não podemos vê-los, como iremos revê-los, diagnosticá-los e reconhecê-los? Se nos mantemos em espaços fechados com os que consideramos como iguais como podemos desobedecer às barreiras que nos separam, que usamos, muitas vezes, para separar de nós os que consideramos diferentes?

Aventura pelos porões de nós mesmos, um mergulho na experiência coletiva *radical*⁴⁷
(PANAMBY, 2017, p.198).

“El desacato de las barreras que nos separan a unas de otras [...] el desacato de todas esas divisiones es una fuerza imprescindible [...] capaz de interpelar el conjunto de

⁴⁷ Grifo nosso. O termo radical relaciona-se de forma íntima com a ideia/ação de subverter.

opresiones que nos paralizan⁴⁸” (GALINDO, SÁNCHEZ, 2000, p.8). Sair do ciclo vicioso da paralisação e da vitimização por que tendem a ser barreiras tanto quanto as opressões e as oposições.

Melhor dizendo: confrontar o conjunto de opressões que tentam nos paralisar e pensar em engendrar, abrir espaços-tempo em que elas não podem nos paralisar. Que nossas alianças sejam principalmente muito indigestas para dificultar às cooptações e inexplicáveis a fim de que não sejam convencidas facilmente por discursos desde lugares antes definidos.

Escrever desde La Paz funcionou, em uma parte do tempo em que estive morando lá, como um antídoto para que eu mesma habitasse sem me deixar cooptar e conseguisse tentar escorrer do lugar do acadêmico que se mantém distante de seu texto. Eu não digo objeto, nem que eu quisesse *Mujeres Creando* caberia na categoria objetal proposta nos textos de dissertação.

Talvez de *objeto intenso* por toda carga que ele detém, contudo lembrando que este não é passível de captura e prevê sempre a eminência de uma catástrofe. Pela latência, de *infrafino, mais que fino* que escorrega pelas brechas e rachaduras que promove nas barreiras que encontra pelos muitos caminhos que tenta traçar.

Se for para falar de espaços e criá-los que pensemos em formas de abri-los, amplia-los e mudá-los constantemente de lugar através dos tempos. Que sejamos nós mesmos espaços ambulantes, sozinhos ou em conjunto com outros corpos. Que nossas alianças não sejam apenas no feminismo com mulheres cisgêneras, brancas, ou com pessoas que são nossas cópias sociais, mas com multidões de minorias e que contestem atravessando os conceitos de raça, classe, sexualidade, gênero, cisgeneridade, monossexualidade e heterossexualidade compulsória e que pensando em todos esses atravessamentos possamos pensar também nos outros que forem surgindo.

Voltando ao livro de Galindo e Sanchez, do qual falava parágrafos acima, que a prostituição não seja um tema somente de prostitutas, racismo não seja um tema somente de pessoas negras, LGBTIQfobia não seja um tema apenas da população LGBTIQ, mas que falemos nas coisas na realidade e que possamos chamar as coisas por seus nomes reais que precisam nunca mais ser esquecidos em nome de construção e ideia de moral alguma.

Lo hago porque la prostitución es un espejo fundamental para todas las mujeres del mundo, lo hago porque la palabra puta está instalada en nuestras vidas [...] lo hago porque la prostitucion es un pendiente de todos los

⁴⁸ “O desacato das barreiras que nos separam umas das outras [...] o desacato de todas essas divisões é uma força imprescindível [...] capaz de confrontar o conjunto de opressões que nos paralisam” (Tradução nossa).

sistemas políticos, de todas las ideologías, de todas las sociedades del mundo y de todas las instituciones habidas y por haber⁴⁹ (GALINDO, SÁNCHEZ, 2000, p.9).

E sendo ela tão presente, tão arraigada o que separa quem não se prostitui de quem se prostitui? A cultura cria a prostituição e a conserva como algo valioso e lucrativo. E falo desde um lugar de quem já foi chamada de puta várias vezes, mas não exerce a profissão. A puta, falando com os nomes que são usados para nos preterir, é a puta e o prostituinte é o cliente. A puta é a puta e o Estado é o proxeneta. Por que não paramos na esquina e ocupamos esse lugar junto com as putas que também somos em muitas medidas, as putas que também somos designadas?

Porque essa é uma aliança proibida de saída. Separam o que chamam de “moças direitas” das putas, mas o vocativo se conserva e é usado constantemente para todas. Separam-nos porque não podemos nos descobrir distintas, mas atravessadas por questões comuns, porque precisamos ser o outro distante umas para as outras para que se perpetue essa cadeia de exploração, objetificação e opressão.

“La prostitucion y sus mecanismos pones además em crisis los maquillajes que sobre la condición de las mujeres em el mundo se há puesto”⁵⁰ (GALINDO, SÁNCHEZ, 2000, p.9). Desde dentro do lugar reservado para os sujeitos mulheres, se tomamos esse termo como uma identidade linear é impossível perceber todas as facetas e truques dessa maquiagem usada para manter justamente esse lugar linear e em oposição com o lugar reservado às prostitutas.

Em La Paz e em Buenos Aires, segundo Galindo e Sánchez, os devidos governos criaram as zonas vermelhas, onde são “permitidas” as casas de prostituição. O Estado proxeneta que tem interesse em vigiar e manter a prostituição porque lhe convém. Vigia os corpos, patologiza, secciona em genitália e “o resto”. Utilizam da medicina de forma invasiva para cuidar unicamente da saúde dos prostituintes, clientes das putas e do Estado, em uma relação clientelista mesmo. Cuida da saúde dos prostituintes e aloca as prostitutas nessas zonas onde são registradas, *marcadas sem seu consentimento*, localizadas muito facilmente e mantidas sem perspectiva de deslocamento que não seja compulsório. Como promover brechas e escorregar por elas desde esses espaços senão pela prática da aliança insólita? A prostituição enquanto negócio criado e mantido pelo Estado está presente em todas as ditas

⁴⁹ Eu digo por que a prostituição é um espelho fundamental para todas as mulheres do mundo, eu digo por que a palavra puta está instalada em nossas vidas [...] eu digo por que a prostituição é uma constante de todos os sistemas políticos, de todas as ideologias, de todas as sociedades do mundo e de todas as instituições que existem e que vão existir (tradução nossa).

⁵⁰ “A prostituição e seus mecanismos colocam em crise as maquiagens que foram colocadas sobre a condição das mulheres no mundo” (tradução nossa).

culturas e tem intuito objetivo de expropriar os direitos de escolher e o de gerenciar o próprio corpo. Como podemos conceber espaços que não sejam lineares e potenciais futuras jaulas?

Talvez com a estratégia de desconfiar do consenso porque ele não nos convoca a olhar para o que não queremos e faz com que continuemos dentro de certos espaços porque eles podem ser cômodos. Ou talvez pela tomada da palavra que é negada e através de diálogos que não busquem operar segundo os mandes do dito consenso.

A perspectiva da puta é desenvolvida por uma puta nesse livro e dialoga com a perspectiva da lésbica⁵¹ ou como prefiro chamar: sapatão. Ambas as palavras e significados são importantes dispositivos que podem ter função muito maior do que a de ser usadas contra nós como xingamento todos os dias. Função de agência: nós é que dizemos do que somos e reivindicamos a palavra direta, o vocativo aberto roubando-lhe a qualidade de ser um definidor pelo outro, para então passar a ser uma forma de se interpelar a si e ao entorno.

Recorremos a elas não para que nos definam, mas para confrontar a nós mesmos e aos outros, à sociedade e ao Estado. Confrontando, nos colocamos através de um espelho para que alcancemos o que de dentro não podemos mirar. Escorregar para os espaços entre, confrontando até que fiquemos *mais que finos* para escorrer de dentro dessas redomas.

Desobedecendo existe possibilidade de romper as cadeias de exploração e mentiras, perdendo o medo de nomear as coisas por seu nome. Ou como escreve Sonia Sánchez:

Las putas no somos iguales, ni somos pares, esos términos son maquillajes y nosotras lo sabemos. Por eso te invito a desobedecer desde la esquina, desde la calle, porque es el único escenario de la vida que nos han dejado para sobrevivir. Te invito a tomarlo como territorio de resistencia para construir rebeldia⁵². (GALINDO, SÁNCHEZ, 2000, p.11).

Lembro-me novamente com pesar daquele seminário no CMAHO onde uma pergunta é ecoada maquiada, coberta e recoberta por inúmeras camadas. “Mas se somos todos iguais porque você precisa começar sua fala com – sou uma mulher negra nordestina?”. E seguem as maquiagens e as reduções, segue a falta de interesse em ouvir e entender o que está dizendo aquela mulher negra nordestina sobre sua (sobre)vivência no contexto do Sudeste, segue a falta de empatia de tentar ouvir o que a sapatão tem a dizer sobre as violências misóginas e lesbofóbicas reais que marcam sua pele sem seu consentimento. Seguimos fechando os ouvidos ao que aquela pessoa trans* discorre sobre a sua existência e o risco que corre por não abraçar a cisnorma. E, tragicamente, seguimos nos dizendo pares e fazendo parte de rodas

⁵¹ Lesbiana.

⁵² Nós putas não somos iguais, não somos pares, esses termos são maquiagens e nós sabemos. Por isso te convido a desobedecer desde a esquina, desde as ruas, porque é o único espaço da vida onde nos têm deixado sobreviver. Te convido a tomá-lo como território de resistência para construir rebeldia (tradução nossa).

feministas de “iguais”, movimentos de amigas e clubes da Luluzinha que não se colocam em risco, que vivem da evitação de *habitar* as ruínas que somos e onde vivemos, vivem de desenxergar as ruínas nas quais *habitam* outrem; blindam seus sistemas fechados de discursos e os mantêm em lugares onde possam existir a salvo, em nome de uma igualdade que não há, nem haverá.

E quando Sônia me diz “nós putas não somos iguais, não somos pares”, desnuda uma verdade tão estarrecedora que eu tenho profunda vergonha de já ter alguma vez acreditado nessa mentira deslavada. As pessoas negras não são pares, as pessoas trans* não são pares, pessoas lésbicas, gays e bissexuais não são pares, as pessoas deficientes não são pares, as pessoas tidas loucas não são pares, as pessoas em situação de rua não são pares e seguimos emparelhando apenas o que de alguma forma nos mantém dentro de algum espaço gerador de profunda exclusão de tudo que nos é *alheio*.

Chamando as coisas pelo nome podemos lhe arrancar as maquiagens, lhe arrancar as máscaras e as mentiras. Desnaturalizando as mentiras podemos contar outras *histórias* desde corpos reais falantes que, ao contrário do que pregam muitos, não precisam que alguém lhes dê voz, mas que em algum momento as pessoas se predisponham a finalmente ouvir as vozes que existem, que gritam e que berram.

Que posição cômoda dar voz a alguém, como um sopro de vida, quase divinal. Posição cômoda que ao invés de reconhecer que finalmente se compreendeu profundamente egoísta e assumir o erro lastimável de nunca ouvir, escolhe o prepotente discurso de “alma bondosa” que “deu voz a alguém” como se ali não houvesse vida anteriormente.

O trabalho de deslocar-se de um espaço de conforto e onde as pessoas falam a mesma língua deve ser um esforço a empreender-se cotidianamente. Ao mesmo tempo em que compreender que deslocar-se de um lugar de preterimento é infinitamente mais difícil. Se esconder na parte de dentro dos próprios privilégios e não fazer o mínimo esforço para olhar além daqueles limites pode ser confortável, mas buscar sobrevivência dentro de um lugar para o qual você é empurrado o tempo todo de volta e ainda conseguir olhar por outra perspectiva é algo que demanda um esforço inimaginável.

Fazer esforço para empurrar e destruir as cadeias de exploração que nos cercam, a cada um com sua série de cadeias específicas. Chamar as coisas pelos seus nomes exige a todo tempo a superação do medo e das violências diárias e exige confrontar a si mesmo e aos outros de modo constante.

Como promover esse deslocamento e essa confrontação? “No podemos pensar desde la jaula donde estamos, necesitamos mirarnos por fuera de esse lugar⁵³” (GALINDO, SÁNCHEZ, 2000, p.11). É muito mais difícil pensar desde uma jaula, principalmente quando um lugar faz-se condição única de sobrevivência como é o caso que tratam Sônia e Maria, puta e lésbica, nesse livro acerca da realidade da prostituição e do mantimento que o Estado faz da mesma exercendo indiscutível papel de *proxeneta*, conceito desenvolvido por Sônia Sánchez juntamente com outras putas traçando alianças insólitas.

Escrita desde os afetos e desafetos

Mestrado em artes, dissertação em artes, escrita em artes e sobre as artes. Essa escrita vai desapontar quem sustenta os altares erguidos para as artes, as belas, as plásticas, as distantes. Quem acha que viver é algo de outra esfera e que só pode contar a História quem está de posse dos microfones e holofotes. Nossos olhos estão virados para quem quer contar como tem sido sua vida especificamente e nos interessa as *histórias* todas. Todas. Essa escrita vai decepcionar quem acha que a prática cotidiana está em um espaço diferente da prática artística e que essa se encontra em um invólucro hermeticamente fechado, quem pensa a *arte pela arte* e se diz satisfeito.

Vai decepcionar quem fecha com curador e com crítico pra encerrar com a dita “legitimidade” objetos em posição elevada em relação aos demais detalhes de nossa vida, da resistência de ser e existir perambulando pelas ruas de qualquer lugar. Talvez decepcione ao programa, mas essa escrita se cola na minha pele, não posso deixar de trazer comigo e não tenho intenção de maquiá-la. Parafraseando Sônia, espero que quem se deixa seduzir pela rebeldia desfrute dessas palavras. A vida de um corpo com “identidade” definida dentro de um contexto de *quarto de despejo* não se apresenta como existência, mas como uma combinação de apagamento e violência. Lugar que atua como um “não lugar” que abriga “não sujeitos”, onde omissão e apagamento são constantes, onde nomes não são proferidos pelo seu grau de preterimento no âmbito social.

Quando se reivindica uma identidade preterida, um “não sujeito” que se encontra em um desses “não lugares”, existe nesse ato a possibilidade de abrir espaço para um novo interlocutor. A fala, enquanto ferramenta poderosa de tomada de lugar se desloca no espaço e pousa sobre o indivíduo que antes não podia ser ouvido por mais que berrasse.

⁵³ “Não podemos pensar desde a jaula onde estamos, necesitamos olhar-nos de fora desse lugar” (tradução nossa).

Nesse jogo de tomada de interlocução é que podemos deslocar os microfones e abrir as janelas, como fez e faz Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), onde conta suas *histórias* com a garra de quem arranca a sobrevivência na mão e na marra. Onde em nenhum outro lugar eu vi tantas janelas e s c a n c a r a d a s e tantas vezes alguém chamar as coisas pelos seus próprios nomes malditos.

“A arte mais difícil é a arte de viver” (JESUS, 1963, p.35).

E essa frase de Maria Carolina de Jesus tem sido um corte profundo desde quando me propus a estudar arte. Estudar arte, pesquisar arte, ir a exposições de arte, falar de arte. E começou a me parecer tudo tão gasto, tão homogêneo e tão igual e como salienta muitíssimo bem Michele Matiuzzi, performer negra de atuação exata e sem papas na língua, tudo tão branco e tão linear tal qual um objeto passando nas mãos das mesmas pessoas em um jogo que não se abre, mesmo que se dissimule oferecer determinadas “aberturas”.

Não me parece coincidência ter lecionado no estágio docente (2015/2016) e conhecido, dentro do curso de Artes da UFF, um curso voltado, como diz a diretoria, para artistas-pesquisadores, uma média de cinquenta jovens artistas e tomar conhecimento, com pesar, de que somente um deles tinha alcançado algum respaldo⁵⁴ (?) (até aquele o momento) e oportunidade de expor em uma galeria grande, etc. e ser justamente essa pessoa um homem cisgênero branco. Ouvir ainda os relatos de muitos sobre a possibilidade fechada de estágio para mulheres no Solar do Jambeiro. Por que isso não espanta a todos, eu me pergunto. Qual foi a dose de calmante que nos aplicaram pra ouvir isso e não se estarrecer?

Nesse mesmo semestre, Suzana e eu falávamos sobre “a inserção de artistas mulheres nas galerias” e no momento em que disse essa palavra “inserção” eu me dei conta do um obvio naquele panorama. Obviamente quem precisa ser inserido não estava dentro, mas então onde estava? E fui procurar saber historicamente e esses apagamentos se deram por longos anos e permanecem acontecendo até hoje. Até hoje precisamos nos inserir, nos apertar pra caber nos lugares que claramente não foram delineados para nós. A palavra inserção é algo profundamente irreal, precisamos falar de exclusão e ter em mente que, de saída, sempre se tratou de apagar nossas *histórias* uma a uma enquanto minorias.

Não somente das mulheres cisgêneras, mas de toda uma população gigante trans*, das pessoas negras, dos ditos loucos, dos deficientes, dos LGBTIQs, pessoas de carne, osso e

⁵⁴ Repito a palavra que foi utilizada, no contexto, por parte de membros do corpo docente do referido curso. O respaldo de quem consegue acessar esses lugares específicos da dita legitimação.

sua vida, na sua condição de existência nesse *quarto de despejo*. As Carolinas que conseguem sair com muita dificuldade de seus *quartos de despejo* são forçadamente empurradas para lá de novo e sempre. Dizem a quais lugares pertencemos e à quais não pertencemos e dizem muito objetivamente e repetem, com um intuito excludente. Para Carolina o espaço reservado foi o barracão na favela do Canindé, coisa que não deixaram que esquecesse nem quando de lá finalmente *abriu espaço* e conseguiu escorrer...

A vida muda a luta

A a r t e m a i s d i f í c i l, Carolina, é a arte de viver. A arte que mais importa, Carolina, é a arte de viver. Mas pra muita gente não é dada essa dádiva da vida, mas somente a luta constante por sobrevivência. Interessa-me sentar e te ouvir Carolina, por necessidade, desespero e urgências, por desentender tudo o que possa parecer entendido em qualquer medida, para *abrir espaço*.

Escrever de dentro do *quarto de despejo* com a maestria de quem escreve a partir de *um corpo marcado* e açoitado e com esse corpo fazer poética devastadora. Arte? Arte Carolina fazia todos os dias criando seus filhos sozinha. Iniciava seu fazer artístico quando levantava as quatro da manha para ir para fila da água, de onde saíram tantas de suas narrativas que corroem todas as certezas vêm pela frente. Quando juntava moedas pra comprar café, quando catava papel debaixo de sol com fome para conseguir o que comer na janta.

A fome andou de mãos dadas com Carolina durante toda sua vida, se desquitando apenas em um brevíssimo período. Por mais que fosse uma pausa de anos, não existe temporalidade segura para passar fome. A fome açoitou Carol durante a grande maior parte de sua vida. Tamanha era a proximidade que ela conseguiu ver de perto sua face de cor amarela, como ela descreveu, ao passo que arregaçava o *quarto de despejo* de dentro pra fora, rasgava aquele espaço que lhe reservaram no intuito de jogar as verdades por sua única porta e única janela.

Escrita mais que fina e seu poder haver

As narrativas de Sônia e de Carolina são feitas a partir do jorro das práticas de (re)sistência na arte da própria vida. No diálogo com elas eu consigo ouvir *histórias* que não são mostradas nos grandes meios, não são passadas adiante e por essa razão são esquecidas e apagadas. A História oficial não dá espaço para que contemos nossas conquistas e nossos tropeços. A fala e a escrita são formas densas e sistematizadas de poder e delas conseguem se

apropriar aqueles que já detêm algum respaldo. Dizem-se geniais e não permitem que mais ninguém o seja, ora essa.

A tomada da palavra como forma de auto exaltação e exaltação dos seus e dos sempre mesmos. Esse texto é uma série de recortes e é disso que se trata. De tentar sentar pra ouvir outras *histórias*, de dialogar com outros escritores e trazer outros interlocutores que não os de aval obrigatório acadêmico. Trata-se do exercício de ouvir outras palavras para que dessas palavras, em ato, surjam outros espaços, maiores, mais múltiplos, onde se possam ouvir/proferir diversas línguas e perspectivas em diversas direções para não repetir os mesmos textos, as mesmas *histórias*, as mesmas fofocas europeias e piadas americanas de antes sem comungar dessas realidades e sorrindo amarelo para fingir que compreendi.

Não quero mais fingir que compreendi nada, quero descompreender, desestabilizar a mim mesma me confrontando e dissolvendo as minhas certezas que não valem mais de norte. Quebrar a bússola e correr desgovernadamente deixando rastros de palavras nessas páginas.

“Tecer à margem⁵⁵”

E já que é de *histórias* que falo, não poderia eu me escorrer desse texto, me ausentar daqui, sem antes contar mais desse pedaço de tempo. Antes, algumas considerações se fazem necessárias, ou não se fazem, mas eu as faço por achar que devo conservar a maioria das arestas e pontas afiadas, mas que em alguns momentos posso lixar algumas para que não nos rasguem as peles dos nossos corpos. Quando passamos correndo por aqui talvez muitas de nossas vestimentas de proteção tenham se rasgado pelo caminho, mas depois de abertas tantas janelas entra uma ventania incessante que pode impedir o abrir das pálpebras cerrando-nos os olhos. As palavras não são como os desejos, fiéis a eles mesmos, as palavras se traem e nos traem. Quando proferidas, gostam de aproveitar o caminho entre as bocas e ouvidos para então trocar de lugar e confundir as intenções. Quando escritas só dez ou dois por cento delas conseguem se organizar para chegar até as canetas ou aos teclados, como é o caso. As outras se distraem por alguns tantos caminhos.

Então, se parto da ideia de que as palavras não cumprem a potência desejante empregada aqui, quero afiar algumas pontas e arredondar outras. De que pontas eu falo? Em dado momento, no meio desse processo que inicia seu findar, que começa a se despedir, eu me vi em meio a ruínas. E sabe o que são as ruínas? Estão procurando por um *ser* e por um *estar* diferente do que foram. Se foram atingidas é porque não serviam mais os seus monumentos para o contexto onde estavam e se se esfrelam é porque em um dado momento morreram de dentro pra fora. Sem lembrar-me do que foram, miro-as de perto como quem deseja entendê-las pelas suas cores, cheiros e texturas. Aproximo meus ouvidos para conseguir alcançar as palavras vastas que sussurram.

Em seus escombros é possível subir, bem como tropeçar, e se tropeço, aí que me misturo na poeira do que passa a existir de outra forma. As ruínas desse texto gritam por serem ouvidas e eu me debruço sobre ele, que quando libero pro mundo passa a falar em outras línguas a outros ouvidos, olhos e bocas. Remonto aqui o que em diálogo com Kênia, que reconheci durante as *encontras*, tentamos captar do que foram, do que são e das coisas que deixaram por vezes de ser.

Ela convidou-me a trocar umas ideias sobre o que pra mim foram esses acontecimentos, do que passamos a construir e destruir a partir da potência *Resistências Feministas na arte da vida*. De cara topei, porque pensar a possibilidade de construir uma narrativa mesmo que caótica sobre essa experiência é algo dos desejos de com palavras tentar

⁵⁵ “É na corredeira desse *tecer à margem* que corro” (PANAMBY, 2017, p.106). Grifo nosso.

mensurar essas potências ativadas ali naqueles espaços, naqueles tempos em que estivemos. Mais que isso, é um exercício de tentar dizer do indizível ao qual pertencemos e existimos estando ainda, reverberando latências. Fragmento a seguir trazendo trechos do que construímos depois de mirar as ruínas e potências mortas que trazemos conosco. Eu esfarelo com as mãos.

Kênia: - [...] o que te levou a se inscrever nas oficinas, como você ficou sabendo delas e qual era sua expectativa em relação a elas?

Eu: - Você quer a história longa ou a história curta?

Kênia: - Pode ser a história longa.

Eu: - [...] em Rio das Ostras eu participava de um grupo de pesquisas [...] e a gente estudava uns lances de performance. Uma coisa de perambular pela cidade, sobrevivência mesmo. E aí a gente fez um seminário certa feita que tinha esse mesmo tema, *Corpo e Risco*. Eu apresentei um trabalho, apresentei um artigo, duas colegas também. E uma amiga pilhou de chamar uma galera aqui do Rio pra fazer uma performance. Então esse coletivo *Coiote* foi fazer essa performance lá em Rio das Ostras... E isso foi uma coisa louca demais...

Kênia: - Xereka Satânica?

Eu: - Xereka Satânica. [...] ninguém sabia o que eles iam fazer. Isso é fato, ninguém sabia. E aí rolou e foi a coisa mais potente e intrigante que eu já vivi na minha vida. Eu nunca vi nada igual. [...] tive sérias questões [...] em relação a isso porque a cidade inteira ficou escrotamente abalada com a situação. Então a gente era alvo de muitas coisas e ameaças e um monte de coisa. Eu trabalhava numa cafeteria nessa época e a galera fazia questão de ir lá todo dia, galera da igreja, galera do não sei mais o que. Todo dia ameaçar por causa do que eles chamavam de “prática de satanismo” que é misoginia pura, é isso. É sexismo, é misoginia. Só que a gente não sabe até onde essa galera vai né, basicamente. Então eu tinha muito medo, tava num caos assim, mental e psicológico. E passou um ano e foi feito um seminário pós xereka satânica e nesse seminário eu conheci Sara Elton Panamby (PRIMEIRO TRECHO DA ENTREVISTA).

Retomo essa história no desfecho porque a reconstruo em diálogo com alguém que viveu o processo *Resistências Feministas na arte da vida*, este que me proporcionou voltar a enxergar essas ruínas. Contando para ela eu conto para mim e falo em voz alta disso que me calou por tanto tempo. Disso que não falava com ninguém porque fugia, porque implicava que eu tocasse aquelas feridas e colocasse esse corpo esfarelado no processo. Assim eu prossigo aqui nesse espaço *que abro* com um trecho que se colou em minha pele em um dado momento e nunca mais saiu.

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço (CALVINO, 1972, p. 71).

Abrir espaço no inferno

Kênia: - Xereka Satânica foi 2013?

Eu: - 14. Vinte e oito e maio de 2014.

Kênia: - E aí isso foi até...

Eu: - Isso reverberou até... Início de 2016 talvez. Eu me mudei pra cá em março de 2015.

Kênia: - Então você se mudou pra cá e ainda tava rolando?

Eu: - No olho do furacão[...]. Eu tinha feito um depoimento na polícia Federal de Macaé tipo quinze de dezembro ou quatorze, uma coisa assim, e eu me mudei pra cá em março. Tava em cima. Ainda tinha um medo muito grande de criminalização pesado, eu não sabia o que podia acontecer [...].

Kênia: - E o professor que tava coordenando esse projeto?

Eu: - Ah, tem uma coisa muito de negligência aí nesse caso e tal, ele... Não sei, penso em formas melhores de conduzir do que a forma que ele conduziu. Eu fiquei sozinha em Rio das Ostras na real porque todo mundo já morava aqui no Rio, todo mundo envolvido, podemos dizer, os envolvidos primários. E eu fiquei lá sozinha segurando a bronca, tendo que ir na faculdade, porque a galera da faculdade tava com a gente e metade era muito contra. A galera queria que a gente fosse expulsa mesmo [...] que a gente fosse presa. E era isso o tempo todo “e vai criminalizar essa galera quando?”. [...] Eu tinha medo pra caralho, porra, a galera vinha me ameaçar no meu trabalho, cara, tinha medo de ir pra casa, tinha medo de ficar em casa porque eu morava sozinha, tinha medo de ficar na cidade [...] Foi pesado aguentar isso. Eu fui pra Casa Rui porque eu já conhecia Sara Elton e aí chegando lá e eu vi Indianara pela primeira vez e fiquei passada, falei, “velho, se não for essa galera que eu vou colar, não vai ser mais ninguém”. Conheci Angela, conheci Cíntia Guedes, a Camila e aí foi foda aquele encontro, foi incrível. Aí criou-se um grupo no facebook, né, aí fiquei sabendo que ia rolar essa segunda encontra no CMHO, aí falei com Dora, porque a gente faz mestrado juntas, falei “amiga, vamo colar, porque essa parada vai ser muito bapha” e aí ela colou e a gente “vamo se inscrever com certeza, não tem outra possibilidade, cara” [...] Aí fiz a inscrição, fiz por tudo isso, por entender que essa coisa pessoal que eu passei que é uma questão extremamente coletiva, social e cultural, eu tenho certeza disso. E eu falei “velho, a gente precisa repensar esses espaços”. Não é nem sobre querer, passa de querer, é uma urgência grande, uma urgência enorme que a gente tem. [...] porque botaram a gente num porão né, isso é muito louco, porque um lugar grande pra porra [...] e aí, vamo pro porão a galera, as puta, as trans*, as lésbica, vamo todo mundo pro porão, os corpos dissidentes todo mundo pra lá, e isso pra mim foi muito emblemático. Aí foi isso, aí começou aquela coisa maravilhosa, né?

Kênia: - [...] o nome dessa oficina que a gente participou é *Resistências feministas na arte da vida*. E aí eu queria saber como você encarou a questão da resistência durante os seus processos individuais, nas oficinas assim, e se tem algum envolvimento com a questão da arte.

Eu: - Pra mim resistência foi uma dobra porque primeiro eu tava resistindo a olhar pra essas coisas [...] eu não falava disso [...] eu voltei a falar disso há pouquíssimo tempo, quando eu consegui escrever isso na minha dissertação lá em La Paz. A coisa da resistência ela já vem em pesquisa pra mim há um tempo, na graduação, com essa coletiva *Mujeres Creando* [...] resistência sempre foi uma palavra de ordem. É corpo e risco, como a gente resiste andando na rua, como a gente vive e resiste às punhaladas que a gente leva, uns corpos mais que outros. Então assim, “nós vamos deixar de viver? Não!

Então a gente vai ter que aguentar muito tranco”. E revidar. Então é isso, assim, pra mim é essa a relação com a resistência [...] fazendo minha primeira leitura de *Quarto de Despejo* de Carolina de Jesus, inclusive por indicação de Sara, paro numa frase de Carol que é a seguinte “A arte mais difícil é a arte de viver”. E aí isso vem tudo junto [...] ter que viver essa parada [...] sempre achei que tem uma coisa de arte no modo que a gente vive. Justamente quando as nossas existências são esmagadas, né? Então sempre achei que tinha uma prática artística nisso, sempre acreditei nisso. E a minha pesquisa de mestrado também vai muito nesse sentido [...] tanto que eu abandonei uma determinada ideia de arte [...] trabalho com uma coletiva [...] que é de ação de rua. A galera tem um monte de frentes pra se auto gerir, pra gerir um espaço, na verdade dois: um em Santa Cruz de la Sierra outro em La Paz. Pra gerir esses espaços sem aporte de grana de ONG, sem o financiamento de ninguém, elas poderem fazer o rolê delas, que elas acreditam e tipo, o uso da arte como dispositivo, como suporte. Não se intitulam como artistas, não reivindicam isso pra si. É tipo, a gente quer os espaços de arte, das galerias porque a gente quer todos espaços, não é porque ali a gente acha que é mais importante, não! No semáforo é a mesma coisa, na esquina é a mesma coisa, na encruzilhada é a mesma coisa, na rádio é a mesma coisa e na Bienal é a mesma coisa.

[...] Rio das Ostras tem um dos maiores índices de estupro do Rio de Janeiro e assim, bate com os maiores índices de estupro do Brasil inteiro e ninguém olha pra isso, cara. A gente, a nossa existência lá, era o tempo inteiro “véi, não vou à padaria sozinha, não vou naquela praia porque é perigosa, não ando...” Sabe? A gente não tinha espaço pra andar. E aí enquanto mulher branca cis lésbica eu sei qual o lugar que eu ocupo nisso, eu não podia fazer nada. E aí a gente vai ficar em casa? Não. Vai fazer como? A gente vai brigar, véi. Pra mim resistir é isso [...]. A gente tem nossas potências minoritárias, a gente sabe qual o lugar que a gente ocupa, sabe que não tá em qualquer mundo, que pra cada corpo uma faceta de mundo é apresentada ou muitas. Então assim, a gente sabe o que é um corpo lésbico num rolê com uma outra mulher lésbica ou bi, a gente sabe. A gente vai deixar de fazer? Não. Resistir pra mim é isso... É viver, né, véi. É viver e existir. Tem até aquela dobra (re!)existir, é muito isso. É muito sobre vida, sobre cotidiano [...] (SEGUNDO TRECHO DA ENTREVISTA).

Colocar o corpo no processo

Kênia: - [...] Como foi pra você isso a prática corporal com a prática de imaginação e pensando todos esses processos que você passou, como é que foi isso?

Eu: - A prática corporal. Se essa oficina tivesse sido em outro tempo eu teria muito mais dificuldade. Eu demorei muito pra botar o corpo na roda, sempre fui muito travada assim, corporalmente falando. Só que um tempo antes eu já tava vivendo um processo de colocar o corpo na coisa e tal, que foi na acrobacia, no circo. Então eu tava muito ligada com esse rolê corporal, tava muito conectada com meu corpo, eu sentia tudo muito na pele. Isso facilitou muito pra mim essas vivências lá corporais. [...] A coisa da gente tá ali, da gente se tocar, se ver, se ouvir, se olhar a si próprio, porque eu chegava aceleradíssima, geral chegava né, porque era um horário sexta de tarde, tá



Registro da última *encontra*, ardendo nos fundos do CMAHO um nós em brasas. Fotografia por Ana Luiza Schuchter. 2016

geral acelerado. Aí tipo [...] vamo deitar, vamo contar as moléculas do corpo. Vamo dormir, vamo cochilar, sono profundo. [...] isso é outro tipo de lógica. Eu acho que a gente precisa disso, a gente precisa porque a gente não tem lugar pra experimentar outras lógicas. Esses lugares pra mim são utopias possíveis, por mais que breves. Mas olha como reverbera, né? A gente tá aqui hoje, meses depois, entendeu, aí você desemboca na tua pesquisa e tipo, olha como isso é importante. Tudo isso foi importantíssimo. Importantíssimo [...] (TERCEIRO TRECHO DA ENTREVISTA).

Eu: - [...] você não tá “dando a voz” que é um pensamento escroto, você tá pela primeira vez na vida ouvindo, que é o que a gente não faz. [...] E as pessoas brancas e eu inclusa [...] sonham só com elas mesmas, lembrando daquelas leituras de *A Queda do Céu* (2016) [...] têm coisas que você só começa a entender, começar a acessar se for na multidão [...] a gente precisa ter esse tempo da gente trocar ideia, de conversar, de trocar experiência, porque mó galera passando um monte de perrengue aí e você de repente tá passando mó perrengue aí você ouve isso coletivamente e você entende várias coisas [...] isso foi muito bom pra minha pesquisa também. Vamos ouvir outras pessoas. As pessoas já estão falando há muito tempo a gente não ouve. Então assim, pra olhar pra outros interlocutores mesmo e a coisa do corpo, seu corpo tá aí, seu corpo tá socialmente aí sendo marcado sem seu consentimento, sendo esmagado, a gente fica cheio de marca de um monte de coisa. E aí a gente olha pra essas marcas. No circo eu fico muito marcada por causa do tecido acrobático e isso foi muito processual, entender essas marcas que eu admiti. Que eu amava olhar, que eu amava registrar, tenho vários registros assim, e tipo, essas marcas que eu admito que sejam feitas no meu corpo que sejam produzidas nele são processuais pra entender as que eu não admiti. Como é que a gente resiste a isso né? (QUARTO TRECHO DA ENTREVISTA).

Kênia: - Mas você conseguiu assim materializar a questão da frequência morta, das ruínas e tal?

Eu: - Eu acho que são dispositivos que a gente cria. A coisa da frequência morta pra mim serviu pra eu parar de desenxergar certas coisas. Pra eu parar de partir daquele imperativo escroto de que a gente tem que esquecer tudo, pra partir pra outro do tipo “cara, eu quero falar as coisas de verdade, quero falar do que aconteceu, quero falar exatamente o que aconteceu, quero falar quem foi, quero falar tudo, sabe? Porque eu não sou obrigada a guardar nada”. Apesar de que querer não é poder e nem sempre a gente consegue mesmo falar, mas entrar nessa consciência até do por que que a gente não consegue. Então essas frequências mortas me fizeram olhar pra coisas que aconteceram comigo, pra violência, pra abuso, pra várias coisas, sabe? Que aconteceram comigo durante a minha vida inteira e que eu não olhava, porque eu não me permitia olhar, então frequência morta pra mim era isso. Se for pra ter um cemitério de ruínas eu quero andar por ele e atravessar ele e rolar nele e olhar pra ele todo dia. Eu quero acessar. Por que aí esse imperativo de esquecimento, principalmente quando você é interpelado ao sexo/gênero feminino e você tá ali condizente com isso existe um monte de regras sociais e familiares de tipo “não, isso aí você tem que esquecer”. Não, não tem que esquecer nada. Tinha um rolê de processos escavatórios também, né, e essas palavras são muito disparadoras, assim, então tudo pra mim eu consegui jogar pra algum lugar, assim, eu consegui viver isso e movimentar alguma coisa alguma hora na minha vida. Todos eles pra mim são dispositivos (QUINTO TRECHO DA ENTREVISTA).

“Raspando as cores para o mofo aparecer⁵⁶”

O posicionamento político é algo de caráter urgente e essa pesquisa só se dá na possibilidade de pensá-la e costurá-la no cotidiano, só não se esfarela porque está grudada em minha pele e me acompanha por onde eu ando. Enquanto pessoa e enquanto pesquisadora eu opto por um exercício de me livrar das maquiagens que me são exigidas. E rememoro as *encontras* no sentido de habitar as ruínas que se formaram ao longo da trajetória.

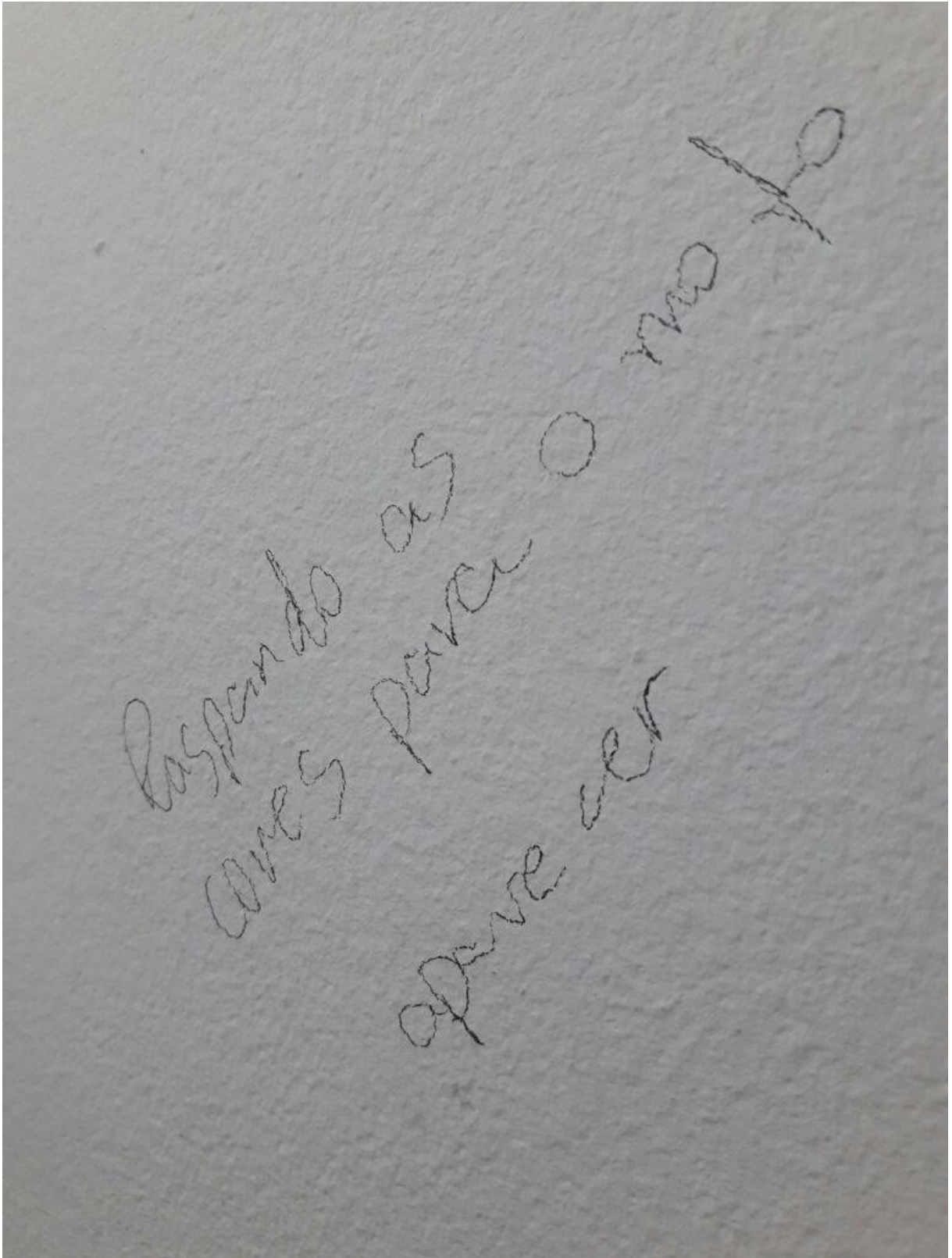
E as *histórias* das *encontras* se misturam a outras e se misturam em mim. Corta meu corpo a sensação de estar no escuro, com aqueles com quem eu compartilhava a sobreposição de todos os meses que somavam os quatro anos e meio em que morava em Rio das Ostras. Debaixo do pé de amendoeira, fazia frio naquela noite em que tudo ficaria de cabeça pra baixo, por mais que naquele momento eu não tivesse essa exata dimensão do que seria dali pra frente. O frio no rosto condensado pelo calor intenso da fogueira alta e próxima. Os batuques, os cantos vindos de *outro canto* e as palavras organizadas pelas letras dos massacrados. A situação desconfortável diante de tudo, naquele lugar onde tudo estava ruindo, onde algo da perda de todos os sentidos se anunciava ao mesmo tempo em que acontecia.

Os olhares cúmplices enquanto se dava a *costura*, o sangue escorrendo e os gritos e berros jorrando se misturavam com o pavor que se instalava nos rostos que pude mirar enquanto tentava mirar todo o em volta ao mesmo tempo e lidar também com minhas entranhas escapando por todos meus poros. A situação extrema de um desconforto tal de estar em um lugar de onde não queria sair porque algo gritava mais alto e urgente. E hoje habito de novo, nessa escrita que escava o que reverbera desse encontro com o bater de latas do *Coletivo Coiote*. As coiotas,

Elas não brincam. São performances kamikazes no sentido mais bélico possível. “Olha o que eu faço comigo. Agora imagina o que eu posso fazer com você.” (PANAMBY, 2017, p.192).

Na passagem onde se deu e dá e reside algo do inominável, algo do impossível. “Olha o que eu faço comigo. Agora imagina o que eu posso fazer com você” e se colocam no *front* e criam os espaços, melhor, *rasgam os espaços* que querem disputar e disputam com ferro, fogo e sangue. Lembro-me do meu corpo que não se sustentava bípede, do tremor, do frio, do calor e do que os olhos olhavam e queriam desviar, mesmo sendo essa uma condição não-possível.

⁵⁶ *Ao que vai nascer*. Letra de Fernando Brant. Canção número nove do álbum Clube da Esquina, 1972



Escrita-fragmento que escorre para minhas paredes. Fotografia por Bruna Torreão, A PARTE QUE ABRE ESPAÇOS, MAIO/2017.

Desde então, portando minhas próprias setas que afiei nesses encontros e outros que se deram eu procuro *habitar* nessas ruínas que o processo deixou e nas outras nas quais tropeço todos os dias. *Habitar* os cantos, habitar nas ruas que piso, nas paredes de minha casa e na borda dos momentos de solidão. São três e quarenta e oito da manhã, daqui a pouco tenho que acordar para trabalhar mesmo que não tenha dormido, mas persisto na escrita, tentando fugir desse espaço desse texto que, quando releio, questiono os motivos de existir, e do qual é um movimento muito miserável conseguir sair. Não há como dar como acabado um processo que se dá no constante e que é falho e erra como minha escrita torta e sem jeito e minha memória que falha, me trai e que exercita o contrário que é esquecer.

Andávamos pela extensão da sala no CMHO onde ocorreram as *encontras* e Camila nos conduzia a um exercício, a um *exercer procura*. O que procurávamos para mim foi de uma angústia enorme, procurávamos em meio a mais de trinta pessoas aquela que parecesse *mais diferente* de nós. Eu fui encontrada antes que eu achasse esse *oposto* e, revisitando todo meu processo de formação como pessoa em um intervalo de segundos foi quando eu percebi que quem me achou a pessoa *mais diferente dela*, naquele dia, foi uma mina negra. Durante o que penso ter sido quase uma hora nós nos olhamos, ela, com um olhar firme, o queixo erguido, me encarava como quem interpela sobre nossa diferença. Ela me encara como quem quer ouvir de mim, a pessoa *mais diferente dela* “que diferença é essa afinal?”. A diferença que determina no cotidiano social quem morre, quem é açoitado, quem sofre mais e antes.

Habitar a ruína desta distancia que eu, pessoa branca, ajudo a construir todo dia, entendendo que o meu desconforto e a minha paralisação contribuem para sua manutenção. As *encontras* foram possibilidades de criar dispositivos para tomar posição frente a essas situações onde nós pessoas brancas podemos escolher nos omitir. Questionar nossa paralisação e essa omissão. *Habitar* esses cantos desconfortáveis com arestas pontudas que entram nas superfícies da pele ao invés de se manter dentro dos espaços herméticos. Abrir espaços dentro desse inferno de realidade, e não maquiá-la, mas *raspar as cores* e sentir o cheiro de mofo do que estamos deixando envelhecer evitando revirar. Abrir os porões de si e de nós e respirar o mofo debaixo das camadas de tintas que rasparemos com as unhas até que se rasguem das paredes de nós que escondemos; vislumbrar o tempo da ação que é agora se não já foi. A própria autopsia de *um si mesmo* que precisa morrer para *abrir espaço*.

Sem dar a cara à tapa eu penso que nada do que escrevi aqui faria sentido. Eu levo esse texto e busco aliados dentro desse espaço institucional da academia porque eu abro mão da procura dos inimigos. Já ouvi muitas críticas sobre como ela poderia ser menos política, que “esse tipo de posicionamento não deveria aparecer tanto” e que “escrita acadêmica não

pode ser em primeira pessoa”. Eu me esquivo disso porque busco coisas mais urgentes que formatações de texto, busco as trocas de ideias que possam disparar escritas outras em muitas direções e diálogos que façam as palavras que pulam de dentro das cabeças quererem escorrer pelas superfícies para penetrar em nossas profundidades. Eu sento no chão para ouvir Jota Mombaça, Monstrx Erráticx.

Da minha própria experiência acadêmica como bicha guerrilheira, posso contar inúmeros ocasiões em que tive meu discurso intelectualmente desvalorizado em função do teor político de minhas colocações. A evocação de um saber estratégico, claramente posicionado, dinâmico e desobediente, por diversas vezes, rendeu-me conselhos sobre eleger uma atitude científica separada da minha prática política e, no subtexto, de meus próprios movimentos de vida. Como se este corpo gordo, mestiço, viado e revoltado, este cu canibal e sua política monstruosa, não tivesse lugar no âmbito da produção de conhecimento; como se este saber corpo-político não pudesse adquirir o status de saber, ou, quando muito, o que um saber menos verdadeiro que o saber científico que se supõe politicamente neutro (MOMBAÇA, 2015, p.18-19).

Permaneço sentada e atenta às palavras de Sara Elton Panamby.

Em 2011 busquei o Rio de Janeiro para cursar o mestrado e a cidade e os encontros me instigaram a pensar/fazer estratégias de sobrevivência diante do genocídio corrente. Outras famílias se formaram no encontro de afetos que partilham de violências semelhantes, que carregam as sequelas da taxonomização do que não é está na norma. Há algo de poesia e resistência nas vozes que não se calam, nos corpos que permanecem... Mas é uma poesia muito mais bruta e brutal do que rebuscam os teóricos (PANAMBY, 2017, p.6).

Que prossegue e traz Indianara Siqueira para essa dobra que se dedica a um ouvir de vozes que escapa do ciclo acadêmico tradicional buscando uma escrita que a todo tempo escorrer de uma posição colonizada para existir alimentada por outros interlocutores, aqueles com os quais eu pude compartilhar experiências do sensível comum por vezes nos mesmos espaços tempo “famílias que se formaram no encontro de afetos”.

Indianara Alves Siqueira, pessoa de peito e pau, puta, ativista das ruas, das políticas trans*vestigêneres pontua em suas falas que a escrita é uma invenção masculina e heteronormativa que carrega consigo a morte de vários saberes solapados pelas *histórias*⁵⁷ oficiais. A escrita silencia. Faço aqui então uma tentativa de uma escritura que possa abrir uma escuta vozes emudecidas pelo tempo dos homens, vozes estas que fazem parte de meu limitado compêndio de experiências. Pela ideia de uma radicalidade que revele raízes esquecidas. Segundo uma ética de expropriação e terrorismo poético, sabotar as estruturas por infiltração. É como uma casa: de um pequeno vazamento pode cair o muro... (PANAMBY, 2017, p.8)

⁵⁷ Grifo nosso.

Revelar raízes escondidas e pôr-se a escutar vozes emudecidas.

**“Índias, putas, negras, trans* e lesbianas -
Juntas revueltas e hermanadas” – Mujeres Creando.**

Em um dado momento eu cessei de vigiar o poder que nos rodeia, cessei de procurar meus inimigos e apontá-los como inimigos numa fissura que parecia que não teria fim. Penso em quantos aliados eu deixei passarem despercebidos debaixo de meus olhos porque estava obstinada demais a caçar e diagnosticar aqueles que eu não escolheria para seguir lado a lado. Era a batalha intensa, estar no *front* cem por cento do tempo, tentando bater nas instituições, no *biopoder*, na heteronorma, que por mais que não me tomasse insistia em tentar grudar em minha pele e afogar meus desejos.

Quando eu chegava às *encontras*, havia algo que me permitia me distrair, me desvencilhar e, distraída da fissura de apontar poderes e as mazelas que nos causam, passei a enxergar aliados. O que pude ver quando enxerguei minhas ruínas e caminhei por cima delas, por baixo, quando me esfolei naquelas que já não eram as mesmas que foram, eu passei a me concentrar em reconhecer meus aliados ao invés de nomear meus inimigos. Inegável é que o poder nos cerca e tenta nos esmagar, mas produzir uma escrita sobre esse poder que já fala por tantas bocas não é algo que eu pense que seja um dispositivo que nos valha de algo.

Ao reconhecer meus aliados, faço com a propriedade que me cabe de dizer quem são e de identificá-los nos espaços/tempos onde nos encontramos. Eles estão aqui impregnados nesse texto e suas escritas gritam e queimam quando escapam por seus corpos que se reviram para resistir.

Parte deste processo [...] está em identificar as feridas marcadas na carne que a sociedade dos bons costumes teima em maquiagem. Nós que somos monstruosidades, aberrações, precisamos provar mais uma vez nossa possibilidade e direito de existência. Sim, há violência em nossas falas e em nossos corpos. Estamos a *batêcú* com os punhos pulsando cerrados. (PANAMBY, 2017, p.7).

O texto é uma praga que a gente roga no mundo esperando que alguém leia e passe o feitiço adiante. (PANAMBY, 2017, p.63)

E com os punhos cerrados, olhos e ouvidos abertos eu escrevo esse que é de tudo que me escapa, que me escorre, mas que não cessa. É com o que escorre e que grita enquanto se desloca para cá para essa tela é o vírus que espalho no mundo, que com sopro pulverizo ou como vendaval desobstruo.

As dobras as quais recorro na intenção de não me calar frente aos intervalos de silêncio que nos empurram forçando/tapando as goelas. Que esse momento estanque não paralise a esse nós, mas seja momento-fôlego para bailar potência vital e inventar mundos, abrir espaço, como em Ítalo Calvino, quando descontrói as noções de cidades com *As cidades invisíveis* (1972), enxergar em um inferno que há, pois sabemos e vivemos, o que não é inferno. Retomo aqui a ideia de aliança. Que seja a aliança como esse feitiço que lançamos no mundo, que as façamos de dentro desse inferno para abrir *algum* espaço.

E.....S.....C.....O.....R.....R.....O.....

No sofá da *Virgen*, posicionado entre as duas salas, uma de oficinas, outra de reuniões, onde me joguei tantas daquelas tardes em que o frio, o escuro do dia que mais parecia noite e a solidão do mundo me tomavam. Em momentos em que pensei depois estar entrando em surto eu me lembro de como caminhava por aquele casarão imenso Tateando suas paredes cobertas por tinta esmalte grossa preta e sobre aquele tapete vermelho errando *por entre* a decoração ameaçadora do mausoléu com aranhas e candelabros, com velas por derreter dias e noites a ponto de abrir fogo. Naquela casa *encarpetada* como eu dizia para Julieta (e gargalhávamos com os neologismos *heteroterrorismo*, *capetalismo* e outros que surgiam), onde aprendi a vencer os dois lances de escadas no escuro até que as luzes automáticas se acendessem para que eu pudesse olhar pra trás e entender o caminho que cruzei e só depois continuar Tateando com os pés até chegar no salão para tomar um *té con té* nas madrugadas quando tinha insônia, e você, Juli, sabia que poderia me convidar a fumar uns cigarros enquanto conversávamos sobre essas práticas, aquelas da vida.

Continuo atenta a ouvir esses e outros chamados de madrugada enquanto não durmo, pra conversar sobre como desentender esse desconforto mesmo. Revisito essa escrita torta que questiono se deveria existir, mas lembro que ela precisou/precisa acontecer. Por mais que a maior parte dela hoje possa não fazer o mesmo sentido de quando escrevi, são histórias que me marcaram a pele e que eu vou continuar a escrever e continuar... Na capengue mesma de não saber, de desentender, mas de tentar enxergar e ouvir. Ao terminar, como se isso fosse possível, já desconfio mesmo de tudo o que tentei escrever; porque os dias renovam as urgências e as necessidades e os desejos e o que entendemos (entendemos?) de nós. Por não saber como sair, por não ter achado uma porta aberta sequer, me despeço por essas frestas e fujo é pra *abrir espaço*.

Referencial Bibliográfico

ALBERT, Bruce. KOPENAWA, Davi. **A Queda do Céu. Palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ÁLVAREZ; Hélen. *El camino de Mujeres Creando, una sucesión de estridências*. 2009. (Disponível em <https://www.nodo50.org/mujerescreativas/EL%20CAMINO%20DE%20MUJERES%20CREANDO.htm> acesso em 13/04/2017).

BEY, Hakim. **Caos, terrorismo poético e outros crimes exemplares**. São Paulo: Conrad, 2003.

BEY, Hakim. **TAZ. Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero, Feminismo e subversão da identidade**. tr. br. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CALVINO, Itálo. **As cidades invisíveis**. Ed. Biblioteca Folha. São Paulo, 1972.

CBB. *Espaço para abortar: produção de resistência e outras bruxarias*. In: Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n.º 45 – mai 2015 - dez 2015.

DONINI, Angela. *Biopolítica e Tecnossexualidade*. Rvisita Quadranti , v. II, p. 310-320, 2014.

DONINI, Ângela. **A Desudir a lógica do gênero**. 2010. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

DUCHAMP Marcel. **Notes**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1980.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol. 1. Trad. bras. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no College de France** (1978 – 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. Coleção Tópicos.

FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. In: **Ditos e Escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 411-422.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALINDO, Maria. *Evo Morales y la Desconolización fálica del estado Boliviano*. 2006, tradução nossa. Disponível em: <http://www.muierescreando.org/pag/articulos/2006/arti_evodesconolizacion.htm>. Acesso em: 05 maio. 2017).

GALINDO, Maria. **Feminismo urgente, ¡ A despatriarcar !** Bolivia: Lavaca, 2013.

GALINDO, Maria. *Espejito Mágico*. Lavacca. La Paz, 2015.

GALINDO, Maria. *Es preciosa mi sangre*_. In: Revista *Mujer Pública!* ed. n.º1, 1995, *Identities e Pertinências*. COMPAZ, Artes Gráficas. La Paz, 1995.

GUEDES, Cíntia. *Memória de Sobrevivente*. In: Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n.º 45 – mai 2015 - dez 2015.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços de fome**. São Paulo. Editora Edibolso, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo. Editora Edibolso, 1976 (1960).

LACAN, Jacques (1964) *O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LEPECKI, André. ILHA v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012. *Coreopolítica coreopolícia*.

MOMBAÇA, Jota (Monstrx Erráticx). *A ferida colonial ainda dói*. Disponível em <https://diadeldolorcolonial.wordpress.com/portfolio/the-colonial-wound-still-hurts-jota-mombaca-monstra-erratica-brasil-en-venecia/>) 2015. Acesso em 5/maio, 2017.

MOMBAÇA, J. *Pode um cu mestiço falar?* 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mesticofalar-e915ed9c61ee>. Acesso em 5/maio, 2017.

PANAMBY, Sara/Elton; VICTÓRIO, Aldo; ESPÍNDOLA, Filipe; GUERÓN, Rodrigo. *Pesquisa em Performance : encontro, palavra e corpo*. In: Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 569-596, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em 3/maio, 2017.

PANAMBY, Sara Elton. **Perenidades, porosidades e penetrações: [trans]versalidades pela carne Pedregulhos pornográficos e ajuntamentos gózmicos para pesar Eu não sabia que sangrava até o dia em que jorrei**. Tese. Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul. *Nós dizemos revolução*. In: Caderno *Culture*, *Jornal Liberation*. 2013. Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/nos-dizemos-revolucao/>. Acesso em 4/maio, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"**. Revista Estudos Feministas, vol. 19, n. 1, p. 11-20, jan.-abril, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso Acesso em: 05 jun. 2016.

RIVERA, Tania. **O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise**. São Paulo: *Cosac Naify* (2013).

RIVERA, 2008, p.1. *Ensaio sobre o espaço e o sujeito. Lygia Clark e a psicanálise*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200004 Acesso em 13/03. *Ágora* (Rio J.) vol.11 n° 2. Rio de Janeiro July/Dec. 2008).

SANCHEZ, Sônia, GALINDO, Maria. **Ninguna mujer nace para puta**. Ed. Lavacca, La Paz/Buenos Aires. 2000.

SIQUEIRA, Indianara. **Manifesto Indianare-se**. 2016. Disponível em https://issuu.com/indianarasiqueira-50.169/docs/230816_indianara_manifesto_issuu_pa. Acesso em 10/05/2017.

TORRES, Diana J. **Pornoterrorismo**. Tafalla: Editorial Txalaparta s.l. , 2011.

Referencias videográficas

“Transformando el dolor del feminicidio en lucha por justicia” (Disponível em <http://www.noticiasfides.com/sociedad/mujeres-creando-pinto-la-fachada-de-la-vicepresidencia-en-protesta-por-la-violencia-machista-372875/>. Acesso em 22/04/17).

Descolonizar o museu - ciclo de conferências realizadas no MACBA em 2015 (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=V73MNOob_BU&t=4384s acesso 16/02/17).

Filmografia

Maranhão 669: jogos de poder (2014);

O Mundo de Lygia Clark (1973).

Referências musicais

Objeto sim, objeto não (1969). Composição Gilberto Gil (na voz de Gal Costa);

Fé cega, faca amolada (1976). Composição Milton Nascimento (nas vozes dos Doces Bárbaros);

Primavera dos dentes (1973). Composição João Apolinário / João Ricardo (na voz de Ney Matogrosso, com os Secos e Molhados);

Carta de amor (2012). Composição/Voz por Maria Bethânia;

Da lama ao caos (1994). Composição Chico Science (nas vozes de Nação Zumbi);

Ao que vai nascer (1972). Composição Fernando Brant (nas vozes de Clube da Esquina).

Referências cênicas

A Ferida Colonial Ainda Dói. Jota Mombaça. 2016.

A Sagração de Urubutisin, Sara Elton Panamby, 2013.

Xereka Satânica, Coletivo Coiote, 2014.

6 minutos, para habitar o corpo-encruzilhada, Camila Bacellar, 2016.

Entrevista:

SCHUCHTER, Ana Luiza., ARAÚJO, Kênia. *Resistências Feministas na arte da vida: as latências das encontros*. Rio de Janeiro, 2017.